

Organizadores
Luís Henrique Serra
Cibelle Corrêa Béliche Alves
Wendel Santos

Caderno de Resumos Expandidos

I ENSOMA

I Encontro
de Sociolinguistas
do Maranhão



13 E 14 DE JULHO DE 2023



EDLIFMA

**CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS DO I ENCONTRO DE
SOCIOLINGUISTAS DO MARANHÃO
13 E 14 DE JULHO DE 2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos



EDITORA DA UFMA

Diretor Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Conselho Editorial Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Diana Rocha da Silva
Profa. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues
Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro
Profa. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dra. Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

**LUÍS HENRIQUE SERRA
CIBELLE CORRÊA BÉLICHE ALVES
WENDEL SILVA DOS SANTOS
(ORGS)**

**CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS DO I ENCONTRO DE
SOCIOLINGUISTAS DO MARANHÃO
13 E 14 DE JULHO DE 2023**

São Luís



**EDUFMA
2023**

Copyright © 2023 by EDUFMA

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Revisão

Radiley Suelma
Os próprios autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Encontro de Sociolinguistas do Maranhão (1.: 2023: São Luís, MA).

Caderno de resumos expandidos do I Encontro de Sociolinguistas do Maranhão, 13 e 14 de julho de 2023 [recurso eletrônico] / Luís Henrique Serra, Cibelle Béliche Alves, Wendel Santos (orgs.). — São Luís: EDUFMA, 2023.

111 p.: il.

Modo de acesso: World Wide Web

<<https://www.edufma.ufma.br/>>

ISBN: 978-65-5363-363-6

1. Sociolinguista – Maranhão. 2. Variação morfossintática - Português maranhense. I. Serra, Luís Henrique. II. Alves, Cibelle Béliche. III. Santos, Wendel. IV. Título.

CDD 306.448 121

CDU 81'27(812.1)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz

Pereira

CRB 13 / 418

CRIADO/PRODUZIDO NO BRASIL [2023]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

APRESENTAÇÃO

O objetivo do I Encontro de Sociolinguistas do Maranhão – I ENSOMA é reunir pesquisadores maranhenses das diversas universidades presentes no estado, a exemplo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), em seus diversos campi, que concentram suas pesquisas na área dos estudos linguísticos denominada sociolinguística (WEEDWOOD, 2002), que tem em Labov (2008[1972]) seu principal representante. Esse autor explica que os falantes possuem consolidado conhecimento do aspecto social da língua e que, por essa razão, um dos corolários da abordagem sociolinguística é o de entender que uma “língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1966]: 100-101).

A realização do I ENSOMA é um esforço para o estabelecimento de pesquisas em Sociolinguísticas, assim como apresentar os resultados e reflexões que os grupos participantes têm desenvolvido nas universidades do Maranhão. Em sua primeira edição, o evento é realizado no Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, no auditório Mario Meireles, no campus de São Luís, entre os dias 13 e 14 de julho de 2023. Pesquisadores e alunos dos diferentes grupos de estudos das universidades convidadas apresentam resultados de suas pesquisas sobre o viés variacionista mostrando os diferentes enfoques da Sociolinguística.

O presente caderno de resumos expandido reúne os resumos das pesquisas que serão apresentados no encontro e representam um registro importante das ideias e das informações que esses grupos têm sobre o falar maranhense, assim como o uso da língua em diferentes contextos interativos.

Cumpre, por fim, agradecer à Função de Amparo ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA pelo apoio financeiro para custear o deslocamento e estadia dos pesquisadores de diferentes regiões do estado no evento, assim como aos pesquisadores que aceitaram participar desse momento importante da produção científica no campo da Sociolinguística no Estado.

Os organizadores

SUMÁRIO

**MESA 01 - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO MARANHÃO -
GELMA**

**MESA 02 - MESA DO GRUPO TERMINOLOGIA, TEXTO E DISCURSO
– GETTED**

**MESA 03 - GRUPO VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA COM BASE NO
PORTUGUÊS MARANHENSE**

MESA 04 - GRUPO LINGUAGEM, DISCURSO E ENSINO

**MESA 05 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM
SOCIOLINGÜÍSTICA DO MARANHÃO**

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

MESA 01- GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO MARANHÃO

ATTITUDES LINGÜÍSTICAS DOS FALANTES NO MARANHÃO

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda - CESC/UEMA

antonioluiz_am@hotmail.com

Introdução

Este projeto tem como objeto de estudo as atitudes e as variações linguísticas, que ocorrem no paradigma pronominal e no paradigma da flexão verbal e nominal, na língua falada na cidade de Caxias. A intenção foi continuar a pesquisa na Sociolinguística, a mesma área da tese de doutorado em Linguística na UFRJ concluída em agosto de 2014, que tínhamos como objetivo mais geral comprovar a existência do mito segundo o qual o falar do Maranhão é considerado o melhor se comparado aos demais no português brasileiro. E, mais específico, descrever o uso do *tu* com a concordância verbal de segunda pessoa do singular, com foco na variação, de modo a examinar contradições entre atitudes, crenças e usos. A conclusão é de que o estudo comprova a existência do mito e de que os informantes apresentam avaliação positiva para o pronome *você* atestando-o como prestígio em relação ao *tu*, nas variáveis *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. Somente a variante *ensino superior* que avalia melhor o pronome *tu*, como melhor. Em resumo, podemos adiantar que os achados atestam contradição entre atitudes e crenças dos falantes e seus usos.

Referencial teórico

Muitas pesquisas nas últimas décadas vêm mostrando que o português brasileiro (PB) vem distanciando-se do português europeu (PE), um dos pontos que os diferencia é o Parâmetro do Sujeito Nulo. O PB vem saltando de uma língua (+) sujeito nulo para uma língua (-) sujeito nulo, isto significa dizer que o PB vem preenchendo cada vez mais o sujeito pronominal em sentenças onde em línguas de sujeito nulo, como o PE, o sujeito é licenciado. Segundo Duarte (1993) está havendo um enfraquecimento do paradigma flexional de número e pessoa do verbo em virtude do preenchimento do sujeito pronominal, no seu *corpus* de textos escritos para peças teatrais, salta de 25%, em 1918, para 46%, em 1937; atingindo os níveis de 67% e 74% de sujeitos realizados, em 1975 e 1992, respectivamente. Para a autora, a elevação de realização do sujeito pronominal estaria relacionada com a substituição do pronome pessoal *tu* pelo pronome *você* e com a concorrência da expressão *a gente* com o pronome *nós*, ambos sem a marca de flexão verbal. Duarte; Rezende dos Reis (2018) desenvolveram um estudo diacrônico bastante significativo sobre a trajetória do sujeito pronominal no PB. Tendo como corpus trechos de peças de teatro pertencentes aos séculos XIX e XX a pesquisadora mostra que há um aumento significativo para o preenchimento ao longo dos períodos analisados, o parâmetro do sujeito nulo era marcado positivamente com um percentual de 80% no primeiro período, em 1845, e chegou a 26% no último período, ano de 1992. De acordo com os pesquisadores essa mudança que vem ocorrendo no PB deve-se ao enfraquecimento do paradigma flexional verbal. Dada a importância do estudo sobre crenças e atitudes linguísticas, este trabalho dispõe-se também em evidenciar no falante, tanto os aspectos sociais quanto os linguísticos sobre o paradigma pronominal do português brasileiro, entre os quais estão os morfossintáticos e sintáticos, por exemplo,

o preenchimento do sujeito, o reconhecimento da concordância verbal e nominal, a alternância dos pronomes do dialeto local e o processo de crenças e atitudes perante a língua falada caxiense.

Metodologia

A fundamentação teórica está aliada à teoria da variação e mudança linguística, Sociolinguística Variacionista com os seguintes estudiosos: Duarte (1993, 1995), Labov (2008), Mollica, Braga (2003), Miranda (2014-2018), Mussalim (2006), Naro; Scherre (1998, 2000), Scherre (1994), e outros que contribuem para a fomentação deste tema. As pesquisas estão sendo realizadas com 72 falantes da zona urbana de Caxias, estado do Maranhão, nascidas ou que tenham mudado para essa cidade até aos sete anos de idade e que não se ausentou dela por mais de cinco anos, controlando as variáveis de sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30, 31 a 49 e 50 em diante), escolaridade (Ensino fundamental menor, Ensino fundamental maior, Ensino médio e Ensino superior).

Resultados e discussões

Alguns resultados já foram alcançados pelo projeto ALFMA, citaremos um resultado para os três tipos de variação, a alternância, a concordância e o preenchimento do sujeito. De acordo com a pesquisa, os resultados para a *alternância dos pronomes nós e a gente* na comunidade caxiense mostram que os usos dos pronomes totalizaram 928 ocorrências, sendo 195 empregos de *nós*, equivalendo ao percentual de 21%, do total de ocorrências e 733 empregos de *a gente*, que corresponde ao percentual de 79%, do total de ocorrências. Para a *concordância verbal na terceira pessoa do plural*, obtivemos 788 ocorrências, sendo 609 com a aplicação da concordância, equivalendo ao percentual de 77,3% e 179 com a aplicação da não concordância, equivalendo ao percentual de 22,7% do total de ocorrências. Quanto ao *preenchimento do sujeito de 2ª pessoa do singular* em que encontramos 364 ocorrências, das quais 199 se referem à aplicação do preenchimento do sujeito, que corresponde a 54,7%, enquanto o sujeito zero equivale a 165 dados, que corresponde a 45,3% do total de dados. Quanto à *concordância verbal na segunda pessoa do plural com o pronome vocês*, apenas nas questões motivadoras 55 e 56 das entrevistas. Portanto, levando em consideração as duas questões motivadoras, como já mencionadas, dentro do total de 72 entrevistas selecionadas, foi possível verificar que, **20** ou 27,7% dos 72 informantes, consideram a melhor forma de ouvir e utilizam, a concordância verbal do sujeito vocês *sem* a marca flexional (vocês sabeø). Ainda desse total, **8** ou 11,1% informantes afirmam que a melhor forma de se ouvir a concordância do sujeito você é *com* a marca flexional, mas não a utilizam, e **1** igual a 1,3% informante diz que a melhor maneira de se ouvir é *sem* e afirma utilizar em sua fala a concordância *com* a marca flexional.

Conclusão

Quanto aos resultados para a *alternância dos pronomes nós e a gente* observamos que a variante inovadora *a gente* apresenta maior percentual que o *nós*. No entanto, há crenças e atitudes positivas em favor do uso de *nós* como prestígio. Para a *concordância verbal na terceira pessoa do plural* está havendo um enfraquecimento da concordância e a forma inovadora *sem* a marca de plural está desaparecendo. Quanto ao *preenchimento do sujeito*, os estudos demonstram que a língua está preenchendo o

sujeito, isto é, está perdendo algumas propriedades que a caracterizam como uma língua *pro-drop*, desse modo, o nosso português evolui para uma língua não-*pro-drop*.

Referências

- DUARTE, M. Eugênia. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.
- DUARTE, M. E Eugênia. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. 1995**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. Eugênia. L. (org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola Ed., 2012.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MIRANDA, Antônio Luiz Alencar; SANTOS, Valdinete Vieira dos; SILVA, Frankilson Carvalho da. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os maranhenses sobre sua fala. **REVISTA DE LETRAS JUÇARA**. Caxias: UEMA, V.2, p.112 - 128, 2018.
- MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. Rio de Janeiro: 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- MOLLICA, Maria Cecília BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

O preenchimento do sujeito na 1ª pessoa do singular

Jocyelma Matos de Jesus - CESC/UEMA

jocyelmamatos@gmail.com

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda - CESC/UEMA

antonioluiz_am@hotmail.com

Introdução

Pesquisas sociolinguísticas nos últimos tempos mostram que o PB cada vez mais distancia-se da variedade europeia. (cf. DUARTE, 2018; SILVA, 2007). E, o que os diferencia é o Parâmetro do Sujeito Nulo, ou seja, o PB cada vez mais mostra-se preenchendo o sujeito pronominal em sentenças onde em línguas de sujeito nulo, como o PE, o sujeito é licenciado. Nesse sentido, a pesquisa objetivou analisar o preenchimento do sujeito na 1ª pessoa do singular na língua falada na cidade de Caxias, Estado do Maranhão, isto porque no estado pesquisas nessa área ainda são principiantes, poucos são os estudos realizados. O estudo trata-se, pois, de uma pesquisa sociolinguística que segue o modelo teórico-metodológico da Teoria de Variação e Mudança utilizando alguns pressupostos gramaticais do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Referencial teórico

Muitos trabalhos de pesquisadores brasileiros, realizados a partir de pesquisas quantitativas, mostram que o português brasileiro vem cada vez mais preenchendo o sujeito e distanciando-se de uma língua de sujeito nulo. Com base em análises realizadas em peças de teatros dos séculos XIX e XX, Duarte (2018) realizou um estudo diacrônico significativo onde mostra, ao longo de sete períodos, a trajetória do pronome sujeito no PB. De acordo com os resultados desse estudo, em 1845, primeiro período analisado, o Parâmetro do Sujeito Nulo era marcado positivamente com um percentual de 80%, e deste resultado chegou a 26% no último período, ano de 1992.

De acordo com Duarte (2018) esse aumento do preenchimento que vem ocorrendo deve-se ao enfraquecimento do sistema flexional verbal. Pinto Junior (2020), citando autores como Cerqueira e Galves, ressalta que com o surgimento de novas formas que se incorporam ao paradigma pronominal o PB passou a ter um sistema flexional empobrecido e fraco, pois perdeu a capacidade de diferenciação entre as pessoas do discurso, uma vez que ocorre o enfraquecimento tanto de número como de pessoa, nesse caso, a 1ª pessoa do singular é a única que ainda conserva marca morfológica na maioria dos tempos verbais, portanto, difere-se em relação a morfologia verbal das demais pessoas.

Metodologia

A produção de resenhas e fichamentos constituíram as primeiras etapas deste trabalho. Posteriormente, foram revisadas 72 entrevistas já realizadas, estas foram feitas com informantes da zona urbana de Caxias do Maranhão, todos os entrevistados atenderam aos seguintes requisitos: nascidos ou que tenham

mudado para a cidade até os 7 anos e que não tenham se ausentado dela por mais de 5 anos. O banco de dados utilizado é uma amostra do projeto ALFMA (MIRANDA, 2016). A codificação das ocorrências encontradas, tanto para o sujeito nulo como para o expresso, constituiu a etapa seguinte. Logo depois, utilizou-se o programa estatístico *Godvarb X*. A última etapa foi a da interpretação dos resultados.

Resultados e discussões

Nas 72 entrevistas foram contabilizadas um total de 5492 ocorrências tanto para o preenchimento quanto para a ausência do pronome sujeito de 1ª pessoa do singular. Desse total 3758 corresponde ao número de aplicações para o preenchimento e apenas 1734 corresponde ao sujeito nulo. Assim sendo, preenchimento obteve uma frequência de 68,4% enquanto o não preenchimento obteve um percentual de 31,6%, como está exposto na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência do preenchimento do pronome sujeito – *eu*, na fala caxiense.

Pronome	Aplicação	Total de Ocorrências	Frequência - %
Preenchido	3758	5492	68,4%
Não Preenchido	1734	5492	31,6%

Fonte: própria

Esses resultados vão de encontro com muitos outros estudos que apresentam igualmente percentuais elevados para o preenchimento, como o estudo desenvolvido por Menon (2000), pesquisa em que apresenta um percentual de 67% favorecendo o preenchimento da 1ª pessoa do singular.

Neste estudo, a maioria dos fatores sociais analisados apresentaram frequências acima de 60% para a realização do pronome sujeito. Apesar das altas frequências apresentadas para o preenchimento não constatamos uma indicação de mudança em tempo aparente através do fator social faixa etária. Os pesos relativos apresentados para cada faixa etária foram 0.46, 0.51 e 0.52, pesos bem próximos dispostos numa escala crescente para o preenchimento, dos mais jovens aos mais velhos.

Em relação aos fatores linguísticos constatamos que os maiores pesos relativos foram apresentados pelos fatores linguísticos: tempo verbal infinitivo, com 0.86 e tipo de sentença interrogativa, com 0.77.

Em relação às atitudes dos falantes, para com as variáveis linguísticas em estudo, constatamos que há crenças e atitudes positivas em favor do uso do sujeito preenchido como prestígio, os informantes apontaram a forma preenchida como sendo tanta a melhor de ouvir como a que eles mais utilizam, isto significa que o preenchimento do sujeito pronominal de 1ª pessoa do singular é a forma que eles acreditam desfrutar de prestígio. Talvez, como traz Menon (2000), o PB esteja mudando de língua de sujeito nulo para língua de sujeito preenchido no que diz respeito à fonte escrita e não oral, pois como se sabe nas escolas é comum que seja ensinado aos alunos a evitarem o pronome sujeito junto ao verbo, por acreditar que as desinências verbais já trazem a pessoa do discurso, no entanto,

como traz muitos autores, a mudança que vem ocorrendo no paradigma flexional verbal exige cada vez mais o preenchimento do sujeito.

Conclusão

Com a pesquisa realizada foi possível perceber que os caxienses não só favorecem o preenchimento como também o consideram a forma prestigiada. Ao longo da apresentação dos resultados, o preenchimento se sobressaiu mesmo não havendo uma indicação de mudança em tempo aparente. Todos os objetivos estipulados foram alcançados. Esta pesquisa ajuda não só a traçar um perfil da fala maranhense como também contribui para a ampliação do conhecimento sobre Sociolinguística.

Referências

DUARTE, M. E.L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I & Kato, M.A. (Orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. – 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2018.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MENON, O. P. S. **Uso do Pronome Sujeito de Primeira Pessoa no Português do Brasil**. ORGANON: 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30202>. Acesso em: nov. 2020.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Atitudes Linguísticas dos falantes no Maranhão**. Projeto de pesquisa aprovado pela FAPEMA e UEMA em 2015, Caxias: UEMA, 2016.

PINTO JUNIOR, Clealdo. **O preenchimento do pronome sujeito de 1ª pessoa do singular: uma análise variacionista no falar fortalezense**/ Clealdo Pinto Junior. - 2020.

SILVA, Humberto Soares. **O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol**. Diadorim: 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ártica, 1985.

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL NA COMUNIDADE CAXIENSE

Elesandra da Silva Santos - CESC/UEMA
santoselesandra7@gmail.com

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda - CESC/UEMA
antonioluiz_am@hotmail.com

Introdução

Para o desenvolvimento da pesquisa, levantamos as seguintes hipóteses: Ocorre maior presença para a concordância nominal de número; A escolaridade é o fator que favorece concordância nominal de número; e de que a concordância nominal de número se caracteriza como mudança em progresso?

Para dar conta do exposto acima, temos como objeto de estudo a presença ou a ausência da concordância nominal de número que ocorrem no paradigma da flexão nominal, no português brasileiro.

Alguns trabalhos que abordam esse tema já foram realizados. Pode-se citar: Braga (1977) em um estudo no triângulo mineiro. Dois estudos de Maria Marta Scherre foram: “A regra de concordância de número no sintagma nominal em português”, em 1978, como dissertação de mestrado; e “Reanálise da concordância nominal em português”, em 1988, como tese de doutorado. Naro & Scherre (1998) mostram que a concordância de número no português apresenta uma variação sistemática, exibindo variantes explícitas e variante zero (Ø) de plural em elementos verbais e nominais.

Referencial teórico

William Labov com a formulação de um modelo de descrição e interpretação de fenômenos linguísticos (Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação), foi responsável por fixar o termo sociolinguística. Segundo Labov (2008) “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade que ela ocorre”, portanto necessita-se de uma ciência que estude esses comportamentos, atualmente a Sociolinguística.

A sociolinguística confia que toda língua falada apresenta variação decorrente da heterogeneidade, conjectura sustentada por muito pesquisadores que se dedicam a esse estudo de relação língua e sociedade.

No português brasileiro a concordância nominal pode se alternar, a partir dos fatores morfológicos e sintáticos, a análise de Sherre (1988) sustenta esta ideia, segundo Omena e Duarte (2008), como exemplo da atuação de fatores morfológicos na realização de uma variável, esclarece:

Sobre os grupos de fatores linguísticos atuantes na concordância de número entre os elementos do sintagma nominal. A autora observou que o grau do substantivo que constitui o núcleo do SN e o tipo de pluralidade desse núcleo são relevantes para realização da variável. No que diz respeito ao grau, a análise considerou de um lado os substantivo aumentativo e diminutivos e de outro aqueles no grau normal:

- (1)umas garotinha lá....
.....meus amigão.....
.....uns quatrocentos bolinhos de....
.....dois cavalos lindo..... (OMENA e DUARTE, 2008, p.81)

Quando se observa as sentenças acima, o diminutivo e aumentativo não apresentam o uso da marca de plural, logo se opõem aos substantivos de grau normal, que os favorecia.

Sherre (1994) em os aspectos de número no português do Brasil, com o intuito entender a variável de concordância nominal, observa a variável através da posição e classe gramatical, acredita que não é apenas a posição linear ou a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número, mas sim a interrelação entre elas, bem como a relação que se estabelece entre os determinantes SN e o núcleo. Com base em sua hipótese desenvolve uma análise e obtém que:

Com base nos resultados obtidos, pude generalizar que recebem mais marcas de plural explícitas todos os elementos nominais determinantes antepostos ao elemento nominal determinado ou núcleo (**novas** escolas/**aquelas** cruzinha toda/**os próprios** vagabundo/**os piores** nome feio/**todos os** anos/**os meus** filho) e recebem menos marcas explícitas de plural todos os elementos nominais determinantes pospostos ao núcleo (essas estradas **nova**/dez senhoras lá **sentada**/aquelas pessoas assim bem **esquisitinha**/três colega **meu**/essas bestera **toda**) (SHERRE,1994, p.4)

Observamos que os elementos nominais determinados ou nucleares, por sua vez, são mais sensíveis à posição que ocupam dentro do SN. Fica evidente que os elementos que estão a esquerda do núcleo tende a receber mais marcas de plural (os determinantes antepostos), enquanto que aquelas à direita recebem menos marca de plural explícita (os determinantes posposto).

Metodologia

A pesquisa está sendo realizada na amostra do projeto ALFMA, (MIRANDA, 2016), com 72 falantes da zona urbana de Caxias, estado do Maranhão, nascidas ou que tenham mudado para essa cidade até aos sete anos de idade e que não se ausentou dela por mais de cinco anos, controlando as variáveis de sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30, 31 a 49 e 50 em diante), escolaridade (Ensino fundamental menor, Ensino fundamental maior, Ensino médio e Ensino superior).

O estudo segue com a transcrição dos áudios, identificação dos fenômenos com as codificações, seguindo o envelope da variação, posteriormente rodados no *GoldVarb X* e, por fim, a análise e descrição dos fenômenos variável.

Resultados e discussões

A pesquisa está em fase de desenvolvimento, as codificações dos fenômenos estão sendo realizadas, posteriormente a rodagem no *GoldVarb X* e finalizando com a análise. No quadro o exemplo de como estão sendo feitas.

**Informante 05: 2ª faixa etária. – Ensino fundamental menor
– Sexo masculino**

(C2aSpC25m (... as pessoas que trabalham entregando...))	02	019
(C3aSxC25m (... todos os políticos poderosos de lá...))	02	020
(C2aSxV25m (... não deixar as lâmpadas acessar...))	02	021
(C2aSxV25m (... eliminar os violentos e não pode...))	02	022
(C2aSpC25m (... os vizinhos são legal...))	02	023
(C2pSpU25m (... para algumas pessoas ...))	02	024
(C2nSpC25m (...tem umas falhazinhas mais é normal.))	02	024

Conclusões

A Língua como conceito geral é usada para transmitir informações entre os membros de uma comunidade. Desse modo, esse estudo procurará analisar a concordância nominal de número no sintagma nominal na fala caxiense, caracterizando melhor o usuário e a realidade sociolinguística sobre a variável em foco.

Referências

- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**; William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola editorai, 2008.
- MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Atitudes Linguísticas dos falantes no Maranhão**. Projeto de pesquisa aprovado pela FAPEMA e UEMA, Caxias: UEMA, 2016.
- OMENA; DUARTE. Variáveis morfossintática. In: MOLLICA, Maria Cecilia BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento, 1988.
- _____. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil**. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP). Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:13. dez. de 1994.

**MESA 02- GRUPO DE ESTUDOS
EM TERMINOLOGIA, TEXTO E
DISCURSO**

ASPECTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TERMINOLOGIA: DIMENSÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Luís Henrique Serra

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Grupo de Estudos em Terminologia, Texto e Discurso - GETTED

luis.henrique@ufma.br

Introdução

Neste trabalho, buscamos apresentar as diferentes dimensões da variação em Terminologia enquanto campo de estudos do léxico e do texto especializado. No trabalho, evidenciaremos as diferentes faces da variação terminológica enquanto um fenômeno linguístico e comunicativo na interação ocorrida em ambiente técnico, profissional e científico. Nesse sentido, apresentaremos a discussão teórica ocorrida no âmbito da Terminologia que delimita opções teóricas e metodológicas para a produção de ferramentas teóricas e metodológica, além da análise das unidades linguísticas do discurso científico e técnico – os termos.

Referencial teórico

Um das primeiras e principais discussões dentro do campo da Terminologia enquanto uma disciplina foi o papel da variação linguística para a comunicação em ambientes técnicos e especializados. Wüster (1998) entendia que a variação poderia ser um atrapalho na comunicação especializada, uma vez que a diversidade de denominações para um mesmo conceito seria um defeito da linguagem que deveria ser evitado na interação entre especialistas. Na esteira dessas ideias, Wüster propunha um conjunto de orientações metodológicas que buscavam evitar o famigerado atrapalha apontado pelo engenheiro austríaco. O conjunto desses princípios ficou conhecido como Teoria Geral da Terminologia – TGT. Nesse conjunto de ideias, Wüster defendia que a variação, tanto em sua dimensão denominativa quanto cognitiva, deveria ser controlada a partir da planificação dos nomes dos conceitos de uma área e defendendo a ideia de que o conceito é universal e invariável para todas as línguas. A TGT recebeu muitas críticas que vieram de várias áreas do conhecimento, sobretudo porque provocou profundo impacto em políticas linguísticas de órgão governamentais como na ONU e em governos de países multilíngues, como o Canadá e Espanha. Desses dois países, vêm as críticas mais produtivas ao modelo de pensar a comunicação especializada. Dessas críticas, surgem dois campos de conhecimento muito importantes para a compreensão para a compreensão da Terminologia como um campo dos estudos linguísticos. Cientistas das ciências humanas e sociais teceram um conjunto de críticas ao modelo, destacando o caráter reducionista da proposta, que não considera a natureza, a cultura e a natureza linguística da comunicação nas diferentes áreas do conhecimento humano. Na busca de apresentar uma proposta mais ampla, Cabré (2003) buscou desenvolver a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), com forte influência das discussões sociolinguísticas e pragmáticas das diferentes áreas do conhecimento humano. Na

proposta de Cabré, os diferentes campos do conhecimento humano e suas características comunicativas são contemplados. Cabré (2005, p.8) comenta que:

los datos terminológicos los observamos en su discurso natural, variado en cuanto a adecuación a los distintos registros funcionales de la comunicación especializada, los datos que tenemos ante nuestra vista son menos sistemáticos, menos unívocos y menos universales que los anteriores. La razón es obvia: en el discurso especializado oral y escrito la terminología es un recurso expresivo y comunicativo y, de acuerdo con estas dos variables, el discurso presenta redundancia, variación conceptual y variación sinonímica, y además permite constatar que no siempre se produce una perfecta equivalencia entre lenguas. Es en esta diferencia de marco de observación de los datos donde cabe encontrar una de las más importantes disensiones.

Como se observa, a orientação de Cabré contempla um conjunto de elementos das teorias linguistas e dá ao campo da Terminologia uma concepção social da comunicação no universo técnico-profissional e científico. Conforme Almeida (2014), a partir da proposta de Cabré, novas abordagens do discurso especializado foram sendo feitas e o discurso especializado foi sendo entendido como uma dimensão da linguagem humana e, por isso, apresenta os mesmos fenômenos do discurso cotidiano e geral. A partir dessa nova abordagem, a variação ficou sendo entendida como um fator relevante e fundamental para a comunicação especializada e, a ela, deveria ser dada a atenção necessária para a compreensão dela na comunicação especializada. Dentre as abordagens que seguiram a TCT, cumpre destacar a proposta de estudo de variação terminológica, de Freixa (2002). A autora entende, influenciada pela Sociolinguística, que a variação terminológica não é aleatória e, cumpre a investigação terminológica, a tarefa de elencar motivações para esse fenômeno. Desse modo, a autora propõe a seleção de fatores linguísticos, sociais, culturais, cognitivos e pragmáticos que motivam a variação. A autora reúne os fatores em 6 grandes grupos, que a autora chama de causas de variação: causas prévias, dialetológicas, funcionais, discursivas, interlinguísticas e cognitivas. Cada causa reúne um conjunto de fatores que seriam as motivações que levariam o especialista a variar na denominação dos conceitos em um discurso/texto acadêmico-profissional. Essa motivação pode acontecer a partir de uma articulação de causas ou por uma só causa (FREIXA, 2013). O Grupo de Estudos em Terminologia, Texto e Discurso - GETTED tem se inspirado no modelo de Freixa para realizar pesquisas no discurso especializado de diferentes áreas do conhecimento humano.

Metodologia

Este texto é uma revisão bibliográfica dos estudos no campo da Terminologia e, por isso, foi feita a partir de uma pesquisa bibliográfica, com a técnica de revisão de trabalho acadêmicos nesse campo.

Resultados e discussões

O grupo de Estudos em Terminologia, Texto e Discurso – GETTED tem buscado produzir pesquisas no campo da Terminologia que consideram aspectos da

Teoria Comunicativa e do Modelo das causas da variação terminológica de Freixa. Nesse sentido, o projeto *Variação denominativa no discurso especializado e comum – investigando motivações em corpora orais e escritos* reúne um conjunto de investigações em textos orais, escritos e em Libras de áreas como da saúde e da engenharia agrônoma, buscando encontrar aspectos linguísticos e pragmáticos desses campos do conhecimento humano. O quadro 01, sumariza as pesquisas em andamento nesse projeto:

Quadro 01 – Pesquisas no GETTED

Pesquisa	Nível	Área	Materialidade
<i>O texto oral especializado: um estudo terminológico no universo da cana-de-açúcar</i>	Iniciação Científica – PIBIC/CNPq	Agronomia	Textos Oraís realizados em palestras e aulas
<i>a variação morfológica da terminologia da cana-de-açúcar no português brasileiro</i>	Iniciação Científica – PIBIC/CNPq	Agronomia	Textos escritos de variados gêneros
<i>Um estudo contrastivo da variação na terminologia da COVID19 na imprensa brasileira e de Portugal: aspectos léxico-textuais</i>	Iniciação Científica – PIBIC/FAPEMA	Saúde	Textos jornalísticos publicados em imprensas do Brasil e de Portugal
<i>Glossário de Libras: variação terminológica dos sinais-termo da Linguística</i>	Mestrado – PPGLB/UFMA	Linguística	Textos científicos escritos

Fonte: própria

Todas as pesquisas apresentadas no quadro se inspiram nos estudos sobre variação denominativa em Terminologia e consideram os pressupostos teóricos e metodológicos da TCT e do modelo de causas de variação de Freixa. Essas pesquisas consideram aspectos linguísticos e não-linguísticos (funcionais) para explicar as motivações que existem nas terminologias dessas áreas.

Conclusões

O propósito deste texto foi apresentar, de forma resumida, os pressupostos teóricos e metodológicos da Terminologia, sobretudo quando considera o fenômeno da variação. Além desse aspecto, foram apresentadas as pesquisas que estão em andamento no GETTED, que consideram pressupostos linguísticos para a análise da variação terminológica em diferentes áreas do conhecimento humano.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, G. B. Terminologia: o que é e como se faz? In. GONÇALVES, A.V; GÓIS, M.L.S. **Ciências da Linguagem: o fazer científico**. São Paulo: Mercado das Letras, 2012,
- CABRÉ, M. T. La Terminología, una disciplina em evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Debate Terminológico**, n.1, p. 1-20, 2005.
- FREIXA, J. **La variació terminològica**. Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d' especializació de l' àrea de mei ambient. 397f. Terse (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto di Linguística Aplicata, 2002.
- FREIXA. J. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. **Debate Terminológico**. n. 9, v. 1, p. 11-37, 2013.

GLOSSÁRIO DE LIBRAS: VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA DOS SINAIS-TERMO DA LINGUÍSTICA

Ruan Pires Azevedo
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
ruan.pires@discente.ufma.br

Luís Henrique Serra
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
luis.henrique@ufma.br

Introdução

Esta pesquisa tem como ponto de partida a comunidade discursiva surda utente da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS com interesse na formação em Letras, especialmente na Linguística. É sabido que a Libras tem o status legítimo de língua como meio legal de comunicação e expressão da comunidade de surdos brasileiros e, por isso, torna-se imprescindível haver vocabulários/léxicos de áreas técnico-profissionais e científicas adaptados à língua desses indivíduos, para que seja possível transmitir os conceitos e ideias de todas as áreas do saber humano, assim como a cultura comunicativa dessas áreas. Nesse viés, o objetivo geral do trabalho é analisar a presença de variação terminológica no gênero textual sinalário/glossário digital na inclusão e formação de uma comunidade de surdos especialistas no campo da Linguística. Além disso, objetivamos ainda apresentar os resultados de uma seleção de termos que foram analisados como relevantes em uma coleta feita com a ajuda do programa AntConc em um corpus especializado da área da Linguística, assim como compreender e constatar o processo de variação. Em face ao exposto, pleiteia-se, com a pesquisa geral, a produção de um produto terminográfico que possa contribuir e servir como base para discussões nos estudos da área em Libras.

Referencial teórico

A Libras é uma língua visual-espacial e utiliza as mãos, o corpo, os espaços e a visão para ser produzida e percebida (QUADROS, 2019). É uma língua viva, dinâmica, em constante mudança e transformação, assim como toda língua natural, apresenta variação. O discurso acadêmico-científico e profissional, produzido pelos especialistas das diferentes áreas também apresentam esse fenômeno e, por isso, a Terminologia, campo de estudo da comunicação especializada, entende que a variação terminológica pode ocorrer em dois níveis: conceitual e denominativo (FAULSTICH, 2006; GAUDIN, 2005). No nível conceitual, a variação ocorre quando “una misma persona puede abordar un mismo concepto desde diferentes perspectivas en distintos momentos. esta variabilidad en el plano cognitivo puede reflejarse en el plano lingüístico a través de variación terminológica.” (FERNANDEZ-SILVA, BECERA ROJAS, 2015, p. 187), por exemplo, as diferentes concepções sobre palavra em Linguística. No nível denominativo, a variação ocorre quando duas denominações se referem a um mesmo conceito, como, por exemplo, os termos “linguística” e “Ciência da Linguagem”, ambos correspondem ao mesmo conceito. Destacar a variação terminológica é contestar a Teoria Geral da Terminologia (TGT), idealizada por Wüster (KRIGER E FINATTO, 2021; BARROS, 2004), que buscava a padronização e uniformização da comunicação

no universo científico. O presente trabalho se alinha com a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Cabré (1999), que é descritiva, ou seja, leva em consideração aspectos linguísticos e não linguísticos para analisar a variação linguística.

Metodologia

Esta pesquisa tem uma natureza aplicada e foi realizada considerando técnicas de coleta de dados como pesquisas de cunho bibliográfico e de campo. A pesquisa bibliográfica foi a coleta de textos acadêmicos da área da Linguística, especificamente, das subáreas Sociolinguística, Morfologia, Fonética e Fonologia, retirados do Periódico Capes e Repositórios Institucionais de Universidades Públicas para compor o corpus da pesquisa, ou seja, a partir dos textos, foram selecionados os termos apresentados. Os textos que compõem o corpus foram publicados entre os anos de 2010-2022. Após seleção do texto, colocamos a seleta no programa AntConc, programa computacional de análise e processamento de textos para estudos de vocabulário. O programa ajudou a fazer a seleção dos termos mais pertinentes e relevantes nos textos processados. Após, realizou-se entrevistas com sujeitos surdos para coleta e validação dos sinais-termo.

Resultados e discussões

Entre os termos com maior número de repetições, foram selecionados 20 (vinte) que são específicos da área da Linguística (QR code a seguir). Na apresentação dos 20 termos aos entrevistados, foi possível constatar que os participantes conheciam todos os termos. Nas entrevistas, identificaram-se sinais Simples – sinais constituídos por apenas 1 (um) sinal para representar o referente, e Compostos - sinais que são realizados a partir de 2(dois) ou mais sinais para um único referente. Não foram identificados sinais datilológicos e termos que não possuem sinais específicos. Além disso, foi identificado variação terminológica. Dentre os termos encontrados, selecionamos dois termos para exemplificar de acordo com o nível da variação:

Nível	Termo
Conceitual	Língua
Denominativo	Linguística

Fonte: própria



Fonte: PEREIRA, 2018

Título: Nível conceitual. Termo “padrão”.



Fonte: própria



Título: Nível denominativo. Termo “Linguística”.



Sinal 1



Sinal 2



Fonte: própria

Percebeu-se que 10 (dez) sinais apresentaram variações do nível denominativo: os termos “Abordagem”, “Cultura”, “Descrição”, “Língua”, “Parâmetros”, “Pragmática”, “Sistema”, “Sociolinguística”. Apenas 1 (um) sinal do nível conceitual: o termo “Padrão”, que também pode significar o sinal de “Igualdade” a depender do contexto utilizado. Interessante destacar que os outros termos coletados e não citados tiveram somente um sinal realizado que designa seu significado.

Conclusões

A partir da presente pesquisa, foi possível evidenciar a presença de variação terminológica, bem como requer termos específicos para comunicar e assimilar conhecimentos no campo da linguística, visto que há uma comunidade discursiva surda que carece dessas lexias específicas e clara compreensão do processo de variação existente na língua de sinais.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.
- CABRÉ, M.T. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: IULA, 1999.
- FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, 2006.
- GAUDIN, F. La socioterminologie. In: *Langages*, n. 157, p. 80-92, 2005.
- KRIEGER, M.G.; FINATTO, M.J.B. Dos fundamentos. In: _____. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.
- PEREIRA, Amanda Henrique. **Terminologia do direito do Consumidor: análise das motivações da Variação terminológica**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista (Unesp). São Paulo, p. 10, 2018.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

UM ESTUDO CONTRASTIVO SOBRE A VARIAÇÃO NA TERMINOLOGIA DA COVID-19 NAS IMPENSAS DO BRASIL E DE PORTUGAL: ASPECTOS LÉXICO-TEXUAIS

Autor: Airton Gonçalves Leite
(GETTED-UFMA/PIBIC-FAPEMA)
Email: airton.leite@discente.ufma.br

Luís Henrique Serra
(GETTED-UFMA)
E-mail: luis.henrique@ufma.br

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere no campo de estudos da Terminologia e trata de um estudo descritivo da variação na terminologia da COVID-19 em textos voltados ao leitor comum e produzidos pela imprensa do Brasil e de Portugal, nas categorias Divulgação Científica. O objetivo principal é mostrar que a variação denominativa acontece por fatores que são inerentes ao sistema linguísticos e por fatores extralinguísticos do funcionamento do discurso científico e especializado na imprensa. Desse modo, o estudo leva em consideração a variação lexical, o contexto comunicativo e a profissão do autor do texto, assim como o gênero de divulgação artigo de divulgação jornalística como elementos condicionantes da variação no universo em análise. A hipótese central do estudo é que a variação lexical no âmbito das comunicações especializadas é um fenômeno natural, assim como é na linguagem comum, e que a mudança nas denominações dos conceitos sobre a COVID-19 veiculados por jornalistas se configura como uma estratégia discursiva, pois permite ao especialista adaptar o discurso científico que, em geral, é pouco compreendido pelo público não especializado, leitor do texto da imprensa. Para os objetivos desta pesquisa, serão utilizados como objeto de análise textos de divulgação (textos jornalísticos eletrônicos) que abordam a temática da pandemia de COVID-19 e que são veiculados no Brasil e em Portugal. O pressuposto teórico principal do estudo é a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 2003), teoria da Terminologia que é profundamente associada à Sociolinguística, e o modelo de causas de variação denominativa de Freixa (2003, 2013), que mostra, em seu estudo, que a variação na Terminologia ocorre tanto por fatores funcionais da interação verbal quanto fatores linguísticos referentes a questões geográficas, sociais e cronológica.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Para o embasamento teórico desta pesquisa, serão considerados os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 1999, 2003) e os estudos da Variação terminológica e suas causas (FREIXA,

(2003, 2013), além de trabalhos no campo da divulgação científica que nos orientam quanto às características do texto de divulgação científica (CORTINA, 2020). A respeito da variação terminológica vale dizer que é uma conquista recente nos estudos linguísticos-descritivos da Terminologia e contribui para a aceitação de que a comunicação científica ou profissional também está sujeita aos mesmos processos presentes na linguagem comum.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia, a presente pesquisa tem uma abordagem qualiquantitativa e natureza bibliográfica e exploratória. Para compor o corpus de análise do estudo, estão sendo recolhidos textos de divulgação científica que abordam a temática da pandemia de covid-19. Os textos selecionados são extraídos de sites jornalísticos do Brasil e de Portugal. Após selecionados, os textos são editados em formato *txt*. e separados em pastas e posteriormente processados no programa AntConc de análise vocabular-textual. Os sites selecionados são UOL, FOLHA DE SP, O GLOBO, G1 do Brasil e EXPRESSO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, CORREIO DA MANHÃ e PÚBLICO de Portugal.

DADOS E DISCUSSÕES

A seguir, é apresentado um quadro com os termos e as variantes encontrados no *corpus* analisado. Para exemplo trazemos duas definições do universo de estudos da covid-19.

BRASIL			PORTUGAL		
Definição	Termo científico	Variantes	Definição	Termo científico	Variantes
<i>Variante do vírus Sars cov-2, documentada pela primeira vez na região do Reino Unido</i>	B.1.1.7	Variante inglesa, variante Alpha, variante de preocupação, VOCS	<i>Variante do vírus Sars cov-2, documentada pela primeira vez na região do Reino Unido</i>	B.1.1.7	Variante de Inglaterra, variante do Reino Unido, variante Alpha
<i>Condição que aparece geralmente três meses após o início do COVID-19, com sintomas que duram pelo menos dois meses e não podem ser explicados por um</i>	Condição pós-covid	Covid longa, pós-covid, forma prolongada de covid	<i>Condição que aparece geralmente três meses após o início do COVID-19, com sintomas que duram pelo menos dois meses e não podem ser explicados por um</i>	Condição pós-covid	Long covid, covid-19 persistente

<i>diagnóstico alternativo</i>			<i>diagnóstico alternativo</i>		
--------------------------------	--	--	--------------------------------	--	--

No quadro, podemos perceber que, embora haja termos padrões que sejam usados por ambos os países, a forma como os especialistas adaptam os termos é diferente. Vale lembrar novamente que variação devido a aspectos funcionais da linguagem não acarreta perda de sentido, pelo contrário, ela permite adaptar o discurso aos diferentes destinatários.

CONCLUSÃO

Com base nos dados analisados pode-se concluir que a variação terminológica no discurso sobre a covid-19 ocorreu, assim como ambos os países analisados demonstraram ter preferências distintas quanto à adaptação terminológica. Ademais, podemos inferir que a variação teve como principal fator aspectos funcionais como a tipologia textual e os destinatários dos textos, que são leigos na área. Contudo não se pode descartar outros fatores que colaboram para a variação como aspectos linguísticos, como o léxico e fatores linguísticos-culturais que podem fazer com que determinadas vocabulários estrangeiros tenham preferência em lugar de outras formas.

REFERÊNCIAS

- CABRÉ, M. T. Theories of terminology: their descriptions, prescriptions and explanations. **Terminology**, n. 9, v. 2, p. 193-199, 2003.
- KRIEGER, M. da G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: Teoria e Prática**. 2.ed São Paulo: Contexto. 2021.
- MARTINS, A. F; MARTINS, V. P. S. **Estudos do Léxico: aportes teóricos para a pesquisa terminológica e fraseológica**. São Carlos: Pedro e João editores, 2019.
- SERRA, L. H. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil: uma pesquisa sobre a variação funcional**. 155fls. Tese (Doutoramento em Letras – Filologia e Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2019.
- FREIXA, J. **La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d' especialització de l'àrea de medi ambient**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada), Universidad de Barcelona, Barcelona, 2002.
- CORTINA, A. **Scientific Dissemination Texts: analysis of two reports on pesticides**. Alfa, São Paulo, v.64, 2020.

VARIAÇÃO DENOMINATIVA NA TERMINOLOGIA DA CANA-DE-AÇÚCAR: A ORALIDADE COMO UM FATOR

Iza Regina Santos Sousa
GETTED/ PIBIC-UFMA/ CNPq
iza.santos@discente.ufma.br

Luís Henrique Serra
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Luis.henrique@ufma.br

Introdução

Terminologia é um campo de estudos em que o conhecimento especializado de uma área do saber-humano é estudado a partir do léxico e do texto, seja ele oral e escrito. O texto oral especializado é uma modalidade do texto que não tem sido motivo de análise nas pesquisas feitas no Brasil, entre os estudos Terminologia, sobretudo quando se considera o estudo de textos produzidos por especialistas com alto nível de formação, como técnicos e profissionais com ensino superior. Considerando ainda que os trabalhos sobre o léxico terminológica da cana-de-açúcar e de outras áreas do conhecimento têm se inclinado mais para o estudo de corpora escrito do que oral, o objetivo geral dessa pesquisa será analisar a variação terminológica em textos orais e observar os termos utilizados pelos especialistas em cana-de-açúcar em contexto de formação e de exposição de conhecimento, como em cursos de formação superior em agronomia e em conferências em eventos do setor sucroalcooleiro. A proposta é analisar até que ponto a oralidade é um fator preponderante para a variação denominativa encontrada em corpora eminentemente orais.

Referencial teórico

Para a fundamentação teórica do trabalho, foram selecionados trabalhos no campo da Terminologia que têm como base os estudos linguísticos. Os trabalhos selecionados abordam variação terminológica e a natureza linguística dos termos. Dessa forma, foram consultados os trabalhos de Cabré (2003), Freixa (2002), Finatto (2009) e Serra (2019). Todos esses estudos tomam como base a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT (CABRÉ, 2003), que é uma orientação teórica que dialoga diretamente com a Sociolinguística e, por isso, tem fundamentado os estudos Terminológicos que consideram a variação terminológica como um aspecto importante do discurso produzido nos campos científicos. Nesse sentido, o presente estudo se associa à Teoria da Terminologia Comunicativa (TCT) e, por isso, a diversidade e a variação linguística são fenômenos inerentes a toda e qualquer forma de comunicação humana. Na perspectiva da TCT, os termos são unidades linguísticas com características gramaticais, semântica e pragmática do que seria uma palavra no discurso cotidiano, não-científico ou profissional e que a diferença entre esses dois elementos consiste nos contextos comunicativos científicos e profissionais. Nesse sentido, a variação também é um fenômeno inerente ao discurso acadêmico, profissional e científico, assim como no contexto comunicativo geral e público. Por fim, cumpre mencionar que a oralidade especializada aqui deve ser entendida

não apenas a partir da materialização de um texto, mas a partir de seu contexto de uso e do gênero em que isso ocorre. Dessa forma, oralidade especializada é o texto oral realizado em contexto profissional, formal e endereçado para um especialista, profissional em formação ou um leigo interessado por temas especializados.

Metodologia

Essa pesquisa tem uma abordagem qualiquantitativa, onde estão sendo feitas coleta de textos orais em discursos especializados sobre cana-de-açúcar. Os textos foram recolhidos em canais do Youtube do setor sucroalcooleiro. Os textos recolhidos serão processados no pacote de programas de processamento de textos AntConc. Os textos analisados são transcrições de especialistas em cana-de-açúcar em contexto de palestra ou aula, o tema central das palestras e aulas é o plantio de cana-de-açúcar. Todos os vídeos coletados foram transcritos e armazenados em um banco de dados. A partir da análise desses textos no AntConc, com a ferramenta *Concordance*, foi possível observar a variação denominativa existente nos textos das conferências e aulas coletados. A análise considerou a materialização (a oralização do texto especializado) como fator de variação.

NÚMEROS TOTAIS DO CORPUS	
TOTAL DE TEXTOS ORAIS	4
TOTAL DE PALAVRAS NO CORPUS ORAL	24.324
GÊNEROS TEXTUAIS	Palestras e aulas

Resultados e discussões

A seguir, é apresentado um quadro com uma divisão das características do *corpus*. Os conceitos são do campo conceitual plantação, por ser um campo produtivo e importante na indústria da cana-de-açúcar. Por meio do programa Antconc, foi feita uma busca no corpus oral e foi observada a variação denominativa dos seguintes conceitos no corpus selecionado. O quadro 01, a seguir, apresenta a frequência e as variantes dos termos encontrados. Consideramos termo padrão os termos que aparecem com maior frequência no corpus selecionado. As variantes são os termos com menor frequência no *corpus*.

Quadro 01: variáveis linguísticas analisadas

Termo	Variantes
Plantio	Cultivo, cultivo da cana-de-açúcar, cultivo da cana, plantio da cana, plantio da cana-de-açúcar, plantio de cana, plantio do canavial, plantio de canavial, plantio de muda, plantio da cana-de-açúcar
Cana-soca	cana soca, soca, rebrota da soqueira, rebrota, soqueira, soca
Cultura	cultura da cana, cultura da cana-de-açúcar, cultura agrícola da cana, cultura da cana, cultura de cana, cultura de cana-de-açúcar, culturacanaveira, cultivo de cana, cultivar da cana-de-açúcar, cultura de cana
Plantio	Cultivo, cultivo da cana-de-açúcar, cultivo da cana, plantio da cana, plantio da cana-de-açúcar, plantio de cana, plantio do canavial, plantio de canavial, plantio de muda, plantio da cana-de-açúcar

Fonte: própria

Os resultados encontrados mostram que a variação denominativa pode ser constatada no corpus oral, como se pressupunha no início da investigação. Nesse sentido, a análise baseada no pressuposto teórico adotado, mostra que a variação ocorre por fatores que são inerentes à situação comunicativa. O especialista está em contextos de apresentação de seu conhecimento a outros especialistas e a escolha de determinadas formas linguísticas em detrimento de outras considera esses elementos contextuais e pragmáticos. Outro ponto é que em um dos contextos (conferência), o especialista conversa com um público, em outro (aula), ele conversa com outro público e isso pode ser um fator importante para a variação encontrada. Desse modo, esses elementos são relevantes para a variação encontrada, tendo em vista a necessidade de adaptação do discurso.

Conclusões

Os resultados mostram que a variação denominativa de cana-de-açúcar em falas de especialistas é uma realidade e ela está relacionada aos diferentes contextos de comunicação da atividade dos especialistas em cana-de-açúcar: aula, conferência. Com isso, a pesquisa mostrou que as diferenças denominativas são uma realidade na fala especializada e o especialista, quando produz um texto oral, deve considerar os fatores que estão atrelados à ação linguística. Esses resultados também mostram a importância que a diferença material e contextual da fala e da escrita como fatores nessa mudança. Por esse motivo, a coleta e análise de técnicos, pesquisadores mostram por meio desse estudo os resultados que contribuem para o entendimento da dinâmica da terminologia em contextos profissionais e fornecem insights sobre a importância da pesquisa em linguística aplicada para entender os processos de mudança linguística em práticas sociais específicas.

Referências Bibliográficas

- CABRÉ, M.T. Theories of terminology: their descriptions, prescriptions and explanation. **Terminology**, n. 9, v. 2, 163-199, 2003.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.
- KRIEGER, M. da G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: Teoria e Prática. 2.ed São Paulo: Contexto. 2021.
- SEGHEZZI, N. El papel de la oralidad en Terminología. **Interlúngua**, n. 18, p. 1035-1047, 2009.
- SERRA, L H. A variação denominativa no discurso especializado do universo da cana- -de-açúcar: a pertinência de dados orais na pesquisa terminológica. **A cor das Letras** (UEFS), v. 20, p. 192-203, 2019a.

**MESA 03- VARIAÇÃO
MORFOSSINTÁTICA COM BASE
NO PORTUGUÊS MARANHENSE**

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM MULTIDIMENSIONAL DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO LUDOVICENSE

Cibelle Corrêa Béliche Alves
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/UnB/Bolsista PDS-CNPq
cibelle.beliche@ufma.br

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de estágio pós-doutoral que tem como objetivo acessar os significados sociais da variação das formas pronominais, por meio da análise de discursos metalinguísticos e de testes de percepção. Estudos como os de Alves (2015, 2010), Scherre et al (2015), entre outros, mostram um amplo uso dos pronomes tu, você, cê, senhor/a no português falado no Brasil. De acordo com Alves (2015), na comunidade de fala de São Luís/MA, o sistema pronominal ludovicense apresenta um sistema pronominal amplamente ternário – tu sem concordância, tu com concordância e o você, com usos restritos à situação interacional e ao grau de escolaridade do falante. Frente a essas possibilidades de usos para referência ao interlocutor, no falar ludovicense, a pesquisa buscará compreender que significados sociais estão relacionados aos padrões de uso dos pronomes de segunda pessoa no falar ludovicense.

Referencial teórico

A base teórica-metodológica que fundamenta a análise dos dados deste projeto está ancorada na sociolinguística quantitativa ou teoria da variação e mudança linguística. Partimos desde a visão de Labov (2008 [1972]), para quem o contexto social é traduzido pelo conceito de comunidade de fala até a caracterização das três ondas dos estudos variacionistas de Eckert (2012), que postula que toda variação tem potencial para receber significado social, ainda que nem toda variação seja conscientemente controlada ou mesmo socialmente significativa. Ainda que poucas, também recorreremos à pesquisas que tenham como foco a avaliação e percepção linguísticas no PB. No Maranhão, até o momento, só temos as pesquisas de Serra (2018) e Santos (2020).

Metodologia

Para investigar os ‘gradientes’ desses significados observando em que medida o comportamento linguístico dos falantes ludovicenses correspondem às suas avaliações e percepções acerca do fenômeno, a pesquisa buscará dados de avaliação linguística, que serão examinados com base nos discursos metalinguísticos dos falantes gravados pelo ALiB e ALiMA, e ii) de

percepção linguística, a serem coletados mediante a aplicação de testes de percepção com base na técnica de estímulos pareados, *matched-guise*, (LAMBERT et al, 1960, CAMPBELL-KIBLER, 2006). A respeito da coleta dos dados, é fato notório que coletas de todos os tipos são necessárias e bem-vindas para refletirem maximamente os diversos matizes interacionais do fenômeno em questão. Essa é a razão pela qual a pesquisa justifica uma proposta de análise com base na avaliação e na percepção linguísticas, que, segundo Oushiro (2015), se diferenciam da produção “já que aquilo que as pessoas dizem ou o modo como reagem a certas variantes podem não coincidir com seus usos factuais”. Ainda segundo ela, um exame mais detalhado “sobre discursos metalinguísticos recorrentes dos membros de uma comunidade a respeito de variantes linguísticas permite que o pesquisador se distancie de suas próprias expectativas iniciais, o que pode auxiliá-lo na compreensão de processos de variação e mudança em andamento na comunidade ou em subgrupos que a compõem.” (OUSHIRO, 2015, p. 141)

Resultados e discussões

Por se tratar de pesquisa em andamento, traremos, a título de exemplificação, um trecho extraído da amostra do ALiMA, nos dá evidências de que a variação pronominal é um fenômeno sensível à avaliação social, uma vez que a ela é, recorrentemente, associado o fato de o português ludovicense ser caracterizado pelo uso “correto” da

conjugação verbal e dos “pronomes”:

INQ: E você acredita que há gente que fala diferente aqui? Aqui em São Luís? INF: O maranhense de um modo geral, principalmente em São Luís, né? [...] INQ: E por exemplo? INF: A aplicação, por exemplo, de um modo geral. Assim, eu digo na camada das pessoas que... têm curso superior ou mesmo curso médio, né? Da aplicação do tempo dos verbos com uma certa, com um certo cuidado, com a aplicação do plural, do singular, os pronomes. INQ: Eu ia perguntar para você se podia dar um exemplo de como essas pessoas que você considera que falam diferente, falam, que você tem observado, aqui dentro mesmo, do Maranhão. O que chamou mais atenção para você? INF: Você fala eh... um determinado grupo? INQ: Ahn, rã, em termo de, de grupo que você identifica né, que alguém fala? INF: Eu diria que as pessoas normalmente classe média, curso superiô, na faixa etária aí de... de trinta e cinco anos pra cima, ainda mantêm né, uma... Uma certa, vamô dizê assim, pureza eh... na, na, porque nós não temos um sotaque forte, pelo menos acho que não, alguém me disse: “Não, vocês têm. Vocês têm o sotaque forte”. Eu até tava discutindo isso com alguém há pouco tempo, não lembro com quem. “Não, maranhense não tem um sotaque”.

(amostra Projeto ALiMA – informante (masculino, segunda faixa etária, nível superior) (grifo nosso), INQ (inquiridor) /INF (informante))

Avaliações como esta têm, inclusive, raízes na formação histórica e social da capital maranhense. A forte presença açoriana, e não dos franceses, desde o início da colonização, e títulos como o de “Atenas Brasileira”, ajudam a melhor entender as questões linguísticas que giram em torno do mito de que São Luís é o exemplo do ‘bem falar’. Essa observação é encontrada em Serra (1965, p. 17),

que também chega a associar o tu com concordância ao comportamento linguístico de grupo social de maior status:

Esse gosto pelas cousas do espírito [“simples colocação de pronome, ou por uma regrazinha de sintaxe”] é uma das marcas mais acentuadas do maranhense. [...] Essa “influência” vem de longe, tem suas raízes na velha Coimbra, onde estudaram gerações e gerações de maranhenses, que foram seus filósofos, seus poetas, seus polígrafos de renome. Até hoje, o estilo do maranhense é oratório, é coimbrão. A velha cidade portuguesa enchia a cabeça dos jovens, que de lá voltavam com suas capas romanescas. (SERRA, 1965, p. 17) (grifo nosso)

Conclusões

Esperamos que nossos resultados possam trazer à tona os significados sociais até então implícitos mediante um olhar mais próximo para a intrínseca relação entre a língua(gem) e as práticas sociais nas quais os falantes estão envolvidos na comunidade de fala ludovicense.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche; ANDRADE, Carolina Queiroz; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Considerações sobre o significado social da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular: variedades maranhense e brasiliense**. Artigo em periódico

nacional. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2022.

LAMBERT, Wallace W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

OUSHIRO, Livia. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística. **Signo y Señá**, número 28, diciembre de 2015, pp. 139- 167. <https://doi.org/10.34096/sys.n28.3177>

SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação indicativo/subjuntivo em São Luís e São Paulo**. 235f. 2020. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SERRA, Astolfo. **Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965

SERRA, Flávia Pereira. **“Eu não digo ‘não’ duas vezes não: usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão**. 190f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018

“O POVO CHAMA” E “NEGO DIZ”: FORMAS NOMINAIS DE REFERENCIAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS NORDESTINO

Layane Kessia Pereira Sousa
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
layane.sousa@discente.ufma.br
Cibelle Corrêa Béliche Alves
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
cibelle.beliche@ufma.br

Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar as formas nominais usadas para referenciar o sujeito com referência indeterminada no português falado nas capitais nordestinas.

O *corpus* foi extraído a partir de 72 entrevistas realizadas pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) com falantes nativos das localidades, distribuídos segundo os fatores sexo, idade, faixa etária e escolaridade. (*cf.* Metodologia).

Referencial teórico

As Gramáticas Tradicionais, em sua maioria, trazem apenas as formas canônicas: verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito lexical – da [P + 3ª pessoa plural] e verbo na terceira pessoa mais a partícula ‘se’ sem sujeito lexical – [P+ verbo intransitivos + se] como recurso de indeterminação do sujeito. No entanto, estudos que tomam como base o português falado nos apresentam um leque de possibilidades para indeterminar o sujeito. São, pois elas: verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito lexical – [P + 3ª pessoa singular], verbo no infinitivo sem sujeito lexical – [P + infinitivo], verbo na primeira pessoa do plural, as formas pronominais eu, você, nós, a gente e eles, além das formas nominais.

As formas nominais são compostas por [artigo definido + um substantivo] ou por um único elemento no sentido generalizante, usados para indeterminar a referências do sujeito. Segundo Menon (2006 [1994]), inicialmente essas formas eram usadas como locuções nominais comuns, porém, com o passar do tempo, elas foram se distanciando do seu significado original e assumindo unidades mais cristalizadas com significados mais genéricos.

Metodologia

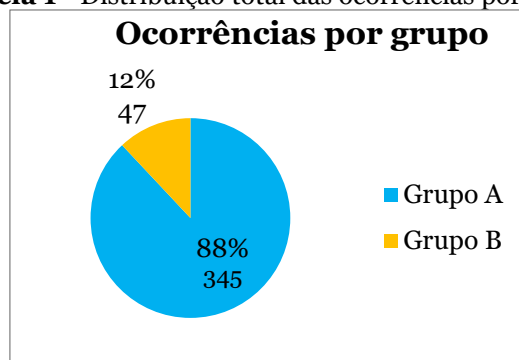
O perfil dos informantes obedecem aos seguintes critérios: sujeitos de ambos os sexos, distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos – e dois níveis de escolaridade – Ensino Fundamental incompleto, com, no máximo, até o 7º ano, e Ensino Universitário Completo. Para este estudo, escolheu-se as nove capitais da Região Nordeste que integram a rede de pontos do ALiB, a saber: São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e Salvador.

Os dados foram coletados a partir do conjunto de questionário adotado pelo ALiB. A respeito do tratamento dos dados, escolhemos o programa computacional GoldVarb X, para processar nossos resultados.

Resultados e discussões

Dividiu-se a variável dependente em dois grupos: Grupo A (artigo + substantivo) e o Grupo B (estrutura com um único elemento, ou seja, um substantivo). Em primeira análise, apresentam-se no Gráfico 1 os resultados gerais.

Tabela 1 - Distribuição total das ocorrências por grupo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme rodada feita pelo programa, verificou-se que o Grupo A foi mais produtivo, com o registro de dez tipos diferentes de FNs, distribuídas entre 345 ocorrências, registrando percentual de 88%. Já o Grupo B apresentou cinco tipos diferentes de FNs, a partir de 47 ocorrências, representando 12% dos resultados. Elegeu-se o Grupo A como regra de aplicação, uma vez que as formas desse grupo apresentam maior frequência de uso. Neste estudo, consideramos as variáveis sociais – localidade e sexo – tendo em vista que estas foram selecionadas na rodada binária do programa.

O fator localidade foi o primeiro fator a ser selecionado pelo programa. Na Tabela 1, a seguir, estão distribuídos os resultados.

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências por localidade

Localidade	GRUPO A	
	Nº de ocorrências	Peso Relativo
Recife	91	0.79
Natal	28	0.61
Maceió	41	0.53
Aracaju	31	0.37
São Luís	30	0.35
Salvador	74	0.33
Fortaleza	11	0.21
Teresina	12	0.18
João Pessoa	27	-

Input: 0.90
Significância: 0,009

Fonte: Elaborado pelo autor.

Constatou-se uma significativa diferença entre as nove localidades: Recife com PR 0.79, Natal, com PR 0.61, e Maceió, com PR 0.53 que se destacam pela tendência de uso das FNs do Grupo A. Contudo, ao verificarmos os resultados de maneira isolada, ou seja, a distribuição das variantes em cada uma das localidades observou-se que o PR de Teresina foi de 0.18, um valor relativamente baixo se comparado com os de Recife, Natal e Maceió.

A variável sexo ocupou o segundo lugar entre os fatores selecionados. É possível ver na Tabela 2, a seguir, o panorama geral dos dados.

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências por localidade

LOCALIDADE	GRUPO A	
	Nº de ocorrências	Peso Relativo
Recife	91	0.79
Natal	28	0.61
Maceió	41	0.53
Aracaju	31	0.37
São Luís	30	0.35
Salvador	74	0.33
Fortaleza	11	0.21
Teresina	12	0.18
João Pessoa	27	-

Input: 0.90

Significância: 0,009

Fonte: Elaborado pela autora.

Os sujeitos do sexo femininos tendem a fazer maior uso das FNs (0.59), enquanto os homens fazem menor uso dessas estratégias para indeterminar a referência do sujeito, com PR (0.40). Vemos que as mulheres têm uma maior tendência em marcar com o determinante as formas nominais de indeterminação da referência do sujeito.

Conclusões

Para o estudo desenvolvido têm-se os seguintes resultados:

As FNs que compõem o Grupo A tiveram maior número de ocorrências, sendo registrados 345 (88%) dados; já o Grupo B teve o cômputo de 47 (12%). Dentre as FNs mais usadas pelos sujeitos dessa pesquisa, podemos destacar de modo geral as seguintes: O pessoal/Os pessoal, A pessoa/As pessoas/As pessoa, O povo/O povão, Nego e Fulano.

Em rodada binária tivemos dois grupos selecionados pelo programa: Localidade e Sexo. Sobre as localidades, vimos que Recife, Natal e Maceió foram as capitais com maiores PR, sendo registrado respectivamente 0.79, 0.61 e 0.53. Notou-se que as mulheres, embora sejam consideradas responsáveis por conservar a norma padrão, são as que fazem maior uso das FNs, sendo computado PR 0.59, contra PR 0.40 para os homens.

Referências Bibliográficas

- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- DUARTE, Maria Eugenia. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 185-203.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MENON, Odete Pereira da Silva. **Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujets dans lê portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP**. 1994. 397f. Tese (Doutorado em Lingüística). Universite de Paris VII, Paris, [1994] 2006.
- MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.
- PONTES, Eunice S. L. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória. 1986.
- SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

“REPETE DE NOVO” E “NÃO SE ESQUEÇA”: a expressão variável do imperativo em São Luís – MA com base em dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão

Matheus da Silva Lopes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
ms.lopes@discente.ufma.br

Introdução

A Língua Portuguesa dispõe de três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. De forma resumida, estes representam uma certeza, um desejo e um comando, respectivamente. O modo imperativo, conforme apresentam Cunha e Cintra (2016), utiliza recursos linguísticos diversificados para abrandar a ideia de ordem expressa por esse modo verbal, transformando-a em um convite ou exortação, por exemplo. Contudo, é frequente observar que o imperativo em Língua Portuguesa sofre um fenômeno de variação no qual duas formas coocorrem: uma forma associada ao indicativo – chamada de imperativo verdadeiro – e uma forma associada ao subjuntivo – chamada de imperativo supletivo – de acordo com o que postula Scherre (2004). No estado do Maranhão, observa-se, de forma empírica, a realização das duas formas e trabalhos já publicados por outros pesquisadores atestam a ocorrência do fenômeno a nível nacional. A ausência de estudos voltados diretamente ao Maranhão justifica a existência da presente pesquisa, bem como a necessidade de mapear a variação do imperativo no estado e a verificação de qual forma tem maior uso por parte dos falantes. Assim, a pesquisa aqui descrita é fruto de um recorte voltado à análise e mapeamento do fenômeno linguístico de variação do imperativo gramatical na Língua Portuguesa no âmbito do estado do Maranhão. Os dados apresentados neste resumo expandido correspondem ao município de São Luís, capital do estado e uma das localidades originalmente pesquisadas por Lopes (em andamento) em sua dissertação de Mestrado e baseadas nos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Para o referencial teórico, autores da Dialetoлогия e da Sociolinguística servem de aporte às reflexões suscitadas. Na metodologia, são descritos os critérios estabelecidos para a análise dos resultados: foram selecionadas variáveis linguísticas que controlariam a observação do fenômeno investigado, além da estratificação social determinada pelo ALiMA. O programa *GoldVarb X* serviu como suporte estatístico para a geração de percentuais e pesos relativos a serem interpretados na seção de análise. Por fim, os resultados apontam um uso acentuado do imperativo verdadeiro (*faz, compra, vai*) em São Luís e forte influência das variáveis *gênero* e *polaridade da sentença*.

Referencial teórico

Para o embasamento deste trabalho, foram utilizados autores da Dialetoлогия e da Sociolinguística, embora o enfoque esteja mais centrado no primeiro campo do que no segundo. Cardoso (2016, p. 13) conceitua a Dialetoлогия como “o ramo da Linguística que se ocupa da descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”. Isso significa dizer que a Dialetoлогия é uma ciência pluridimensional que preza pelo aspecto diatópico, isto é, geográfico, e correlaciona esse fator aos aspectos diasssexuais, diastráticos, diageracionais, entre outros para determinar e mapear os usos linguísticos do sistema pelos falantes numa região e num determinado período de tempo (ou ao longo dos anos). Esse conhecimento é de suma importância para analisar o processo de variação e mudança linguística e verificar as múltiplas realidades da língua num determinado território. Por meio da Dialetoлогия, o comportamento da variação em um município, estado, região ou país pode ser observado de perto e analisado com base em condicionadores socioculturais que influenciam diretamente na língua falada no dia a dia. No que tange à Sociolinguística, a relação entre língua e sociedade é permeada por fatores como a história, a cultura, a idade, o gênero e a escolaridade dos indivíduos. A língua, portanto, sofre influência de todos esses aspectos e manifesta a realidade dos falantes conforme a categorização que eles estabelecem. Dado que as comunidades linguísticas possuem suas próprias especificidades para além dos traços comuns que compartilham, a variação torna-se uma característica inerente e natural aos sistemas linguísticos, variando dentro de um mesmo grupo, cidade, estado e/ou país. Assim, o propósito da Sociolinguística reside na análise e observação do fenômeno da variação linguística de modo a identificar os possíveis fatores externos que a condicionam, além dos fatores internos, que permitem a variação da língua de acordo com as regras e limites do próprio sistema (LABOV, 2008 [1972]; COELHO et al, 2015;). Ademais, a ciência estuda e relaciona um fenômeno pesquisado com outros existentes, trabalhando na perspectiva do encaixamento, bem como na observação do comportamento dos falantes diante da variação, no que se chama de percepção e avaliação social (COELHO et al, 2015). Acerca do imperativo, é válido destacar que a variação ocorre em todo o país, embora algumas regiões optem por uma ou outra variante. É comum que os falantes utilizem *dê, escreva, diga* em Salvador, por exemplo (OLIVEIRA, 2017) e *dá, escreve, diz* em Minas Gerais (SCHERRE, 2004). Isso ocorre devido a restrições e condicionantes linguísticos, como os constituintes fonológicos e os traços sintáticos (SCHERRE, 2000), e a influência das questões socioculturais dos indivíduos (EVANGELISTA, 2017). Textos publicitários e gêneros como manuais de instruções e bulas de remédio mostram um largo uso de imperativo, em geral associado às formas subjuntivas e aliadas ao uso do pronome *você*, que, gramaticalmente, é descrito como sendo de tratamento, mas na fala cotidiana é usado como pronome de segunda pessoa, semelhante ao *tu*. A análise feita por Scherre (2003) em textos da *Turma da Mônica* traz reflexões importantes quanto ao condicionamento sintático da variação do imperativo, correlacionando o fenômeno ao uso de

pronomes oblíquos que podem favorecer o uso de formas indicativas ou de formas subjuntivas dentro de um contexto. Soma-se a isso o grau de proximidade entre os interlocutores do discurso (SCHERRE, 2004), uma vez que, em contextos de maior formalidade e menor proximidade, por exemplo, o falante optaria por formas que considerasse mais polidas e adequadas à situação. Isso seria demonstrado por meio da escolha lexical, da forma de imperativo e do uso de artifícios que suavizassem o tom de ordem a depender da pessoa com quem se fala e do contexto de fala. Por todos esses elementos, pesquisar sobre a variação linguística no Maranhão é algo essencial e relevante, principalmente no que concerne ao imperativo, dado que o número de trabalhos sobre essa temática é ínfimo diante do que se tem publicado sobre outras regiões. Identificar a ocorrência do fenômeno a partir de falas dos informantes do Projeto ALiMA e considerando as variáveis linguísticas e sociais é um grande passo para atingir o objetivo de mapear e visualizar o comportamento linguístico dos indivíduos dentro do referido estado.

Metodologia

Foram pesquisados cinco municípios que compõem a rede de pontos do ALiMA – Alto Parnaíba, Bacabal, Caxias, Imperatriz e São Luís –, cada um representando uma mesorregião do estado (LOPES, em andamento). Para este trabalho, São Luís foi selecionada como *locus* da investigação. Conforme a estratificação do ALiMA, foram escolhidos oito informantes, divididos em dois níveis de escolaridade (fundamental e universitário), duas faixas etárias (faixa I – 18 a 30 anos; faixa II – 50 a 65 anos) e dois gêneros (masculino e feminino). Assim, o quadro 1 apresenta a divisão dos informantes de acordo com as características definidas pelo Atlas:

Quadro 1: Estratificação social dos informantes do Projeto ALiMA, em São Luís

INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	GÊNERO
1	I	Fundamental	Masculino
2	I	Fundamental	Feminino
3	II	Fundamental	Masculino
4	II	Fundamental	Feminino
5	I	Universitária	Masculino
6	I	Universitária	Feminino
7	II	Universitária	Masculino
8	II	Universitária	Feminino

Fonte: adaptado de Ramos et al (2019).

Conforme apontado na tabela, os números ímpares representam os indivíduos do gênero masculino e os pares, os indivíduos do gênero feminino. Os informantes 1, 2, 5 e 6 representam a faixa etária I e os informantes 3, 4, 7 e 8 representam a faixa etária II. Além disso, os números de 1 a 4 correspondem à escolaridade

fundamental, ao passo que os números de 5 a 8 são de escolaridade universitária (RAMOS et al, 2019). É pertinente destacar que somente São Luís teve a divisão em dois níveis de escolaridade e um número maior de informantes, seguindo as diretrizes do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), que estratifica os informantes das capitais conforme esse padrão. Os demais municípios que compõem a rede de pontos do Projeto ALiMA possuem apenas quatro informantes cada e todos do nível fundamental. Para efeito de estudo, selecionaram-se também variáveis linguísticas, a saber: polaridade da sentença (afirmativa e negativa), tipo de discurso (semidirigido ou livre), presença/ausência de pronome no contexto discursivo (tu/te/teu/você/pronome ausente) e paralelismo linguístico (formas precedidas de indicativo/formas precedidas de subjuntivo/forma isolada/primeira da serie). Os dados foram transcritos diretamente dos áudios das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do ALiMA e dispostos em uma planilha do programa *Microsoft Excel*. Em seguida, a codificação das variantes foi realizada, de modo a padronizar os dados para a posterior rodada no *GoldVarb X*, que, a partir do que havia sido estabelecido, gerou os percentuais, os pesos relativos, *inputs* e significância, selecionando as variáveis *gênero* e *polaridade da sentença* como as mais relevantes para a variação do imperativo em São Luís.

Resultados e discussões

A partir dos dados recolhidos e das rodadas realizadas no *GoldVarb X*, concluiu-se que o fenômeno da expressão variável do imperativo gramatical em São Luís acontece sob grande influência dos fatores *gênero* e *polaridade da sentença*. Além disso, os percentuais gerados pelo programa indicam que há maior recorrência do imperativo associado a formas indicativas, isto é, o imperativo verdadeiro.

Quadro 2: uso do imperativo verdadeiro em São Luís e a variável *gênero*.

Gênero	Aplicação/total	Percentual	Peso relativo
Masculino	84/89	94,4%	.67
Feminino	73/92	50,2%	.32

Input: 0,899

Significância: 0,006

Fonte: própria.

Para o imperativo supletivo, tem-se:

Quadro 3: uso do imperativo supletivo em São Luís e a variável *gênero*.

Gênero	Aplicação/total	Percentual	Peso relativo
Masculino	5/89	5,6%	.67
Feminino	19/92	20,7%	.32

Input: 0,899

Significância: 0,006

Fonte: própria.

A partir dos dados dispostos nos quadros acima, é possível perceber que as formas associadas ao indicativo detêm a maior parte das ocorrências no município de São Luís, bem como os maiores percentuais e pesos relativos. Em relação à variável selecionada pelo programa e analisada no estudo, os homens produzem mais sentenças com ocorrência de formas indicativas, enquanto as mulheres produzem mais sentenças com formas subjuntivas. Isso contrasta com a hipótese inicial, que especulava que as mulheres teriam maior tendência ao uso do imperativo verdadeiro e os homens, do supletivo. A significância de 0,006 indica que o fenômeno muito raramente ocorreria de forma aleatória. Quanto à variável *polaridade da sentença*, o quadro 4 apresenta os dados em função das formas indicativas:

Quadro 4: uso do imperativo verdadeiro em São Luís e a variável *polaridade da sentença*

Polaridade	Aplicação/total	Percentual	Peso relativo
Afirmativa	148/165	89,7%	.54
Negativa	9/16	56,2%	.15

Input: 0,899

Significância: 0,006

Fonte: própria.

Já para as formas subjuntivas, tem-se:

Quadro 5: uso do imperativo supletivo em São Luís e a variável *polaridade da sentença*.

Polaridade	Aplicação/total	Percentual	Peso relativo
Afirmativa	17/165	10,3%	.54
Negativa	7/16	43,8%	.15

Input: 0,899

Significância: 0,006

Fonte: própria.

Os dados apontaram para um maior favorecimento das formas associadas ao indicativo a partir da polaridade afirmativa e das formas associadas ao subjuntivo a partir da polaridade negativa, o que coincide em partes com a hipótese inicial e ratifica algumas das conclusões apontadas nos estudos de Scherre et al (1998) e Alves (2008). Isso pode ser percebido a partir dos percentuais de produção dos falantes, dos quais aproximadamente 90% correspondem a sentenças com formas indicativas e pouco mais de 10% representam sentenças com formas subjuntivas, ambas em polaridade afirmativa. A hipótese era que a polaridade negativa favorecesse um uso mais recorrente de imperativo associado ao subjuntivo e a polaridade afirmativa motivasse uma maior aplicação do imperativo associado ao indicativo. Os percentuais e o total de aplicações, contudo, mostram que a maioria das produções de formas indicativas e de formas subjuntivas ocorreram na polaridade afirmativa, embora o imperativo verdadeiro tenha sido esmagadoramente maior do que o supletivo em termos quantitativos.

Mesmo quando comparadas somente as sentenças negativas, a quantidade de produções ainda é maior para o imperativo verdadeiro (9 sentenças contra 7 do imperativo supletivo). Os pesos relativos para as variáveis foram de .54 (polaridade afirmativa) e .15 (polaridade negativa).

Conclusões

Neste trabalho, a expressão variável do imperativo foi brevemente analisada a partir de critérios sociais e linguísticos e tomando por base a Dialectologia e a Sociolinguística. O *corpus* de análise derivou da amostra do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), cuja metodologia e estratificação está em consonância com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O município de São Luís, capital do estado do Maranhão, foi retratado aqui em um recorte da pesquisa original, que investiga cinco municípios, sendo um de cada mesorregião (LOPES, em andamento). Após a recolha dos dados, sua codificação e disposição em planilhas que tornaram o estudo mais visual e facilitado, o *corpus* foi aplicado ao *GoldVarb*, no qual foram realizadas algumas rodadas estatísticas a fim de identificar qual/quais variável/variáveis exerciam maior influência sobre o fenômeno investigado e qual das duas formas coocorrentes detinha maior uso pelos falantes. De acordo com os resultados, as variáveis *gênero* e *polaridade da sentença* foram as que mais se destacaram em São Luís como fatores condicionantes da variação do imperativo gramatical. Os percentuais apontam para uma maior recorrência do imperativo associado às formas indicativas (também chamado de imperativo verdadeiro). Além disso, comprovam que os homens fazem maior uso de formas indicativas em suas produções do que as mulheres, que optam por formas subjuntivas, ainda que utilizem as indicativas também. Quanto à polaridade, concluiu-se que ambas as formas têm maior favorecimento da polaridade afirmativa, ainda que as formas indicativas tenham sido mais expressivas em percentuais e em quantidade de aplicações. Assim, com base no que foi exposto e investigado, chega-se à conclusão que a capital do estado do Maranhão tem maior preferência pelo uso do imperativo verdadeiro, diferenciando-se de outras capitais nordestinas, onde o imperativo supletivo tem maior força. Tal fato pode ser explicado pelo condicionamento do gênero dos indivíduos e pela polaridade da sentença no discurso. A presente pesquisa configura-se ainda como um pontapé para o aprofundamento dos estudos sobre essa temática a nível local e corrobora para outros empreendimentos já desenvolvidos por autores e autoras no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Jefferson da Silva. **Imperativo**: uma análise das variáveis sociais na língua falada de Salvador. XI Semana de Mobilização Científica. Universidade Católica do Salvador: Salvador, 2008. Disponível em <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/3484>>. Acesso em: 12 mai 2021.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. [et al]. **Para conhecer**: sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

EVANGELISTA, Elaine Meireles. Fala, Vitória – a variação do imperativo em Vitória/ES e sua posição no cenário nacional. In: **Anais do Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa, 2009. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Elaine%20Meireles%20Evangelista.pdf>. Acesso em: abril 2021.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno e M^a Marta Pereira Scherre. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Matheus da Silva. **Manda brasa** – a variação do imperativo gramatical no falar maranhense. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão: em andamento.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (Orgs.). **Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. P. 27-44. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/o-imperativo-gramatical-20412>>. Acesso em: 21 mar 2021.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. [et al] (org.). **Estudos sociodialetais do estado do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, vol. 7, n^o 2, p. 29-59, jul./dez. Belo Horizonte, 1998.

_____. [et al]. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. **II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico**, pp.1333-1347. Florianópolis: Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000.

_____. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D. E. G.; LARA, G. M. P.; MAGAZZO, M. A. (orgs.) **Estudos de Linguagem** – Inter-relações e Perspectivas, p. 177-191. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.

_____. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs.) **O Português do Brasil** - Perspectivas da pesquisa atual, p. 231-260. Linguística luso-brasileira: Vervuert/Iberoamericana, 2004.

Casas de Farinha e seus falares: um estudo socioterminológico da produção artesanal de farinha na Baixada Maranhense

Jouber Kerley Rocha

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

jouber.rocha@discente.ufma.br

Introdução

A mandioca é matéria-prima para inúmeros alimentos, sendo a farinha o principal deles. No Nordeste, a farinha está presente em todas as mesas, seja nas dos estratos sociais privilegiados, seja nas das populações residuais (MARQUES, 1979). Nota-se que, apesar da importância econômica e social da farinha, ainda há muito o que pesquisar, sob o viés terminológico e socioterminológico, sobre as casas de farinha, que tentam resistir às mudanças socioculturais e tecnológicas, mantendo o fabrico artesanal da farinha e o falar característico da comunidade em que se inserem. Nesse sentido, esta pesquisa, ainda em andamento, objetiva produzir um glossário da terminologia empregada nas atividades laborais artesanais em casas de farinha da Baixada Maranhense, em especial em povoados nas cidades de Viana, Penalva e Vitória do Mearim. Busca-se, pois, nesse *lugar de memória tempo-espaço dos farinheiros*, termos que expressam saberes tradicionalmente construídos e que serão examinados considerando a relação que se estabelece entre os termos e as condições sociogeográficas em que são produzidos e utilizados.

Referencial teórico

Para produzir o glossário socioterminológico que contemplará o registro de variantes socioprofissionais e dialetais/geográficas, busca-se o suporte teórico-metodológico da Socioterminologia, tendo em vista que “O princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam”. (FAULSTICH, 1995, p.285).

Esse princípio encontra sustentação, por um lado, na ideia de que as relações entre língua e sociedade são intrínsecas, e que, portanto, o linguístico e o social se constituem mutuamente; e, por outro lado, na ideia de que a heterogeneidade é constitutiva dos sistemas linguísticos. A Socioterminologia, base teórico-metodológica escolhida para esta pesquisa, busca focalizar “o dado terminológico de maneira contrária à postura normativizadora da terminologia da década de 30. Nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação.” (FAULSTICH, 1995, p.287).

A sociedade atual é a sociedade da informação e, nesse cenário, cresce então o interesse pela Terminologia, por ser ela “uma disciplina que se ocupa de fenômenos comunicativos por excelência.” (ALPÍZAR CASTILLO, 2002, p. 38), e pela organização/produção de obras terminológicas, como glossários, dicionários

de uma determinada área especializada do conhecimento, que funcionam como elementos/ferramentas de intermediação na transferência do conhecimento e de consolidação da identidade de uma comunidade.

Metodologia

A pesquisa de campo será descritiva, de forma que se ocupará de analisar as características de um sistema linguístico que serão registradas para fins de produção de glossário. Utilizaremos o método de abordagem qualitativa, pois os estudos se realizarão com base em interpretações e análise de fenômenos linguísticos, buscando entendê-los em seu contexto natural; momentos estes que serão primordiais para observação, envolvimento com o objeto de pesquisa e, por fim, fazer os devidos registros para os quais se destina esta pesquisa.

Resultados e discussões

Por se tratar de pesquisa em andamento, traremos, a título de exemplificação, alguns termos já registrados em uma coleta de dados experimental realizada no município maranhense de Viana, um dos *locus* da pesquisa. São eles: *casa de farinha*, *tucupi*, *farinhada*, *farinha d'água*, *farinha amarela*, *tapioca*, *farinha seca*, *tapiti~tipiti*, *ralação*.

Conclusão

Em síntese, o que se pretende, com base na Socioterminologia, é levar em conta a existência de variantes terminológicas que circulam nas comunidades investigadas, em diferentes situações de uso. Essas variações serão incluídas na elaboração do glossário, materializando os falares das casas de farinha investigadas de modo a contribuir para o conhecimento e a compreensão da sócio-histórica do português brasileiro.

Referências Bibliográficas

ALPÍZAR CASTILLO, Rodolfo. Reflexiones terminológicas. In: CORREIA, Margarita. (org.). **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: Edições Colibri; ILTEC, 2002, p.27-39.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. v. 24, n. 3, p. 281-288. 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/566/567> Acesso em: 9 dez. 2022.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. v. 24, n. 3, p. 281-288. 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/566/567> Acesso em: 9 dez. 2022.

MARQUES, Núbia Nascimento. Cultura da mandioca. **Revista Sergipana de Folclore**, Aracajú, 1979, p.9.

O IMPACTO DAS VOZES VERBAIS EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS DE FEMINICÍDIO

Anna Cléa de Souza Maduro
Cíntia da Silva Pacheco
Universidade de Brasília – UnB
annacleamaduro@gmail.com
cintialetras@yahoo.com.br

Introdução

Desde 2018, quando iniciamos esta pesquisa, percebemos algumas características no que se refere à abordagem linguística do feminicídio em textos noticiosos e em reportagens publicadas na imprensa, sobretudo, quanto ao uso da voz passiva em títulos, subtítulos, legendas e em outras estruturas do gênero notícia. Esse fenômeno chamou a nossa atenção, uma vez que o uso da estruturapassiva, no meio jornalístico, não é recomendado nos manuais de redação. Como hipótese acreditava-se que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas acerca de crimes de feminicídio. Quando o texto noticioso narra um homicídio contra um indivíduo do sexo masculino, todavia, os textos privilegiariam a sentença ativa.

Referencial teórico

Do ponto de vista epistemológico, o trabalho aqui desenvolvido está localizado no campo da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). A chegada dessa área representou uma mudança paradigmática nos estudos da linguagem. A partir do trabalho do americano William Labov, iniciado na década de 60, passou-se a observar os aspectos da língua em uso em seus diferentes contextos de comunicação. A Sociolinguística considera a variação como principal objeto de estudo. Assim, os processos de mudança que ocorrem nas comunidades de fala e nas comunidades de prática são fundamentais nessa área e, por isso, ela também é conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Metodologia

O *corpus* desta pesquisa quantitativa é composto por 30 textos jornalísticos publicados no período de 2017 a setembro de 2021 e retirados de três portais brasileiros: G1, Metrôpoles e UOL. A escolha dos veículos foi motivada pela credibilidade das notícias apresentadas nos sites e pela similaridade na linha editorial. Apesar de o nosso foco ser o feminicídio na mídia, a ideia de selecionar 15 matérias de crimes contra mulheres e 15 matérias de crimes contra homens foi uma tentativa de criar um contraponto e verificar se o sexo da vítima e do agente do crime influenciam no uso das vozes verbais. Após a seleção, codificamos os 94 dados em função das 2 variantes estabelecidas – voz passiva e voz ativa – e analisamos 4 variáveis independentes: sexo das vítimas, verbo, veículo e localização do fenômeno na estrutura da notícia. A

ferramenta utilizada para a interpretação dos resultados linguísticos foi o programa estatístico GoldVarb-X.

Resultados e discussões

Em relação à primeira variável, sexo das vítimas, considerada a principal – uma vez que a nossa hipótese está diretamente associada ao sexo da vítima, acreditava-se que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas acerca de crimes cometidos contra as mulheres e que as narrativas em que os homens são vítimas de homicídio privilegiariam a agentividade. Os dados confirmaram a hipótese inicial, pois observa-se que o uso da passiva em matérias de feminicídio aparece em 79,6% dos dados, ou seja, 20% a mais do que a média (59,6%). Nos textos noticiosos em que o homem é a vítima, essa voz verbal apareceu em apenas 37,8% dos dados, abaixo da média (59,6%).

Tabela 1 - Vozes verbais em função do sexo das vítimas

	Voz passiva	Voz ativa
Mulher	79,6% 39/49	20,4% 10/49
Homem	37,8% 17/45	62,2% 28/45
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

Fonte: própria

No que se refere à segunda variável, o objetivo era controlar os verbos pertencentes ao mesmo campo semântico de violência/crime e verificar quais deles privilegiavam a passiva. O verbo mais recorrente é matar, o qual admite dois participios: o matado (regular) e o morto (regular). O primeiro deles ocorrena voz ativa e o segundo pode ocorrer em ambas as vozes verbais. Outro verbo frequente no corpus é o morrer, lexicalmente associado ao verbo matar, embora não admita voz passiva. Exemplo: “Tatiana MORREU em 30 de setembro de 2019”. Nesse caso, mesmo que o verbo já traga a “semântica de estatividade e resultado (acabado)”, quando usado na voz ativa, pressupõe um agente causativo da morte, ainda que seja suprimido: “morto por quem?” (BERTOQUE; GALVÃO, 2010, p.81). É por isso que optamos por manter o verbo morrer no corpus, embora não haja um par correspondente como vemos nos exemplos: “Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL” e “Uma mulher FOI ASSASSINADA na QR 217 de Santa Maria, na tarde desta quinta-feira”. Além do matar e do morrer, outros verbos apareceram no corpus: assassinar, atacar, enforçar, esfaquear e queimar. Apesar da ocorrência desses 7 verbos diferentes nos 30 textos noticiosos analisados, optamos por comparar os dois mais frequentes e que apresentaram alternância entre a voz passiva e a voz ativa. Para isso, amalgamamos os 23 dados referentes a “outros verbos”. A partir dessas escolhas metodológicas, percebemos que matar e assassinar na voz passiva

são os que mais apareceram nas notícias jornalísticas e ambos estão acima da média (59,6%).

Tabela 2 - Vozes verbais em função dos verbos

	Voz passiva	Voz ativa
Matar	67,3% 37/55	32,7% 18/55
Assassin ar	87,5% 14/16	12,5% 2/16
Outro s verbo s	21,74% 5/23	78,26% 18/23
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

Fonte: própria

A escolha da terceira variável foi uma tentativa de monitorar os veículos jornalísticos que favoreceriam a passiva. Após a análise dos dados, confirmamos nossa hipótese, embora o G1 (52,7%) esteja um pouco abaixo da média (59,6%) no que se refere ao uso dessa estrutura nos textos noticiosos.

Tabela 3 - Vozes verbais em função dos veículos

	Voz passiva	Voz ativa
G1	52,7% 29/55	47,3% 26/55
Metrópolis	68,0% 17/25	32% 8/25
UOL	71,4% 10/14	28,6% 4/14
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

Fonte: própria

A quarta e última variável diz respeito à localização do fenômeno no texto noticioso. Esta variável é uma tentativa de entendimento das vozes verbais na estrutura do gênero notícia. Como hipótese acreditávamos que os títulos privilegiassem a voz passiva em detrimento das outras estruturas do texto, a saber: título, subtítulo, fotolegenda, lide, corpo da notícia e fechamento da notícia. Nesse caso houve uma refutação da hipótese, pois o título não privilegia a voz passiva (50%), já que está abaixo da média (59,6%). As estruturas textuais que favoreceram a passiva foram a fotolegenda (82,4%), o fechamento da notícia (66,7%) e o subtítulo (60%). O percentual da fotolegenda ficou acima da média e esse resultado nos surpreendeu. No corpus da pesquisa, observamos que as fotografias sempre retratam a mulher, seja ela

agente do crime ou vítima do feminicídio, de uma forma sexualizada. A figura feminina é divulgada a partir de fotos ou selfies individuais em que a mulher está bem-vestida, com maquiagem e sorrindo. O homem dificilmente aparece nas matérias jornalísticas independentemente do enquadre em que ele foi posicionado no texto.

Tabela 4 - Vozes verbais em função da localização do fenômeno na estrutura da notícia

	Voz passiva	Voz ativa
Título	50% 15/30	50% 15/30
Lide	58,3% 14/24	41,7% 10/24
Fotolegenda	82,4% 14/17	17,6% 3/17
Subtítulo	60% 3/5	40% 2/5
Corpo da notícia	53,3% 8/15	46,7% 7/15
Fechamento da notícia	66,7% 2/3	33,3% 1/3
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94
		4

Fonte: própria

Conclusões

Verificamos que as matérias de feminicídio privilegiam a passiva (79,6% dos dados - 39/49), conforme hipótese inicial, e acreditamos que, mesmo que sejam incorporados outros gêneros jornalísticos e/ou outros veículos no corpus, essa é uma tendência que será mantida. Além disso, a partir da análise das variáveis selecionadas, concluímos que os fatores que mais privilegiam a voz passiva são overbo matar e assassinar; os veículos Metrôpoles e UOL; bem como as estruturas textuais do gênero jornalístico tais como fotolegenda, fechamento da notícia e subtítulo. Sabemos das discussões e dos desafios teóricos- metodológicos que envolvem o estudo de uma variável sintática dentro da perspectiva sociolinguística. Posto isso, daremos continuidade a essa pesquisa por entendermos sua importância para a área e por acreditarmos que, futuramente, ela possa contribuir de alguma forma para a construção de uma cultura equitativa de gênero, modificando o enquadre da mulher no contexto da violência na sociedade brasileira a começar pelas escolhas linguísticas.

Referências Bibliográficas

BERTOQUE, L. A. D. P.; GALVÃO, V. C. C. **Construções de voz em títulos de notícias e em manchetes:** contribuição para o ensino. Polifonia (UFMT), v.17, n.21, p.53-84, jul./dez., 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

AONDE FOI PARAR O ONDE? Um estudo preliminar do emprego do vocábulo “onde” e suas implicações sociolinguísticas

Bruno Bonadio Toledo
Universidade de Brasília – UnB
Bonadio.unb@hotmail.com

Introdução

A partir de textos produzidos por vestibulandos do Exame Nacional de Ensino Médio de 2018 (doravante ENEM), faz-se o presente estudo sobre o emprego da palavra “onde”, bem como se analisam os diferentes contextos de emprego desse vocábulo e suas implicações sociolinguísticas. A motivação para este estudo é o uso de “onde” como um autêntico recurso linguístico para contextos não normatizados pela gramática tradicional, servindo essa palavra de apoio para distintas e diversas situações linguísticas.

Referencial teórico

Os manuais de língua portuguesa empregados Brasil afora postulam o uso da palavra “onde” como: pronome relativo invariável, advérbio ou ainda advérbio interrogativo de lugar, a depender de sua posição na estrutura oracional. No entanto, independentemente da classe morfológica atribuída a tal léxico, é sabido que seu uso normativo está restrito à ideia de lugar. Contudo, em função de seu emprego no português contemporâneo, percebe-se um movimento não condizente com o que preconizam as gramáticas tradicionais, as quais remontam a um português distante daquele utilizado nas relações hodiernas. Nesse sentido, o que se nota, a partir dos mais variados textos produzidos por falantes nativos, é a efetivação de um processo de mudança linguística. Tal alteração vai de encontro a uma postura simplesmente estruturalista da língua, que subjuga formas não condizentes com aquilo que é tido como o falar e escrever correto, o que endossa o princípio de Werner e Kaplan “exploração de velhos meios para novas funções” (apud Neves, 1997: 132), por meio do qual o falante, com o objetivo de ser o mais objetivo possível, busca conceitos concretos para se referir a fenômenos abstratos, cuja relação se encontra enfraquecida. Dessa forma, o que se percebe é uma divergência entre a norma e o uso da língua, uma vez que aquilo que é sistematizado não é o que se ouve em conversas do dia a dia ou o que se vê em textos escritos, até mesmo em contextos que exigem formalidade, como em redações do ENEM. Assim sendo, a língua é vista como interação social, construída e desconstruída pelos falantes dela. Além disso, notam-se, também, divergências entre os próprios gramáticos, que não entram em consenso quanto ao uso do “onde”, conforme apontamentos feitos na dissertação de mestrado de Sueli Maria Coelho, em 2001:

- a) Evanildo Bechara se restringe a classificar o ONDE como um pronome relativo e como um advérbio de lugar;

- b) Cegalla não endossa a terminologia de relativo indefinido, sustentada por Celso Cunha. O autor em tela descarta a possibilidade de se classificar o ONDE como pronome relativo quando não há um antecedente expreso.
- c) Rocha Lima apresenta um posicionamento mais próximo dos estudos de cunho descritivo, na medida em que busca uma análise também de ordem funcional. Ao fazer uso da nomenclatura de advérbio relativo, o autor demonstra uma postura bastante comedida.

Portanto, o presente trabalho tem o intuito de analisar o emprego da palavra “onde”, partindo do corpus “redações nota mil e nota zero” de alunos que prestaram o ENEM em 2018. O objetivo central é analisar as mudanças linguísticas presentes na escrita desses alunos ao não seguirem o padrão estipulado pela Normativa Gramática Brasileira, doravante NGB.

Metodologia

Far-se-á uso de uma metodologia quantitativa e qualitativa, ao se analisar a quantidade de redações do ENEM 2018 (zero e mil) que empregaram o “onde” e em que contexto, se o normativo ou não, analisando se aquelas que apresentaram desvio da NGB se inserem nas redações nota mil ou nas de nota zero. Portanto, a coleta de dados será a partir dessas redações que estão disponibilizadas para domínio público nos sites do INEP.

Resultados e discussões

Espera-se, com esse trabalho, fazer um levantamento do emprego do “onde” nos mais diferentes contextos, sendo eles normativos ou não, e como esse uso tem sido avaliado pelos corretores das redações do ENEM.

Conclusões

O estudo das redações do ENEM e, conseqüentemente, a coleta de dados revelam que o emprego da palavra “onde” se distancia daquele preconizado pela NGB, sendo as redações de nota zero as que apresentaram desvio do padrão normativo, com diferentes contextos de uso, que não meramente locativo, mas que ainda são estigmatizados e penalizados em correções. Por fim, é válido afirmar que o “onde” se encontra em processo de gramaticalização na língua portuguesa contemporânea. Em consequência disso, o valor locativo, próprio da partícula, vem dividindo espaço com o valor não-locativo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Guias, cartilhas e manuais: Governo Federal, 2020.

COELHO, Sueli Maria. **Uma análise funcionalista do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

O FENÔMENO DA NEGAÇÃO NO DIALETO BRASILIENSE: um estudo variacionista

Pedro Rezende Simões
Universidade de Brasília (UnB)
pedrorezsim@gmail.com

Cíntia da Silva Pacheco
Universidade de Brasília (UnB)
cintia.pacheco@unb.br

Introdução

Sabe-se que no Português Brasileiro há três formas de negação em uso: negação pré-verbal, dupla negação e negação pós-verbal. Posto isso, esta pesquisa buscará estudar, à luz da Sociolinguística Variacionista, o modo como essa negação se realiza na fala dos brasilienses. O estudo faz parte do projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO) e pretende compreender a variação de um fenômeno sintático: a negação. No português brasileiro, há apenas a palavra “não” para a negação. Porém, em outros idiomas, como alemão e mandarim, existem duas formas de negação:

1. Ich gehe nicht in den Kino morgen (eu não vou ao cinema amanhã)
2. Ich habe kein Auto (eu não tenho um carro)

O exemplo 1 demonstra a negação do verbo gehen (ir) e o 2, a negação do substantivo Auto (carro). Kein pode ser flexionado dependendo do gênero e do caso da palavra em questão, o que não é o caso de nicht. Assim, nicht nega verbos e kein, substantivos. Algo semelhante acontece em mandarim em que há dois advérbios para a negação: 不 (bù) e 没 (méi). O primeiro é utilizado para negar a grande maioria dos verbos, enquanto o verbo 有 (yǒu), que significa ter, se vale do segundo advérbio. Observemos as frases abaixo (exemplos do autor):

3. 我不吃肉 (Wǒ bù chī ròu) – eu não como carne
4. 他没有车 (Tā méiyǒu chē) – ele não tem um carro.

Posto isso, entende-se a relevância de nossa pesquisa para a linguística e para o dialeto brasiliense, ainda pouco estudado do ponto de vista da variação sintática.

Referencial teórico- metodológico

O referencial teórico encontra respaldo na teoria da variação linguística de Labov (1972). Para a pesquisa, de cunho variacionista, a coleta de dados foi feita a partir de quatro entrevistas realizadas pela pesquisadora Carolina Andrade (2010) em 2008 e 2009, a qual estudou a variação entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português falado no Distrito Federal. Desse modo, levando em consideração esse corpus, foi possível realizar nosso estudo acerca de um fenômeno sintático: a negação. Após a coleta de dados, foi feita a análise quantitativa dos dados com o auxílio do programa estatístico Goldvarb-X (SANKOFF; TAGLIAMONTE;

SMITH, 2005). Assim, inicialmente, categorizamos todas as ocorrências de negação (pré-verbal, dupla negação e pós-verbal) em função das seguintes variáveis: idade (menor ou maior do que dez anos); sexo (homem e mulher); tipo de frase (interrogativa ou afirmativa); tipo de oração (período simples e composto); preenchimento do sujeito (explícito e implícito).

Resultados e discussões

A hipótese geral é de que a negação pré-verbal ocorreria com uma frequência similar à das cidades do Nordeste devido à influência de nordestinos no Distrito Federal. Na tabela 1, percebe-se que, no período composto, predomina a negação pré-verbal, com 100% dos dados. Já o período simples tem uma maior prevalência de negação pós-verbal (4,5%) e dupla negação (18,2%), acima da média de 3,1% e 12,5%, respectivamente. Isso, possivelmente, se explica devido ao fato de que a dupla negação e negação pós-verbal são mais comuns em frases mais curtas e simples do que em sentenças mais complexas.

Tabela 1: Frequência de negação em função de período simples e composto

	Negação pré-verbal	Negação pós-verbal	Dupla negação
Período simples	17/22 (77,3%)	1/22 (4,5%)	4/22 (18,2%)
Período composto	10/10 (100%)	0/10 (0%)	0/10 (0%)
Total	27/32 (84,4%)	1/32 (3,1%)	4/32 (12,5%)

Fonte: própria

Na tabela 2, a negação pré-verbal é mais recorrente em frases afirmativas (87,5%), acima da média de 84,4%, a dupla negação ocorre mais em frases interrogativas (25%), acima da média de 12,5%, enquanto as frases afirmativas são privilegiadas com a negação pós-verbal (4,2%), acima da média de 3,1%. A negação pós-verbal não teve nenhuma ocorrência em sentenças interrogativas.

Tabela 2: Frequência de negação em frases afirmativa e interrogativa

Variável	Negação pré-verbal	Negação pós-verbal	Dupla negação
Frase afirmativa	21/24 (87,5%)	1/24 (4,2%)	2/24 (8,3%)
Frase interrogativa	6/8 (75%)	0/8 (0%)	2/8 (25%)
Total	27/32 (84,4%)	1/32 (3,1%)	4/32 (12,5%)

Fonte: própria

Na tabela 3, a negação pré-verbal ocorreu com uma frequência de 90,5% no caso de mulheres, acima da média de 84,4%. Não houve casos de negação pós-verbal no sexo feminino e o único caso em homens (9,1%), acima da média de 3,1%. Quanto à dupla negação, o sexo masculino (18,2%) está acima da média (12,5%). É possível perceber que as mulheres têm uma predileção pela forma canônica (negação pré-verbal), o que corrobora a hipótese inicial pelo fato de que, frequentemente, as mulheres optam mais pela norma padrão do que os homens.

Tabela 3: Frequência de negação em função do sexo.

	Negação pré-verbal	Negação pós-verbal	Dupla negação
Sexo feminino	19/21 (90,5%)	0/21 (0%)	2/21 (9,5%)
Sexo masculino	8/11 (72,7%)	1/11 (9,1%)	2/11 (18,2%)
Total	27/32 (84,4%)	1/32 (3,1%)	4/32 (12,5%)

Fonte: própria

Na tabela 4, as crianças mais novas tiveram um uso mais frequente da negação pré-verbal (94,4%), acima da média de 84,4%, e maior do que a faixa etária acima de 10 anos (70%). Este resultado foi diferente da hipótese inicial de que crianças mais velhas usariam mais a forma próxima à norma padrão por influência escolar. Já a negação pós-verbal (10%) e a dupla negação (20%) foram favorecidas pela idade acima de 10, acima das médias de 3,1% e 12,5, respectivamente.

Tabela 4: Frequência de negação em função da faixa etária

	Negação pré-verbal	Negação pós-verbal	Dupla negação
Idade < 10 anos	17/18 (94,4%)	0/18 (0%)	1/18 (5,6%)
Idade > 10 anos	10/14 (70%)	1/14 (10%)	3/14 (20%)
Total	27/32 (84,4%)	1/32 (3,1%)	4/32 (12,5%)

Fonte: própria

Na tabela 5, a negação dependeria do fato de o sujeito ser expresso ou não. Em termos percentuais, o sujeito implícito favorece levemente a negação pré-verbal (85%), acima da média de 84,4%, e a negação pós-verbal (5%), acima da média de 3,2%. Já o sujeito explícito favorece a dupla-negação (18,2%), acima da média de 12,9%.

Tabela 5: Frequência de negação em função do tipo de sujeito

	Negação pré-verbal	Negação pós-verbal	Dupla negação
Sujeito implícito	18/21 (85%)	1/21 (5%)	2/21 (10%)
Sujeito explícito	9/11 (81,8%)	0/11 (0%)	2/11 (18,2%)
Total	27/32 (84,4%)	1/32 (3,1%)	4/32 (12,5%)

Fonte: própria

Conclusões

Pretende-se contribuir para os estudos que corroboram que o DF apresenta uma variedade em constante focalização dialetal. Diferentemente dos trabalhos de Nascimento (2014), sobre a variedade de Vitória, e de Rocha (2013), sobre a variedade de São Paulo, nossos resultados percentuais se assemelham mais às cidades do Nordeste do que as do Sul, já que a negação pré-verbal ocorre, em média, com uma frequência de 84,4% em Brasília, semelhante a Fortaleza com 80%, enquanto em Porto Alegre é 99%, quase categórico. Nos poucos dados que coletamos sobre Brasília, a negação pré-verbal (84,4%) se demonstrou

predominante em período composto, frases afirmativas, sexo feminino, menos de 10 anos e sujeito implícito. Já a negação pós-verbal (3,1%) foi mais encontrada em período simples, frases afirmativas, sexo masculino, mais de 10 anos e sujeito implícito. Por fim, a dupla negação (12,5%) se mostrou mais recorrente em período simples, frases interrogativas, sexo masculino, mais de 10 anos e sujeito explícito. Nesse aspecto, consideramos que esse estudo preliminar contribui para o conhecimento da variedade linguística falada no Centro Oeste e, ao mesmo tempo, para os estudos de variação sintática, especificamente com relação à negação. Assim, pretende-se colaborar com a construção de pesquisas sobre Brasília no que tange a língua, a cultura e a identidade brasilienses.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carolina. **Tu e mais quantos: A segunda pessoa na fala brasiliense**. 2010. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X – A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso: 01\05\2023
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NASCIMENTO, Cristina. **A Negação no Português Falado em Vitória\ES**. 2014. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo.
- ROCHA, Rafael. **A Negação Dupla no Português Paulistano**. 2013. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS REDAÇÕES DO ENEM 2018: O USO DO CONECTOR ADVERSATIVO “MAS” E DO ADVÉRBIO “MAIS”.

Sara Alves Ferreira de Araujo
Universidade de Brasília– UnB
saraddsa@gmail.com

Introdução

A necessidade de produzir um texto coeso e coerente é um dos tópicos presentes nos critérios avaliativos de correção das redações elaboradas por estudantes durante a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A quarta competência da redação do ENEM trata do domínio dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação, ou seja, ao redigir uma redação, é necessário que o candidato faça uso adequado dos recursos da linguagem para desenvolver seus argumentos de forma coesa e coerente. Nesse contexto, é fundamental ter domínio dos diferentes tipos de conectores para o estabelecimento de relações lógicas entre as ideias apresentadas. Entre esses conectores, o adversativo "mas" tem um papel importante na organização textual, pois é responsável pela introdução de ideias contrárias ou opostas, muito utilizadas no processo de argumentação do tipo dissertativo-argumentativo exigido pelo ENEM. No entanto, o advérbio "mais", que indica quantidade, acréscimo ou intensidade pode ser facilmente confundido com o conector adversativo, devido às semelhanças fonológicas entre as palavras. Assim, neste trabalho será realizada uma análise do uso do conector adversativo "mas" e do advérbio "mais" em redações do Enem, com o objetivo de identificar a variação linguística desses termos e suas consequências na construção da coesão e coerência textual.

Referencial teórico

Bortoni-Ricardo (2011) destaca que a variação linguística está presente em todas as variedades do português brasileiro, incluindo o uso de conectores adversativos e advérbios. Segundo a autora, a escolha de um determinado termo pode estar relacionada a fatores sociais, culturais e regionais, como a escolaridade, o gênero, a idade, a classe social e a região do país. Bagno (2003) ressalta que o uso inadequado de conectores adversativos e advérbios pode comprometer a coesão e a coerência textual. Para o autor, é importante conhecer as diferentes variedades do português brasileiro e suas características linguísticas, para que o estudante seja capaz de utilizar os conectores e advérbios adequados à situação de comunicação. Camacho (2016) destaca que o conector adversativo "mas" é muito comum no português brasileiro, mas seu uso pode variar em diferentes contextos sociolinguísticos. Segundo a autora, em algumas regiões do país, é comum o uso do "mas" como sinônimo de "porém", em vez de introduzir uma ideia de oposição ou contraste. Em outras regiões, é mais comum utilizar "porém"

ou "contudo" para essa função. Gnerre (1985) apresenta uma análise da variação linguística dos conectores adversativos em diferentes variedades do português brasileiro. O autor destaca que, além do "mas", existem outros conectores adversativos, como "porém", "contudo" e "todavia", que podem ser utilizados em diferentes contextos. Gnerre enfatiza a importância de conhecer as diferenças linguísticas entre as variedades do português, para que o estudante seja capaz de utilizar adequadamente os conectores adversativos na construção do texto. A confusão entre o conectivo adversativo "mas" e o advérbio de intensidade "mais" pode ser explicada pela semelhança entre a pronúncia e a grafia dessas duas palavras em determinadas regiões do Brasil. Além disso, é importante destacar que a alternância desses termos é uma marca comum na oralidade, o que pode refletir-se em um desvio de norma padrão na escrita. Dessa forma, em algumas variedades linguísticas, os dois termos podem ser facilmente confundidos, especialmente na escrita. Essa confusão pode ser considerada um desafio para a elaboração da redação do Enem, já que o uso desses termos pode comprometer a nota dos participantes nos aspectos relativos a normas da escrita, como ortografia e gramática, presentes na competência 1, além daqueles relativos a coesão e coerência textual, presentes na competência 4. Para superar essa dificuldade, é necessário que o estudante esteja atento aos contextos em que cada um desses termos deve ser empregado, além de possuir um conhecimento aprofundado sobre as variedades do português falado no Brasil.

Metodologia

Esse trabalho utiliza uma metodologia que envolve a análise de dados coletados em um corpus de redações do exame no ano de 2018, cujo escopo abarca redações selecionadas para o treinamento e capacitação de corretores do ENEM daquele mesmo ano. A razão para a escolha do ano de 2018 se deve especificamente ao fato de ser o único ano cujas redações com notas abaixo de 1000 foram disponibilizadas publicamente pelo site do INEP. As redações foram coletadas já digitalizadas em meio eletrônico. Logo após, identificam-se as ocorrências dos conectivos "mas" e "mais" em cada redação, categorizando-as de acordo com o contexto linguístico e social em que foram utilizadas. Para a análise dos dados, são utilizadas técnicas de análise quantitativa e qualitativa. Na análise quantitativa, há a contabilização do número de ocorrências de cada conectivo e comparada sua frequência em diferentes redações. Há ainda a análise de exemplos de redações do Enem que utilizam "mas" e "mais" de forma adequada e inadequada, com destaque para possíveis influências externas.

Resultados e discussões

Os resultados da pesquisa são discutidos em relação à variação linguística e às principais dificuldades que os participantes do ENEM encontram ao utilizar corretamente os conectivos "mas" e "mais", com a proposição de estratégias para melhorar o desempenho dos estudantes na redação do exame. Para garantir a coesão e coerência textual, é preciso conhecer as possíveis variações do uso desses

termos nas diferentes variedades linguísticas do português falado no país. O "mas", por exemplo, é mais comumente utilizado em algumas regiões do país como sinônimo de "porém" ou "entretanto", enquanto em outras regiões pode ser substituído por "mas sim" para indicar oposição. A compreensão dessas variações, portanto, é essencial para que o estudante possa utilizar corretamente os conectores adversativos na redação, garantindo a clareza e a coerência textual. Além disso, o conhecimento sobre as possíveis variações no uso de advérbios, como "mais", também é importante para garantir a precisão na expressão das ideias. De acordo com Koch (2016), a variação linguística é um fenômeno natural e deve ser estudada como parte da língua portuguesa, de modo que o estudante possa compreender as possíveis diferenças no uso de conectores adversativos e advérbios de acordo com a região ou situação de comunicação. Sendo assim, é imprescindível que o estudante esteja preparado para compreender e utilizar as diferentes variações da língua portuguesa e suas particularidades regionais, para que possa produzir uma redação coesa e coerente no Enem. Essa compreensão ampla e contextualizada da língua, por sua vez, também pode contribuir para um debate mais consciente e responsável sobre a diversidade linguística no país.

Conclusões

A compreensão do uso adequado dos conectores adversativos e advérbios, como "mas" e "mais", é fundamental para a produção de uma redação coesa e coerente no Enem. No entanto, essas palavras podem apresentar variações regionais e contextuais que devem ser consideradas pelo estudante, a fim de garantir a clareza e a correção da escrita. Assim, é importante que os estudantes estejam preparados para identificar essas variações e compreender o uso adequado desses termos, conforme a região ou situação de comunicação, para que possam produzir uma redação eficiente e coerente. Além disso, esse conhecimento pode contribuir para a valorização da diversidade linguística do país e para um debate mais consciente e inclusivo sobre as particularidades regionais e culturais do país.

Referências Bibliográficas

- BORTONI-RICARDO, S. M. (2011). **Nós Chegemo Juntos**: experiências de linguística aplicada à educação. Parábola Editorial.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2011). Sons do português brasileiro: variações e envolvimento com a escrita. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAGNO, M. (2003). Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. Editora Loyola.
- CAMACHO, R. (2016). Variação de Uso do Conector Adversativo Mas em Diferentes Contextos Sociolinguísticos do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 24(1), 267-284.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- GNERRE, M. (1985). Conectivos Adversativos na Variação Linguística do Português. In L. E. Orlandi (Ed.), **A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso** (pp. 33-43). UNICAMP.
- KOCH, I. G. V. (2016). Gramática do Português Falado: Estudos descritivos e instrumentos de pesquisa. Editora Unicamp.

VARIAÇÕES E MUDANÇAS LINGÜÍSTICAS DE PRONOMES PESSOAIS NA PRIMEIRA PESSOA DA LÍNGUA QUÍCHUA

Armando Gutiérrez Cisneros (PPGL-UNB)¹

Cíntia da Silva Pacheco (PPGL-UNB)²

Carolina Queiroz Andrade (PPGL-UnB)³

Introdução

Esse trabalho trata das variações e mudanças linguísticas ocorridas nos pronomes pessoais na primeira pessoa do singular e plural da Língua Quíchua. A Língua Quíchua é uma das línguas ameríndias, mais antigas que representou e representa as culturas Pré-Incas e Incas na América do Sul, além disso, ocupa o terceiro lugar entre as línguas sul-americanas mais faladas, depois do Espanhol e do Português, nem por isso foi considerado como uma língua de prestígio, ao contrário sempre foi desprestigiada e está no perigo de extinção. A Língua Quíchua foneticamente e fonologicamente havia sido tri vocálica no passado, porém, desde o século XVI, tem sofrido muitas variações e mudanças linguísticas em virtude, principalmente, do intenso contato com a Língua Espanhola, que é penta vocálica. As transformações decorrentes desse contato ocorreram em todos os níveis: estruturação gramatical, fonética, fonológica, morfológica e lexical. Nos últimos 10 anos, as pesquisas demonstram, que a Língua Quíchua é transnacional, com falantes em 7 países sul-americanas, “Argentina, Bolívia, Peru, Brasil, Colômbia, Equador e Chile” (DNLO, 2014).

De acordo com Cerrón (1987), na América do Sul, as línguas indígenas não tinham nomes próprios. No entanto, os exploradores usaram outros nomes das línguas, em alguns casos até pejorativos e discriminatórios, com objetivos de dominação e impor suas culturas, desconhecendo as já existentes, como delimitar as terras e cobrar impostos. A designação *qichwa* (quíchua, o vale temperado) teria seus vestígios na proximidade da bacia hidrográfica superior do rio Pampas, no estado de Apurímac, Peru. O *Qichwa* foi denominado pelos espanhóis como

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB.

² Professora Dra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB.

³ Pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília-UnB.

Quéchua de forma errada, como também *Runa Simi* ou *Runa Shimi*, que, na tradução literal seria a língua do homem, com um sentido de discriminação para indicar a língua do índio.

Perroud (1972, p. 05), “a Língua Quíchua ou chamada também como Runa-Simi (a linguagem do homem)”. Os dados históricos mostram a chegada dos primeiros homens para a América do Sul, foi para *Andawaylas* (primeiro capital do Peru), ao longo dos rios Amazonas, *Ucayali* e *Apurimac*. Depois, expandindo-se para os estados de Ayacucho, *Huancavelica* e *Apurimac*. Por isso, a descrição estrutural da Língua Quíchua teria começado nessa região e disseminado para outras regiões, assim, sofrendo suas variações e mudanças linguísticas, pelo contato de outras línguas indígenas, antes da chegada dos Incas de Cusco. Há essas evidências dessas regiões, que o pronome pessoal da primeira pessoa do singular é *Ñuqa* (eu), ou seja, a Língua Quíchua já estava disseminada pelas extensas comarcas do futuro *Tawantinsuyu* (os Quatro Estados-Unidos, constituídos pelos Incas), pela imigração dos mesmos quíchuas, porque quando o Inca *Wayna Capac* (um dos Incas do *Tawantinsuyo*) chegaram ao Equador, os habitantes de muitas regiões já falavam a Língua Quíchua, tri vocálicas e com muitas variações e mudanças linguísticas. Os Incas continuaram disseminando a Língua Quíchua por todo o Império Inca, cuja *wiphala* (bandeira dos Incas) era da cor do arco íris.

Segundo as afirmações de Cahuana (2007), “os pronomes pessoais têm a função de substituir apenas os nomes das pessoas.” Na variante da Língua Quíchua de Cusco – Collao, os pronomes pessoais na primeira pessoa do plural diferem do Espanhol e do Português, porque há duas formas de explicitar ou expressar, com você inclusivo *Ñoqanchis* (nós) e sem você exclusivo *ñoqayku* (nós), como nos exemplos a seguir:

Singular

1º Primeira pessoa: *Ñuqa* (eu)

Plural

1º Primeira pessoa: *Ñoqanchis* (nós inclusivo)

1º Primeira pessoa: *Ñoqayku* (nós exclusivo)

Segundo Zapata (2019), no geral, a variedade da Língua Quíchua falada no Oyón e Picoy, no Perú é caracterizada por apresentar isoglossas ligadas à morfologia nominal e verbal. No que concerne às variações e mudanças linguísticas, o pronome da primeira pessoa do singular é *Noga* (eu), demonstrado

no desenvolvimento do discurso, como nos exemplos: “(205) *Noga rimayka huk warmiwan*” (eu estou falando com uma senhora) e (209) “*Noga uria warmiwam tsakratso*” (eu trabalho com a minha esposa na chácara). Igualmente, segue os mesmos paradigmas das outras variantes, com suas raízes do pronome da primeira pessoa do singular, *Noga* (nós), continuam nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural, com você inclusivo e com você exclusivo, mudando as duas letras do parágrafo anterior, como “Ñ” por “N” e “Q” por “G,” como nos exemplos a seguir:

Singular

1º Primeira pessoa: *Noga* (eu)

Plural

1º Primeira pessoa: *Noganchis* (nós inclusivo)

1º Primeira pessoa: *Nogayku* (nós exclusivo)

Conforme Cordeiro (2014, p. 210), a Língua Quíchua tem mudado foneticamente, morfologicamente, inclusive na sua ortografia. Em virtude do contato com o idioma aymará, a letra ‘LL’ foi fundida em ‘L’; em Santiago de Estero – Argentina, a letra ‘R’ foi mudada para a letra ‘L’, como por exemplo, *Lantini* por ‘*RANTINI*’ (eu compro) e *Luru* por ‘*RURU*’ (a fruta). Ademais, os pronomes pessoais na primeira pessoa dessa língua têm sofrido variações pronominais. Nessa região da Argentina, a Língua Quíchua está em perigo de extinção pelo preconceito linguístico, discriminação de seus falantes e pelas interferências linguísticas do Espanhol, mudando suas palavras ortograficamente para o alfabeto latino, como nos pronomes da primeira pessoa do singular *Ñuqa* (eu) mudou para *Ñuca* (eu).

Os autores Yañez e Jara (1982) demonstraram em uma variante equatoriana, que o quíchua fonologicamente é tri vocálico, usando apenas ‘a’, ‘i’, ‘u’; por isso mesmo em nomes próprios do espanhol há alterações das vogais, como por exemplo, a vogal ‘O’ é altera para ‘U’, como em ‘Pedro’ > ‘Pidru’. Além disso, os pronomes pessoais da primeira pessoa são: *Ñuka* (eu); no plural *Ñukanchik* (nós inclusivo), que inclui a todos do grupo; e *Ñukayku* (nós exclusivo), que inclui apenas uma parte do grupo existente.

De acordo com Cisneros (2020, p. 88, 101), na variante da Língua Quíchua Ayacuchano, que é predominantemente tri vocálico a, i, u, o pronome pessoal da primeira pessoa do singular é *Ñuqa* (eu). No entanto, o pronome pessoal da primeira pessoa do plural difere em duas vertentes semânticas do Espanhol e do

Português, como no caso de *Ñuqanchik* (nós inclusivo), que inclui a todos do grupo e *Ñuqayku* (nós exclusivo), que inclui apenas uma parte do grupo.

Segundo Gómez (2013), identificou-se um narrador como membro do povo de Cayambé – Equador, que mudou um pronome pessoal na primeira pessoa do plural da Língua Espanhola para Quíchua, como *Nosotros* (nós), em *Nusutrus* (nós). Pelo que a Língua Quíchua do povo de Cayambé e da maioria das variantes equatorianas são predominantemente tri vocálicas a, i, u. Assim mesmo, todas as palavras penta vocálicas emprestadas da Língua Espanhola, a, e, i, o, u, para a Língua Quíchua, que foram convertidas em palavras tri vocálicas, inclusive, têm algumas carregadas de interferências linguísticas das palavras da primeira linha no exemplo de baixo Espanhola para Quíchua, como *dusi* (no Espanhol: *doce*, no Português: *doze*), *añumanta* (no Espanhol: *años me acuerdo desde*, no Português: *lembro-me desde meus doze anos*), *Vallimanka* (no Espanhol: *Valle o Ibarra*, no Português: *para Ibarra que está no vale*), *andarkani* (no Espanhol: *andar, ir, fui para*, no Português: *fui para*), *yarirka* (no Espanhol: *ya podía ir*, Português: *já podía ir*), *chikiturakmi* (no Espanhol: *todavía era chiquito*, no Português: *ainda, eu era pequeno*), como no discurso seguinte:

Dusi añumanta Vallimanka andarkani yarirka, chikiturakmi andarkani, iskwilapi andakushpallatami taytikuka llibashpa andawarka, juyaypami ñuka wañushkapica puripanga kullkimantaima, kaypika maypi kulkita ganashpata, ñuka kawsakushpallata yachachisha dizishpa Vallimanka llibashpa andarka. Llorai lloraimi andarkani, nu insiñarishpa, Tapiapamba jazindaman llibarka, simanakuta kashpalla traishpa vinirka builta, unkui kujinka dizishpa, isika nu insiñarishpa, gallina, así gallinira limfiaikukunapi asi parki azishka, asikukunata limfiashpallami andak karkani, dus realiskuta ganashpa biniriani.

[Me acuerdo que a los doce años me fui a Ibarra, todavía era chiquito, todavía iba a la escuela, mi papá me fue llevando, yo fui con gusto por ganar algún dinero, ‘cuando ganas dinero allá, viviendo aprenderás’ diciendo me llevó a Ibarra, llorando llorando me fui, no me enseñaba, me llevó a la hacienda de Tapiapamba, luego de una semana regresó a traerme, diciendo ‘va a cogerte la enfermedad’, como no me enseñé ahí, trabajaba limpiando lo de las gallinas, los gallineros, en el parque, eso limpiaba y venía ganando dos realitos.]⁴

⁴ [lembro que com doze anos eu fui para Ibarra, ainda, eu era pequeno e ia para a escola, meu pai me levava, eu ia com muito gosto, por ganhar algum dinheiro, 'quando você ganhar dinheiro lá, vivendo você vai aprender' dizendo isso, ele me levou para Ibarra, chorando chorando eu fui, ele não me ensinou, ele

Além disso, o autor revela sobre as variações e mudanças linguísticas de várias regiões equatorianas, na estruturação gramatical, fonética, fonológica, morfológica e lexical, nos pronomes pessoais da primeira pessoa do singular e plural, como *Shuqa* (eu), em Ibabura, Equador e *Ñuka* (eu) no Otavalo, Equador. A fundição dos pronomes pessoais da primeira pessoa do plural da língua espanhola para quíchua, como *Nosotros* para *Nustru* (nós) e *Nosotros* para *Nusutrus* (nós). Esses últimos, tomados como empréstimos da Língua Espanhola, para a Língua Quíchua dando a conotação, que o *Nustru* (nós) seja como o pronome da primeira pessoa do plural inclusiva e *Nusutrus* (nós) como o pronome da primeira pessoa do plural inclusiva.

Os pronomes pessoais da primeira pessoa da Língua Quíchua têm suas variações e mudanças linguísticas, pelo intenso contato com a língua espanhola, desde a colonização dos conquistadores, no século XVI, de tri vocálico daquele período, que passaram ser usadas como penta vocálicas, nos dias atuais, principalmente nas cidades de domínio dos espanhóis. Entretanto, naturalmente teve contato com outras línguas originárias ameríndias, sofrendo suas variações e mudanças linguísticas, mas quase sempre prevalecendo o tri vocálico. Inclusive, fundindo o Espanhol penta vocálico “a, e, i, o, u,” para o Quíchua “a, i, u.” No geral, os pronomes pessoais da Língua Quíchua, seguem os mesmos paradigmas das línguas latinas, em três pessoas gramaticais, como da primeira, segunda e terceira pessoa, com pequena variação explícita na primeira pessoa do plural inclusiva e exclusiva. A Língua Quíchua, ainda, sobrevive a tantas discriminações, preconceitos, genocídios linguísticos e epistemológicos na América do Sul.

Este trabalho sobre variações e mudanças linguísticas ocorridas nos pronomes pessoais na primeira pessoa da Língua Quíchua iniciou-se a partir dos estudos realizados dentro da disciplina Variação e Mudança Linguística, na Universidade de Brasília - UNB, em 2023.

Permitirá, assim, a inclusão de uma língua indígena no escopo dos estudos dos pronomes que já ocorrem em diversas línguas ocidentais das Américas. Ao incluir o Quíchua, a paisagem das variações e mudanças linguísticas, que ocorre em pronomes pessoais em línguas de diferentes regiões na América do Sul fica

me levou para a fazenda Tapiapamba, depois de uma semana ele voltou para me trazer, dizendo 'você vai pegar a doença', como eu não estudei lá, ele trabalhava limpando as galinhas, despenando as galinhas, no parque, do que limpava voltava ganhando apenas dois reais.] (tradução minha).

ainda mais completa. Resta saber quais fatores linguísticos e sociais influenciarão as ocorrências das formas pronominais em foco.

Referências Bibliográficas

- CAHUANA, Ricardo. **Manual de gramática quechua cusco-collao**. Edición Revisada. Sicuani – peru, 2007.
- CERRÓN, Palomino. **Linguística quechua**. Centro de Estudios Andinos Bartolomé de Las Casas, Lima, 1987.
- CISNEROS, Armando Gutiérrez. **O Quíchua Ayacuchano: Panorama Sociohistórico, Linguístico e Educacional**. Editorial Dialetica, São Paulo, 2020.
- CORDEIRO, Roberta. **Quatro Séculos de Gramaticografia quéchua Emergência e Desenvolvimento da Categoria de Caso Nominal em Perspectiva Historiográfica**, Revista de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2014.
- CÓRDOVA, Gavina; ZARIQUIEY, Roberto. **Qayna, kunan, paqarin**. Una introducción práctica al quechua chanca. Impreso en Perú. Primera edición: marzo de 2008.
- DNLO, **Documento Nacional de Lenguas Originarias del Perú**. Ministerio de Educación, Calle Del Comercio N.º 193, San Borja Lima, Perú. Primera edición: abril 2014.
- GÓMEZ, Jorge Rendón. **Subalternidad y contrahegemonia en la narrativa testimonial kichwa de la sierra norte del ecuador**. Quito – Ecuador, setiembre de 2013.
- PERROUD, Clemente. **Gramática quechwa: Dialecto de Ayacucho**. Editorial Universo S.A. Av. Nicolás Arriola 2285, La Victoria, Lima, Perú, 1972.
- YANEZ, Consuelo; JARA, Fausto. **Nukanchik Llaktapak Shimi**. Pontificia Universidad Católica del Ecuador: Instituto de Lenguas y Lingüística, 1982.
- ZAPATA, Emérita Escobar. **Estudio dialectológico del quechua central en el poblado de Picoy**. Revista Tierra Nuestra. Facultad de Economía y Planificación, Universidad Nacional Agraria La Molina, Lima, Perú, 2019.

DEMONSTRATIVOS ANAFÓRICOS E CATAFÓRICOS: uma análise sociolinguística variacionista nas redações do ENEM

Lucas Henrique Garcia
Universidade de Brasília – UnB
prof.lucasingles@gmail.com

Introdução

A utilização de pronomes demonstrativos para a finalidade de referenciar elementos em um texto escrito é recorrente e suscita uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos que merecem atenção. As discrepâncias variacionistas entre os modos de expressão em língua oral e em língua escrita são inúmeras e uma análise mais profunda nos leva a perceber que, em termos de variação lexical, esse fenômeno tende a ser ainda mais acentuado. Uma vez que a utilização de pronomes demonstrativos para fins de retomada ou apresentação de elementos em posição de anáfora ou catáfora tende a ocorrer em ambos os registros, é válido ponderar que, apesar disso, a forma como os falantes de português do Brasil os utilizam é bastante distinta. Na oralidade, a predominância de “isso” e os respectivos demonstrativos marcados em gênero “esse” e “essa” é perceptível, ainda que em contextos diferentes daqueles em que, pela norma padrão da língua, esses elementos não sejam equivalentes. Diante disso, é de se esperar que a variação se reproduza, em maior ou menor grau, na expressão escrita dos indivíduos. Em razão disso, as redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) parecem ser, em especial, uma fonte primordial de análise para que possamos averiguar se: a) essa variação, de fato, existe também na escrita formal; b) em que medida os candidatos variam os demonstrativos em seus contextos particulares; c) se há influência do ensino da norma padrão nas referências anafóricas e/ou catafóricas; d) se o uso anafórico e catafórico é variável na escrita como pressupõe-se de que seja na oralidade.

Referencial teórico

Esta pesquisa versa sobre a utilização de pronomes demonstrativos para fins de referenciação anafórica e catafórica com base nas variações encontradas em produções escritas dos candidatos ao ENEM.

Marine (2014), ao abordar o uso anafórico dos pronomes demonstrativos no português contemporâneo, aponta uma predominância de determinadas formas – em geral, as intermediárias “isso”, “esse” e “essa” – na oralidade. Acredita-se, portanto, que essa predominância da expressão oral se replique, em maior ou menor grau, na expressão escrita, uma vez que o texto em modalidade escrita não se dissocia completamente de sua forma oralizada. As produções espelham, na realidade, um “continuum entre a escrita e a fala” (MARINE, 2014, p. 4).

É por essa razão que concordamos com a posição apontada pela autora de que é possível observar, também em textos escritos, variações inerentes aos falantes e que não necessariamente se distanciam da realidade da língua oral.

Sabe-se que as pesquisas variacionistas tendem a privilegiar a modalidade oral da língua, pelo pressuposto de que a fala seja mais propensa às variações e consequentes mudanças linguísticas, como propõe o modelo teórico-metodológico de Weinreich, Labov e Herzog (2006) e os estudos tipicamente labovianos que se seguiram.

No entanto, Ko Freitag (2000) nos mostra que a faixa etária tende a ser, dentre outros fatores sociais que influenciam a variação linguística, bastante significativa no que diz respeito à inovação, uma vez que falantes mais jovens costumam ser precursores da mudança (seja ela concretizada do ponto de vista observável ao longo do tempo ou apenas uma variação sincrônica).

Além disso, o fator nível de escolaridade também afeta direta ou indiretamente – a depender do fenômeno que se observa – a produção de registros variáveis em diferentes níveis, como demonstram da Silva e Santos (2018).

As redações do ENEM constituem, diante do exposto, um conjunto de textos muito produtivos do ponto de vista da análise de *corpus* e isso se dá por três principais razões.

Em primeiro lugar, ainda que não se tenha uma faixa etária restrita para a realização do exame, a média de idade dos candidatos é superior nas faixas que indicam a transição entre adolescência e vida adulta, como apontam os dados de diferentes aplicações publicados pelo INEP. Isso permite que façamos inferências que podem esclarecer as razões pelas quais determinada variação ocorre ou não, bem como nos dá indícios de futuras tendências de mudança com base na concepção de *deriva* no português do Brasil, abordada nos estudos de Naro e Scherre (1993).

Além da faixa etária relativamente restrita, pressupõe-se nível de escolaridade similar entre os candidatos, que, em sua maioria, possuem entre ensino médio completo (ou são concluintes) e superior incompleto (ou não ingressaram nesse segmento ainda).

Em terceiro lugar, a análise variacionista pautada em pressupostos etários relativamente próximos e associados a um nível de escolaridade razoavelmente específico constitui um contexto de produção que nos permite explorar o fenômeno com nível de significância relevante se promovemos sua triangulação com a ideia de texto em “língua oral-escrita”, proposta por Marine (2004), a qual aponta tendências de que a oralidade e seus fenômenos variáveis permeiam, também, a escrita dos mesmos indivíduos.

Metodologia

Para que pudéssemos obter uma maior precisão nos resultados da pesquisa, foi necessário realizar um estudo de natureza híbrida, mesclando análises qualitativas e quantitativas. Os dados foram segmentados em unidades,

analisados e categorizados considerando o fenômeno dos pronomes demonstrativos em situação de referenciação anafórica e catafórica.

Foram selecionadas redações disponibilizadas publicamente pelo INEP dentro de dois contextos distintos: produções escritas de nota máxima (1000) e redações de nota mínima (0).

Quanto à segmentação dos dados, foram definidas convenções para a transcrição e codificação, baseadas em Borges-Almeida (2009).

Primeiramente, identificamos os limites de cada unidade e, em seguida, demarcamos os contextos em cada uma das ocorrências (seja anafórico ou catafórico). Após a etapa de demarcação contextual, calculamos os índices de variação a partir da frequência de unidades referentes aos fenômenos.

Por último, foi utilizada uma abordagem *data-driven* para categorizar as estruturas linguísticas por níveis de variação, considerando, inclusive, as variações nulas para fins de completude e esclarecimento.

Resultados e discussões

As produções textuais que foram analisadas nesta pesquisa possuem fator que aparenta ser, em uma primeira análise, intrinsecamente divergente, uma vez que se tratam de redações disponibilizadas para a função social de exemplificar naturezas de expressão escrita opostas: a máxima atribuição de pontos no exame e a desclassificação do exame em função da gradação mínima.

Entretanto, não é possível afirmar que as redações de nota mínima tenham sido zeradas por desempenho insuficiente dos candidatos no que diz respeito aos aspectos morfosintáticos ou de adequação lexical, fatores em que a utilização dos pronomes demonstrativos se encaixam sob perspectiva funcionalista de retomada ou antecipação.

Diante disso, a variação (ou não) em sua utilização pode não estar atrelada à atribuição de notas no segmento de produção escrita do exame. Elementos como fuga ao tema ou mesmo indício de identificação fazem com que o corretor atribua, automaticamente, nota mínima, ainda que os demais elementos aos quais o fenômeno analisado está relacionado (como a coesão, a coerência e a utilização da norma padrão, por exemplo) tenham sido suficientemente desenvolvidos pelos candidatos.

Novos estudos na área de avaliação de proficiência, diretamente ligados ao processo de atribuição de notas, que analisem a grade de correção do exame com foco no fenômeno em questão podem ser esclarecedores no que diz respeito a quão relevante a variação é para fins de obtenção de nota máxima ou qual o grau (se há algum) de interferência dessa variação no resultado que gera penalidade máxima (o nulo na prova de redação, neste caso).

Conclusões

A utilização dos pronomes demonstrativos para fins de referência catafórica e anafórica é um fenômeno amplo que pode ser estudado a partir de perspectivas muito distintas entre si. No que diz respeito ao *corpus* de redações que serviram

de base para esta pesquisa, há indícios de variação, que podem ou não levar à mudança ou mesmo a casos de distribuição complementar. No entanto, o número restrito de produções textuais e a ausência de informações acerca dos fatores extralinguísticos são contextos limitadores do estudo. Sugere-se, então, a ampliação do *corpus* a fim de que se possa fazer generalizações com base em dados mais robustos. Apesar disso, a análise híbrida nos permite fazer inferências acerca do fenômeno analisado e, dentro das restrições contextuais, apontar direcionamentos e tendências.

Referências Bibliográficas

BORGES-ALMEIDA, Vanessa. **Precisão e complexidade gramatical na avaliação de proficiência oral em inglês do aluno formando em Letras: implicações para a validação de um teste.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

DA SILVA, Juliana; SANTOS, Renata. A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada. **A Cor Das Letras**, v. 19, p. 124–139. Feira de Santana, 2018.

KO FREITAG, Raquel. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, n. 11, p. 105–121, 2000.

MARINE, Talita. **O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele?** Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2004.

MARINE, Talita. O uso anafórico dos pronomes demonstrativos no português contemporâneo. In: COSTA, D.S., org. **Pesquisas linguísticas pautadas em corpora** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 15-50.

NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. Sobre as origens do português popular do Brasil. **DELTA**, v. 09, p. 437-454. São Paulo, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. A língua como um sistema diferenciado. In. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

**MESA 04- GRUPO DE ESTUDOS
EM LINGUAGEM, DISCURSO E
ENSINO**

O USO DE REGRA LINGUÍSTICA NÃO-PADRÃO POR ALUNOS E A ATITUDE DO PROFESSOR

Maria da Guia Taveiro Silva¹

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

maria.silva@uemasul.edu.br

Introdução

O processo de ensino e aprendizagem da língua materna, principalmente no ensino fundamental é complexo, pois é possível que o professor tenha em sala de aula quem faz uso regular da variedade culta da língua (a considerada como de maior prestígio) e quem não a domine ainda (quem faz uso de variedades consideradas como de menos prestígio). Neste estudo aborda-se o conflito linguístico que há em salas de aula da educação básica e, dependendo de atitudes no ambiente escolar, quem faz uso de variedades menos valorizadas e mais distantes da exigida pela e na escola, enfrenta mais dificuldade para aprender e, às vezes, até desiste de estudar. Buscou-se investigar a atitude do professor e a percepção dos alunos diante de regras não-padrão da língua, feito no contexto escolar. Trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada em escolas públicas de ensino fundamental, especialmente em escola periférica, em dois municípios do Maranhão, finalizada em 2022.

Referencial teórico

Ao chegar à escola, a maioria dos estudantes já consegue comunicar-se por meio da oralidade, embora haja diversidade de uso da língua. O fenômeno da variação linguística é inerente às línguas naturais, pois a língua “ao mesmo tempo em que possui estrutura, também é dotada de variabilidade” (COELHO et al, 2020, p. 59). Geralmente, é na escola que se aprendem outras formas de falar, bem como a escrever. Assim, a escola deve favorecer a aprendizagem das variedades da língua, principalmente da que deve ser usada em contextos formais (BORTONI-RICARDO, 2019, 2005; SOARES, 2017). E cabe à escola expor os estudantes a situações mais complexas de uso da linguagem a situações nas quais eles “[...] vão precisar especialmente de recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos monitorados” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75). Nesse contexto, entende-se que a não percepção da diversidade linguística no contexto escolar e de seu ensino pode impactar negativamente o desenvolvimento da educação, inclusive no país. A não compreensão dos usos da própria língua, entrava a apropriação do conhecimento que deve ocorrer por meio dela. Por isso, deve haver empenho em prol da solução da problemática linguística na escola, porque ela envolve todo o processo de ensino e aprendizagem.

Metodologia

O estudo é considerado de abordagem qualitativa, na qual ocorre interpretação dos dados obtidos (CRESWELL, 2010). Ele é de

¹ Estudo realizado com participação de acadêmicos do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da UEMASUL, como bolsistas de Iniciação científica.

cunho etnográfico e de caráter exploratório. Como instrumentos de construção dos dados foi feita observação em campo, entrevista e análise documental. Foi realizado em turmas de 6º ao 9º ano. O estudo teve duração de um ano, feito em escolas que careciam de mais estruturação.

Resultados e discussões

Os resultados mostraram que a maioria dos alunos, ao falar, não consegue fazer uso da variedade linguística mais usada em contextos formais. As ocorrências identificadas geram dificuldade, mas podem ser corrigidas quando trabalhadas. Por exemplo: 1. Supressão/aglutinação: *tá, tava, né, num, pra, tou*. 2. Redução de ditongo: *ficô, tô*. 3. Falta de marcação do plural: *das aula*. 3. Uso de *mim*, como pronome que antecede verbos: “*Senhô mimajuda*”. 4. Uso de termos produtivos em comunidades mais isoladas (em zona rural ou em periferia): *mermo*. Eles mostraram, ainda, que os alunos não sabem fazer distinção entre fala e escrita, pois escrevem com traços da oralidade. Os dados mostraram que os professores percebem a diversidade linguística e o uso que os alunos fazem da língua, mas que nem sempre as inadequações são trabalhadas. Um dos motivos apontados, por eles é a falta de melhores condições de trabalho.

Conclusões

O uso de regra não padrão e da linguagem menos monitorada, pelos alunos, é uma realidade. A existência da variação e das variedades linguísticas no contexto escolar é uma realidade. Assim, no que for possível, o professor deve procurar lidar com a situação de forma que o resultado do trabalho que realiza seja o mais positivo possível. Ele deve dar atenção às variedades linguísticas, e mediar o ensino de forma que seu aluno faça uso oral da variedade que domina e aprenda a fazer uso da variedade adequada em contextos formais, de acordo com a necessidade e a ocasião. Aprenda a usar a regra padrão/a língua adequadamente e não se sint discriminado ou marginalizado. Linguisticamente marginalizado, “é não poder exercer em sua plenitude os seus direitos de cidadão, (...) aquele que a sociedade marginaliza, (...) aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas” (SOARES, 2009, p. 20). O uso pleno da linguagem é um direito.

Referências Bibliográficas

- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Tradução: Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- COELHO, I. L., GÓRSKI, E. M., SOUZA, C. M. N. e MAY, G. E. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A UTILIZAÇÃO DO ANIME *ONE PIECE* (1999) PARA A REFLEXÃO DE LÍNGUA MATERNA

Kezia da Silva Calixto
Maria da Guia Taveiro Silva
Gilberto Freire de Santana

kzcalixto@gmail.com
maria.silva@uemasul.edu.br
gilbertosantana@uemasul.edu.br

Introdução

Os mangás e animes são dois tipos de narrativas ficcionais apreciados pela classe dos estudantes (LUYTEN, 2012), aplicá-las em sala de aula para o ensino de língua materna pode suscitar resultados positivos. O presente trabalho objetivou apresentar o anime japonês *One Piece* (1999), como útil material pedagógico para se pensar o variação do português brasileiro. Espera-se que com essa pesquisa, os animes possam ser vistos como possíveis aportes pedagógicos para o ensino de língua materna.

Referencial teórico

Luyten (2012) afirma que os mangás e animes japoneses constituem-se ferramentas pedagógicas positivas para o fazer docente, em diferentes campos do saber, o que pode incluir a disciplina de língua portuguesa. Casseb-Galvão e Neves (2017) pontuam que a dublagem e legendagem audiovisual contribuem para a reflexão e ensino de língua materna, pois estas associam “a imagem ao som e a fala à escrita das legendas” (p. 59). A dublagem e legendagem brasileiras de *One Piece* (1999) permitem realizar uma discussão acerca da marginalização linguístico-social, da relação hierárquica existente entre variedade estigmatizada e de prestígio, bem como o que concerne à adequação linguística. Para tanto, utilizou-se a teoria de Soares (2017) e Bortoni-Ricardo (2014).

Metodologia

A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa. O procedimento aplicado em sua construção foi bibliográfico, baseando-se, principalmente, nas colocações de Soares (2017) e Bortoni-Ricardo (2017). De natureza básica, foram analisados excertos dos episódios 51, 159, 164, 191, 192, 196 e 197 de *One Piece* (1999), para refletir às questões que concernem, especificamente, marginalização linguístico-social, relação hierárquica existente entre variedade estigmatizada e de prestígio e a importância do bidialetalismo funcional. Quanto aos objetivos, por fim, a pesquisa é explicativa, dado que visou explorar *como* a dublagem e legendagem brasileiras de *One Piece* (1999) podem auxiliar docentes de língua portuguesa no processo de ensino e reflexão de língua materna a alunos de Ensino Médio.

Resultados e discussões

Tendo em vista que a legendagem do anime *One Piece* (1999) é apresentada ao espectador segundo a norma culta, o professor pode mostrar aos alunos que existem distinções entre a fala e sua transcrição/entre a oralidade e a escrita, ajudando-os a evitar equívocos ortográficos, como observado na tabela a seguir:

Título: Variedade Oral e Escrita em *One Piece* (1999)

Oral	Escrita
<i>Véi do apito</i>	<i>Velho do apito</i>
<i>Zoro, me ensina a solar</i>	<i>Zoro, me ensina a lutar</i>

Fonte: própria

Na análise realizada das falas das personagens Luffy, Chopper, Nami, Usopp, Sanji, Robin e outras secundárias, foi possível detectar eventos de monotongação, alçamento vocálico, neutralização da consoante /r/ e uso de expressões idiomáticas. Todavia, em contextos sociais que exigiam o uso da variante de prestígio, as personagens estudadas mostraram saber operá-la.

Conclusões

A dublagem-legendagem pode ajudar os alunos a evitarem equívocos ortográficos, visto que eles perceberão as diferenças existentes em alguns vocábulos na transmissão do oral para o escrito. A obra de Oda (1999) pode ser usada, também, para suscitar debates no tocante a hierarquização linguístico-social e a necessidade de bidialectalismo funcional. Portanto, *One Piece* (1999) se mostra substancial para o ensino de língua materna.

Referências Bibliográficas

- BORTONI-RICARDO, Stella. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2017.
- LUYTEN, Sonia. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2012.
- ONE PIECE. Direção: Konosuke Uda. Produção: Toei Animation. Japão: Toei Animation. Disponível em: <www.crunchyroll.com> Acesso em: 26 abr. 2023.
- SOARES, MAGDA. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Contexto, 2014.

JOGO ESCOLAR E PRÁTICAS DE LEITURA AUTÔNOMAS EM CONTEXTO DE PERIFERIA E POBREZA MULTIDIMENSIONAL

Dayane Pereira Barroso de Carvalho

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

dayanepereirabr@gmail.com

Maria da Guia Taveiro Silva

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

maria.silva@uemasul.edu.br

Introdução

Este estudo aborda a relação entre as avaliações de desempenho no ambiente escolar, as quais caracterizamos por regras do *jogo escolar*, e a autonomia leitora de estudantes do 1º ano do Ensino Médio em uma escola periférica e afetada pela pobreza multidimensional. É um recorte de uma pesquisa de mestrado intitulada "Práticas de leitura de alunos de escola pública periférica da cidade de Imperatriz/MA: uma análise sociolinguística", conduzida em 2022 em uma escola situada em um bairro periférico de Imperatriz, no estado do Maranhão.

Referencial teórico

Consideramos a construção da autonomia leitora não apenas pelos esforços individuais dos alunos, mas também pelos contextos de pobreza multidimensional, conforme definido por Amartya Sen (2010) e adaptado por Cobo, Athias e Matos (2014). Lahire ([1997], 2004) introduz o conceito de relações de interdependência, sob o qual também estamos apoiados. Longe de querer apresentar uma visão estigmatizada de pessoas empobrecidas, aqui partimos da compreensão de que a maior parte dos estudantes pertencentes às camadas sociais mais vulneráveis, continuam fracassando na escola (KLEIMAN, 2009) e isso não pode ser ignorado. Sob uma perspectiva interdisciplinar, destacamos a contribuição teórica de Apple (2008) na construção do currículo escolar e as disparidades entre a escola e o mundo do aluno, especialmente em casos de vulnerabilidade (CANEGAL; LIMA, 2014). Argumentamos que essas contribuições são essenciais para abordar o letramento e a autonomia leitora de pessoas empobrecidas multidimensionalmente.

Metodologia

Com uma abordagem metodológica qualitativa e de cunho etnográfico, o estudo possui caráter exploratório. Realizamos observações em campo e as documentamos em um diário de bordo. O período de observações abrangeu um semestre letivo, durante o qual também aplicamos questionários que seguiram um modelo idêntico para professores e gestores, e outros três questionários de modelo idêntico cada um para alunos, conforme orientado por Lahire ([1997], 2004).

Resultados e discussões

Constatamos que, em contextos escolares específicos caracterizados pela pobreza multidimensional, há momentos em que ocorre uma tendência de culpar o aluno por sua falta de interesse em aprender e por parecer não ter um propósito de vida. Também observamos certa culpabilização dos pais por demonstrarem desinteresse e falta de envolvimento nas atividades escolares e extracurriculares de seus filhos. Além disso, há momentos em que os professores são culpabilizados por não se esforçarem o suficiente para proporcionar uma educação competente aos alunos.

As escolas inseridas nesse contexto apresentam uma estrutura precária que impede os professores de desenvolverem projetos de leitura e os alunos de alcançarem autonomia como leitores. Embora a maioria dos professores e gestores possua sensibilidade em relação às condições precárias de vida dos alunos empobrecidos, parece haver uma falta de conexão entre a vulnerabilidade enfrentada pela maioria dos alunos e sua falta de autonomia como leitores.

Conclusões

A pobreza multidimensional não determina a vida de uma pessoa, mas pode afetar sua situação material e suas oportunidades de desenvolver autonomia, incluindo na aprendizagem escolar. Em contextos de periferia e empobrecimento, crianças e adolescentes enfrentam desigualdades na busca pela autonomia acadêmica em comparação com aqueles em melhores condições. Além disso, foi observado que a escola, seguindo o modelo tradicional, espera o mesmo comportamento de todos os alunos, mesmo que não sejam homogêneos, e muitas vezes falha em desenvolver a atitude desejada nos alunos com menor autonomia.

Referências Bibliográficas

- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Tradução de Vinícius Figueira. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, [1979] 2008. 288p.
- CANEGAL, A. C.; LIMA, M. L. M. de. Entre a escola, a família e o Conselho Tutelar: estudo do vazio institucional a partir do trágico caso do menino Alan. In: BURGOS, Marcelo Baumann. **A escola e o mundo do aluno**: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. 553p.
- COBO, B.; ATHIAS, L.; MATTOS, G. G. de. A Multidimensionalidade da Pobreza a partir da Efetivação de Direitos Sociais Fundamentais: uma proposta de análise. **Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação**, [S.L.], v. 8, p. 4-31, 2014. Disponível em: <https://www.rbaval.org.br/article/doi/10.4322/rbma201408002#nav3>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- KLEIMAN, A. B. **Texto e Leitor**. Aspectos Cognitivos da Leitura. 12. ed. Campinas: Pontes, 2009. v. 1. 82p.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, [1997] 2004. 368p.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Mota. Companhia das Letras, São Paulo, 2010. 464p.

**MESA 05- GRUPO DE ESTUDOS E
PESQUISA EM SOCIOLINGUÍSTICA
DO MARANHÃO**

VARIAÇÃO OU ALTERNÂNCIA: DESIGN DE TRABALHO DE PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA PARA O ESTABELECIMENTO DO ENVELOPE DE VARIAÇÃO DO ESTUDO DO SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS

Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
wendel.silva@ufma.br

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar um teste de percepção linguística com vistas a acessar os significados associados ao modo subjuntivo e indicativo por ouvintes ludovicenses. No entanto, como bem discute Santos (2015), em estudo comparativo da produção do subjuntivo e do indicativo por paulistanos e ludovicenses, nem todas as sentenças subordinadas substantivas funcionam, de fato, como variantes de uma variável (ERVIN-TRIPP, 1972; LABOV, 2008[1972]), e que, portanto, nem todos os contextos podem ser salientes aos ouvintes, no sentido de não atribuírem significado social às formas indicativas e subjuntivas, propõe-se a aplicação de um experimento de percepção linguística, entre ludovicenses, que visa a acessar quais contextos de subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais soam, de fato, como diferentes para esses grupos de ouvintes.

Observa-se que, assim como fez Soriano (2016), que mediu o quanto ouvintes paulistanos diferenciam variantes de (r) em coda silábica, em palavras como *porta* e *colher*, nesta pesquisa não se pretende acessar os significados sociais associados às formas indicativas e subjuntivas, trabalho já desenvolvido por Santos (2020). Interessa, aqui, verificar se informações de natureza social que caracterizam o ouvinte influenciam a sua percepção das formas verbais em estudo. O interesse, ao final, é definir o envelope de variação para o estudo da coocorrência de formas indicativas e subjuntivas, na expressão de modalidades típicas de subjuntivo.

Referencial teórico

O presente estudo fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Além disso, fundamenta-se nos estudos sobre percepção linguística (HAY; DRAGER, 2007; ECKERT, 2012). Aqui, também, interessa a discussão acerca da definição de envelope de variação, a partir da compreensão de que duas formas linguísticas, para que sejam consideradas variantes de uma variável, no sentido de Labov (2008[1972]), precisam apresentar-se como formas *possíveis*, *factíveis*, *apropriadas* e *empregadas* em um mesmo contexto de comunicação, como propõe Hymes (1979), quando discute o princípio da competência comunicativa. Apoiar-se, assim, na proposta de Ervin-Tripp (1972), que explica a diferença entre formas alternantes e formas co-ocorrentes. Para essa autora, e como os próprio termos sugerem, a **alternância** diz respeito à escolha entre formas alternativas de falar,

e a **co-ocorrência** diz respeito à interdependência dentro de uma alternativa (variantes de uma variável).

Metodologia

O experimento de percepção linguística de formas subjuntivas e indicativas, por ouvintes ludovicenses, consiste em apresentar diferentes pares formados pela mesma sentença, nas quais a única diferença é a morfologia do verbo. Ao ouvir cada par, o ouvinte deve indicar quão semelhantes ou diferentes as formas lhe parecem. Por exemplo: ao ouvir duas vezes a sentença “eu preciso que os alunos trazem/tragam o material” – na primeira, com indicativo (trazem) e, em seguida, com o subjuntivo (tragam) – o participante indica, numa escala que vai de “igual” a “muito diferente” (uma escala numérica, cujos valores são invisíveis ao participante), como ele ou ela ouviu as duas sentenças. Obviamente, os participantes não serão informados de que o teste focaliza a diferença entre o subjuntivo e o indicativo, pois interessam suas reações inconscientes a respeito da semelhança ou diferença entre as duas variantes apresentadas. Espera-se que, por exemplo, um par como “abro/abra” seja ouvido mais frequentemente como formas muito parecidas (por exemplo, numa oração subordinada substantiva como “Você quer que eu abra/abro a porta”). Por outro lado, espera-se que um outro par, com o mesmo verbo (abrir) em outro tipo de subordinada e em outro tempo verbal – “Se eu abrisse/abria a porta, ficaria mais fresco por aqui”, por exemplo – seja ouvido mais frequentemente como mais diferente. É justamente isso que se quer testar e, por isso, diversas são as variáveis envolvidas: além do tempo e da pessoa verbais, bem como do tipo de subordinada.

Resultados Esperados

Os resultados alcançados pela aplicação do experimento de percepção que se pretende apresentar aqui vão possibilitar não apenas acessar significados sociais que possivelmente se associam às formas linguísticas aqui focalizadas, o que, sabe-se, já foi elaborado por Santos (2020), mas, acima de tudo, possibilitará elucidar quais estruturas sintáticas de fato funcionam como variantes da mesma variável, nos termos de Ervin-Tripp (1972).

Referências Bibliográficas

- ECKERT, Penelope. ‘Three Waves of Variation Study: the emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation’. **Annual Review of Anthropology**, vol. 41. p. 87-100, 2012.
- ERVIN-TRIPP, Susan. On Sociolinguistic Rules: alternation and co-occurrence. In: GUMPERZ, John J; HYMES, Dell. **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1972, p. 213-250.
- HAY, J., DRAGER, K. Sociophonetics. **Annual Review of Anthropology**. 36:89-103, 2007.
- HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. **The Communicative Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. **Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo**. 137f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH, USP, São Paulo, 2016.
- SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação**

subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

OS MARANHENSES FALAM O MELHOR PORTUGUÊS DO BRASIL? O QUE DIZEM OS BACABALENSES

João Vítor Cunha Lopes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
jvc.lopes@discente.ufma.br

Introdução

O discurso de que é o maranhense quem fala o melhor português ainda é muito difundido no Brasil¹. Nota-se, porém, que esse discurso estaria mais relacionado à variedade ludovicense (LOPES, 2023). É isso que sugerem as afirmações sobre o português falado no Maranhão, uma vez que a capital São Luís quase sempre é apontada como referência linguística, dando a entender, portanto, que não são todos os maranhenses que falam o melhor português. Para testar tal hipótese, Lopes (2023) analisou avaliações linguísticas de 26 ludovicenses (SANTOS, 2015) e 12 bacabalenses (LOPES, 2019). O seguinte autor constatou que “todos os metacomentários dos informantes ludovicenses endossam, direta ou indiretamente, o discurso que reflete a superavaliação da variedade maranhense/ludovicense” (LOPES, 2023, p. 58). Por outro lado, embora os bacabalenses também tenham apresentado metacomentários acerca da língua, eles “não são específicos quanto a quais traços linguísticos seriam intrínsecos à variedade bacabalense” (LOPES, 2023, p. 58), diferentemente dos ludovicenses, que foram específicos em relação à supervalorização de sua variedade. A partir desses primeiros resultados, recorreu-se à gravação de novas entrevistas que pudessem suscitar metacomentários sobre a fala maranhense/bacabalense. Desta forma, o presente estudo objetiva responder a seguinte pergunta: bacabalenses (maranhenses) se identificam como falantes de um melhor português?

Referencial teórico

O presente estudo fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Ancora-se também em estudos de avaliação linguística (OUSHIRO, 2015, entre outros).

Metodologia

Dado o interesse deste estudo, conforme discutido acima, elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado com 24 questões que tratam sobre algumas informações da cidade, seguidas de perguntas mais diretas a respeito do falar bacabalense/maranhense. A amostra é composta por 21 informantes. Procedeu-se, em seguida, na audição, transcrição e extração de metacomentários das

¹<https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

entrevistas. Este estudo apresenta preliminarmente a análise de quatro entrevistas.

Resultados e discussões

Na figura abaixo, estão reunidos os metacomentários dos informantes suscitados pela questão 10: Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. O que você acha disso?

Fonte: Elaborada pelo autor



A nuvem evidenciou que, quando instigados mais diretamente, os bacabalenses tendem a apresentar um posicionamento positivo em relação à supervalorização da variedade bacabalense/maranhense. Nota-se, ainda, que os informantes apresentam uma certa dificuldade em apontar quais formas linguísticas justificariam essa supervalorização.

Conclusões

O próximo passo a ser realizado é a análise de todas as entrevistas. Análises estatísticas também serão realizadas a fim de que se verifique se há padrões nas avaliações sociolinguísticas de bacabalenses.

Referências Bibliográficas

- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, João Vitor Cunha. **A realização da concordância nominal de número em Bacabal-MA**. 91 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2019.
- LOPES, João Vitor Cunha. **Avaliações (socio)linguísticas sobre o uso do tu na fala de maranhenses**. Relatório de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.
- OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

USO VARIÁVEL DO INDICATIVO E SUBJUNTIVO EM TEXTOS MARANHENSES DO SÉCULO XIX

Laine Barros Fortes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
laine.fortes@discente.ufma.br

Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão
wendel.silva@ufma.br

Introdução

Este trabalho objetiva analisar a variação nos usos da morfologia do indicativo e do subjuntivo em sentenças extraídas de documentos escritos no Maranhão, durante o século XIX, disponibilizados no site da Biblioteca Pública Benedito Leite e no Arquivo Público do Maranhão. Especificamente, pretende verificar se formas prescritas para o uso do subjuntivo foram substituídas pelas do indicativo, como em:

- 1) [*desejamos* saude dos nossos leitores, para] [que *gosem* da mais aprazivel tranquilidade], e possão gozar dos poucos divertimentos que offerece agora esta pequena cidade, adeos até a semana.
- 2) [igualmente desejo] [que em consequencia do direito que me assiste].

Exemplos como os que aparecem em 1 e 2, extraídos do documento A “Historia da Revolução do Brasil com peças oficiais e *fac simile* da própria mão de Dom Pedro (1831) e A Sentinella (1855), apresentam sentenças estruturalmente iguais do ponto de vista sintático, que compartilham a possibilidade de ser expressas tanto com a morfologia do indicativo quanto com a morfologia do subjuntivo, ainda que a prescrição gramatical preveja que, devido à carga semântica do verbo *desejar*, na oração principal, a forma exigida seja a do subjuntivo.

Referencial teórico

O trabalho é desenhado a partir do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), bem como da Sociolinguística denominada Histórica (ROMAINE, 2009[1982]). Insere-se em uma abordagem que já vem sendo amplamente discutida, a de que o modo indicativo é expresso em contextos que a prescrição gramatical exige a forma do subjuntivo, ainda que se saiba “que desde o latim vulgar a possibilidade de alternar subjuntivo e outro modo já estava prevista no sistema linguístico” (BERLINCK, 2019, p. 218). A pesquisa, assim, mostra dados do ponto de vista histórico, partindo da premissa de que a língua é resultado de um longo e

contínuo processo de variação e mudanças que ocorrem a todo momento (COELHO et al, 2015).

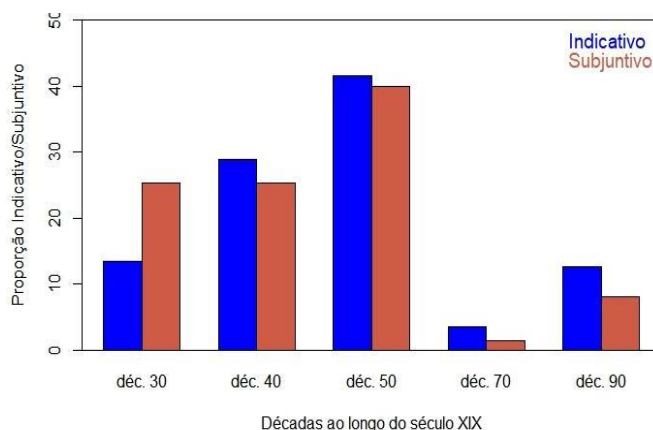
Metodologia

Os dados extraídos dos documentos históricos foram transcritos em planilha do excel e estatisticamente analisados com o programa R (R CORE TEAM, 2023), a fim de que fossem verificados os fatores (estruturais e discursivos) que se correlacionam ao fenômeno linguístico em análise. Para a análise das orações subordinadas substantivas, foco da pesquisa, consideraram-se, como variáveis linguísticas, o *tempo verbal da oração principal*, o *tempo verbal da oração subordinada*, além do *grau de assertividade*. Dentre as variáveis extralinguísticas, codificaram-se o *ano de publicação* do documento analisado, bem como a *década* de publicação desse mesmo documento.

Resultados e discussões

O que se observa, a partir da análise dos mais de duzentos dados codificados, é que a morfologia do indicativo foi a forma mais recorrente nos documentos históricos do século XIX, escritos no Maranhão, ainda que a coocorrência desses modos verbais na expressão do subjuntivo seja bastante evidente, como bem destaca o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Proporção do indicativo e subjuntivo ao longo do século



Fonte: Santos e Fortes (no prelo).

De maneira geral, os dados analisados revelam que as formas subjuntivas e indicativas estão relacionadas quanto ao uso do verbo na oração principal. O indicativo é mais recorrente em contextos em que o verbo da oração principal é codificado como cognitivo, confirmando a tendência de estudos sobre o português falado:

3) [Por considerarmos a nossa fraca situação, e *sabermos*] [que não nos *chega* as forças para satisfazer plenamente tantas condições e predicados].

Em contrapartida, a forma do subjuntivo é expressa quando verbos volitivos aparecem na oração principal:

4) [Deos *queira*], [que tu não se *perca*]).

Esses dados, portanto, relacionam-se ao que vem sendo estudado sobre os modos verbais, de que os verbos volitivos tendem a se correlacionar mais ao subjuntivo (PIMPÃO, 2012).

Conclusões

A realização deste trabalho proporciona a compreensão de que ambas as morfologias (subjuntivo e indicativo) podem funcionar como variantes linguísticas, no que se refere à expressão de modalidades típicas do subjuntivo, em textos escritos já no século XIX, e a carga semântica do verbo da oração parece funcionar como principal variável para explicar o uso de uma forma ou de outra em contextos em que o esperado é o subjuntivo.

Os próximos passos da pesquisa impõem a ampliação no número e no gênero dos textos publicados (jornais, revistas, cartas entre outros), bem como andar alguns séculos para trás, em busca de evidências dessa variação em tempos ainda mais pretéritos.

Referências Bibliográficas

- BERLINCK, Rosane. '**Subjuntivo vs indicativo em orações completivas**: percurso diacrônico no português brasileiro'. In: CARRILHO, Ernestina et al (orgs). Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, pp. 217-244.
- COELHO, Izete Lehmkuhl [et al]. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. - Coleção para conhecer sociolinguística.
- GRIES, Stefan Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York: Routledge, 2009.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorail, 2008[1972].
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Florianópolis. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York, [1982] 2009.
- SANTOS, Wendel Silva dos. FORTES, Laine Barros. Variação na morfologia do modo subjuntivo e indicativo baseada na análise de documentos maranhenses escritos no século XIX. Cadernos do IL. 2023. (no prelo).

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA UMA CARTOGRAFIA GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS SINAIS DA LIBRAS EM BACABAL E SÃO LUÍS

Renan Pires Azevedo
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
renan.pires@discente.ufma.br

Introdução

O estudo, de uma perspectiva geossociolinguística, de um sistema linguístico como a Libras, é o desafio imposto ao estudo que aqui se propõe, recorte de uma pesquisa mais ampla de mestrado que vem sendo desenvolvida. Parte-se do reconhecimento de que a variedade do português maranhense oral é, do ponto de vista da geolinguística e da dialetologia, amplamente estudada, especialmente pelo Atlas Linguístico do Maranhão, ALiMA (cf. RAMOS; BEZERRA; ROCHA; 2005; 2006; 2010; RAMOS et al, 2019), evidenciando a solidez de pesquisas baseadas nos dados coletados para a elaboração de Atlas Linguísticos, servindo, assim, de apoio à proposta iniciada aqui. Acrescente-se a essa discussão o fato de que, como bem afirma Quadros (2012), a Libras se configura como um sistema sem ampla tradição em estudos linguísticos. Além disso, Xavier e Barbosa (2017, p. 987) argumentam que o desafio de se descrever uma língua como Libras é ainda maior quando se pensa que "há uma evidente falta de clareza quanto a natureza dessa variação [...]: idioletal, estilística, socioletal, dialetal". Essas discussões justificam a realização da pesquisa que aqui se desenha, e que busca apresentar uma metodologia para a elaboração de cartas linguísticas dos campos semânticos *frutas, fauna, corpo humano, alimentação, vestuário e acessórios, profissões e convívio*, a partir da sinalização de surdos nascidos em Bacabal e São Luís, para a elaboração do Atlas Linguístico da Libras, que vem sendo desenvolvido no âmbito do estado do Maranhão. Apoiar-se, teórica e metodologicamente, no estudo da variação e da mudança linguística (LABOV, 2008[1972]; ECKERT, McCONNELL-GINET, 1992), dialogando com os estudos que se utilizam do mesmo aparato para descrever o português maranhense (cf. ALVES, 2015; SANTOS, 2015; 2020; BARBOSA, 2016, entre outros), e, com o interesse de descrever os fatos linguísticos no espaço geográfico (CARDOSO, 2016), apoiar-se, também, nas orientações metodológicas da Dialetologia. Espera-se discutir tal método, o que contribuirá proficuamente para o desenvolvimento da descrição da língua brasileira de sinais, em sua variedade maranhense, uma vez que, como destaca-se, não se tem notícia de pesquisas nessa mesma proporção, que deem conta da descrição da língua de sinais nesse estado.

Referencial teórico

A sociolinguística é a área dos estudos linguísticos (WEEDWOOD, 2012) que busca, de forma mais sistemática, evidenciar aspectos linguísticos e sociais relevantes para a explicação da variação e das mudanças que ocorreram e que ocorrem no interior do sistema linguístico (cf. MARTELOTTA, 2011). Assim, o processo de variação e mudança faz parte da heterogeneidade estruturada da língua (LABOV, 2008[1972], p. 16; 21). Este estudo entende que a Libras está contemplada na abordagem laboviana, já que se caracteriza como uma língua natural, com um sistema linguístico legítimo e complexo (QUADROS; KARNOPP,

2004, p. 30). Por sua vez, a proposta de abordagem dialetológica se dá, especialmente, porque entende-se que a Dialetologia proporciona a identificação da "variedade que uma língua apresenta" em seu plano espacial (CARDOSO, 2016, p. 14). Além disso, procura adotar também a proposta de Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8) para a noção de comunidades de prática.

Metodologia

O trabalho que aqui vem se desenvolvendo busca trazer o desenho do método que vai subsidiar a elaboração do Atlas Linguístico da Libras, no Maranhão, afim de alcançar resultados para a variação da sinalização, das comunidades surdas de Bacabal e São Luís, de 33 itens lexicais, divididos em 6 campos semânticos, a saber: *frutas* (8 réalias, a saber: Jaca, Pitomba, Pêra, Jambo, Sapoti, Graviola, Ata e Buriti), *fauna* (5 réalias, a saber: Urubu, Cupim, Camaleão, Sanguessuga e Tamanduá), *corpo humano* (5 réalias, a saber: Perna, pé, Seio, Joelho e Panturrilha), *alimentação* (7 réalias, a saber: Canjica, Pão grossa, Pão fina, Beiju, Cuscuz, Tora de camarão e Feijoada), *vestuário e acessórios* (5 réalias – Sutiã, Calcinha, Cueca, Macacão e Bota), *profissões* (2 réalias – Pescador e Pedreiro) e *convívio* (1 réalia - Sexo), sendo dispostas em cartas linguísticas, correspondente ao Atlas Linguístico da Libras, que vem sendo desenvolvida no âmbito do estado do Maranhão. Ressalta-se que a escolha das cidades de Bacabal e São Luís, no estado do Maranhão, se dá pelo fato de essas duas cidades possuírem um número expressivo de pessoas com deficiência auditiva (vide tabela 1, a seguir), o que garante a representatividade da amostra.

Tabela 1: Gráfico populacional de pessoas com deficiência auditiva em São Luís e Bacabal.

Divisões Territoriais	2010
Bacabal	6.488
São Luís	48.972

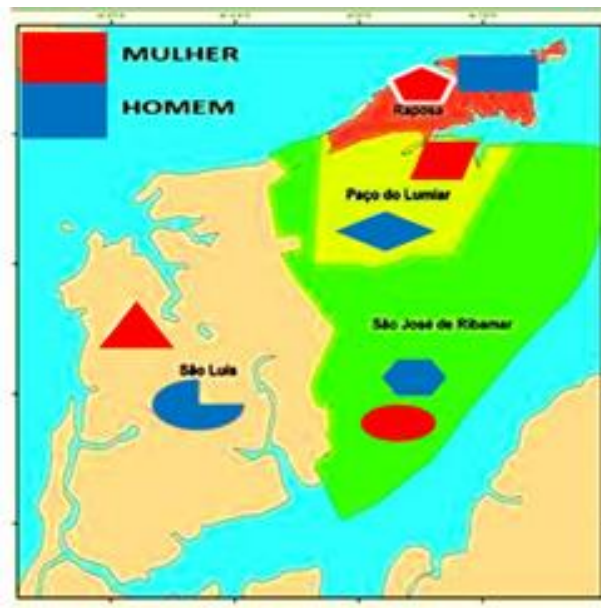
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Após a delimitação geográfica da pesquisa, foram selecionadas três faixas etárias: I – 18 a 28 anos, II – 29 a 39 anos e III – 40 a 50 anos. Cada uma dessas faixas etárias possuem seis participantes, todos nascidos nos municípios de interesse desta pesquisa. Os participantes estão igualmente distribuídos entre o sexo masculino e feminino, com níveis de escolaridade distribuídos em analfabetos e escolarizados. Ao todo, trinta e seis participantes serão entrevistados, seguindo os critérios já pré-estabelecidos. Para a coleta dos dados, será aplicado um questionário que contém perguntas sobre os itens lexicais aqui focalizados, sendo apresentada a imagem relativa a cada item, a fim de que cada informante responda com o sinal que pensar representar aquele dado. A produção de cada sinal será capturada por câmera de vídeo,

devidamente autorizada por meio de termo de consentimento livre e esclarecido, para fins de transcrição e posterior análise.

Resultados e discussões

Os sinais serão descritos a partir dos parâmetros linguísticos da Libras (STOKOE, 1960; QUADROS; KARNOPP, 2004; ROSA et al, 2016), dispostos em cartas linguísticas contendo cada item lexical mencionado na metodologia acima descrita. Diante disso, e embora não seja o foco desta apresentação, a carta a seguir, referente ao item lexical *camaleão* (AZEVEDO, SANTOS, *no prelo*), diz respeito a um protótipo de como possivelmente serão apresentadas as cartas linguísticas do estudo que aqui se desenvolve.



Fonte: AZEVEDO, SANTOS, no prelo.

Conclusões

Embora não tenhamos resultados conclusivos, pois a pesquisa está em seu início, espera-se que este estudo contribua para a compreensão de que a língua de sinais é um sistema linguístico legítimo, possuindo as mesmas características e complexidades das línguas oralizadas, em todos os níveis linguísticos.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- AZEVEDO, Renan Pires; SANTOS, Wendel Silva dos. A cartografia dos sinais: um estudo de variação lexical em Libras, entre surdos residentes da região metropolitana de São Luís, Maranhão. *Sign Language linguistics*. No prelo.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice. Dialetoлогия. In: MOLLICA, Maria Cecilia; JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Communities of practice**: where language, gender, and power all live. Language and Gender. Cambridge University Press, 1992.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

Quadros, Ronice M. **O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos**. In: LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B.F. (Orgs.). *Uma escola, duas línguas*: letramento em língua portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2012, pp. 187-200.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Coleção Cadernos CED n. 13. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. **O português falado no Maranhão**: estudos preliminares. São Luís: EDUFMA, 2005.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. **A diversidade do português falado no Maranhão**: o atlas linguístico do Maranhão em foco. São Luís: EDUFMA, 2006.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. **O português falado no Maranhão**: múltiplos olhares. São Luís: EDUFMA, 2010.

RAMOS, Conceição de Maria de A et al (Orgs.). **Estudos sociodialetais do Estado do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2019.

ROSA, I. de M. F. KRIEGER, M.; ARAUJO, R. M. E.; PORTA, S. L. **Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação**. Internal Research Reports, 2016.

SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. **Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras**. *Domínios de Lingu@gem*. vol. 11, nº 13. Uberlândia. jul-set. 2017, p. 983-1006.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS ACERCA DA VARIAÇÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA CAXIENSE

Rayane de Andrade Rodrigues
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Rayane.andrade@discente.ufma.br

Cibele Corrêa Beliche Alves – UFMA/UnB/Bolsista PDS-CNPq
cibelle.beliche@ufma.br

Wendel Silva dos Santos – UFMA

Introdução

Esta pesquisa é a primeira investigação abrangente de percepção sobre o português maranhense. Busca se concentrar no nível de análise linguística morfossintática, ao propor a realização de um estudo de percepção acerca das formas de referência à segunda pessoa do singular no português brasileiro, que podem ser expressas com i) *tu* + verbo com marca de concordância, como em ***tu estudaste para a prova amanhã***, ii) *tu* + verbo sem marca de concordância, a exemplo de ***tu fez a atividade***, iii) *você*, como em ***você falou com a professora*** e iv) *cê*, como em ***cê cancela o contrato***. A intenção é verificar quais significados sociais os ouvintes nascidos na cidade de Caxias, município do estado do Maranhão, associam a essas formas coocorrentes na sua variedade linguística.

Referencial teórico

Uma das características gerais mais importantes com as quais a Sociolinguística lida é o fato de estabelecer padrões de uso, já que compreende que os falantes compartilham regras linguísticas que não apenas revelam o conhecimento que o falante possui sobre o seu próprio sistema linguístico, como também trazem à tona as relações sociais estabelecidas entre eles. A compreensão de como funciona a língua, e as relações que são estabelecidas, é que faz com que os falantes adaptem o seu modo de fala ao contexto em que estão inseridos. A variação linguística, assim, é a materialização do fato de que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam”, e de que “a história de uma língua é a própria história de seus falantes”, nas palavras de Calvet (2002, p.12).

Para Eckert (2012), as três ondas do estudo sociolinguístico referem-se ao modo como diferentes modelos de análise variacionista lidaram com a questão da variação e da mudança linguística. Assim, a primeira onda “estabelece amplas correlações entre as variáveis linguísticas e as categorias macrosociológicas de classe socioeconômica, sexo, etnicidade e idade”.

Os estudos de segunda onda sociolinguística diferenciam-se dos de primeira onda, no sentido de que aqueles são voltados para métodos etnográficos em relação aos falantes, buscando evidenciar significados sociais mais locais,

conforme afirma Eckert (2012). Os estudos de segunda onda se interessam, sobretudo, pela agência social do falante quanto ao uso do vernáculo como expressão da identidade local ou de classe. Enquanto na primeira onda a variação é definida por categorias macrossociais, na segunda, ela é definida por categorias mais localmente definidas, a partir de variantes vernaculares (Mendes, 2017). A terceira onda dos estudos sociolinguísticos, por sua vez, entende que a variação não mais se correlaciona a categorias macro ou micro sociais, mas a partir de práticas por meio das quais o falante se posiciona, comunica e interage no mundo social, ou seja, a *prática linguística*. Outra questão que diferencia a terceira onda das demais é a noção de estilo, entendido como o *locus* da criação dos significados sociais (ECKERT, 2012).

Metodologia

A pesquisa está apoiada metodologicamente nos estudos de Campbell-Kibler (2006), Mendes (2016), Soriano (2016), Canever (2017), Barcellos (2020) e Santos (2020). O interesse é o de verificar se as dimensões sociais como: *graus de formalidades, escolarização, localidade* e atributos como “educados” e “inteligentes” que podem ser alterados para os ouvintes a depender do uso das formas pronominais.

Esse experimento é baseado na técnica dos estímulos pareados (LAMBERT et al, 1960), que consiste na criação de estímulos, geralmente auditivos, extraídos da fala de um certo número de falantes, manipulados digitalmente, no sentido de que sejam iguais em todos os aspectos, diferenciando-se apenas com respeito à variável linguística que esteja sendo analisada. A técnica consiste em uma avaliação indireta em que o falante não tem consciência do foco da pesquisa, isto é, do objeto que está sendo investigado.

Dessa forma, foram gravar quatro falantes diferentes, sendo dois homens e duas mulheres, todos nascidos e residentes da cidade de Caxias, com ensino superior completo, todos com faixa etária de 20 até 30 anos. As sentenças para as gravações foram criadas de forma estratégica, visto que nos auxiliaria durante o processo de manipulação dos falsos pares.

A partir da elaboração dos falsos pares, foram criados, assim, 16 estímulos controlados e distribuídos em quatro grupos.

Criamos um questionário de percepção e convidamos os participantes a ouvir os estímulos e responderem. Ressaltamos que a pesquisa se encontra em fase de andamento e que estamos coletando os dados.

Resultados e discussões

Ainda que não se tenha o questionário aplicado em sua totalidade, uma vez que a pesquisa ainda está em andamento, os dados indicam que os falantes - que usam a forma *tu com concordância* - foram percebidos pelos ouvintes como pessoas que têm o nível de escolaridade superior, além de mais formais e mais inteligentes.

Consideração final

Esperamos com esse estudo chegar a resultados que possam sinalizar como os ouvintes caxienses percebem os falantes seus disfarces. Acreditamos que assim como os estudos de usos e produções, os ouvintes caxienses perceberão os falantes nos disfarces com as formas pronominais *tu com concordância* e *you* como mais *educados, inteligentes, escolarizados e formais*, ao passo que nos disfarces com a forma *tu sem concordância* os ouvintes caxienses perceberão os falantes como menos *educados, inteligentes, escolarizados e formais*.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Maria Eugênia Martins. **O falar paulista [É Ì:] no e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção**, 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: The case of (ING)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282f.

CANEVER, Fernanda. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: Frequência e percepções sociolinguísticas**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ECKERT, Penelope. **“As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação linguística.”** *Organon*, vol 37(73), 268 – 291, 2022 [2012]. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Livia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez.

LAMBERT, W. E. *et al.* **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

MENDES, Ronald Beline. **A terceira onda da Sociolinguística**. In: FIORIN, José Luiz. *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, p. 103-123, 2017.

MENDES, Ronald Beline. Nonstandard plural noun phrase agreement as an index of masculinity. **Language, Sexuality and Power. Studies in Intersectional Sociolinguistics**, v. 1, p. 105-129, 2016.

SANTOS, W. S. dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. **Percepções sociofonéticas do (-R) em São Paulo**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VARIAÇÃO ENTRE INDICATIVO E SUBJUNTIVO E DE FORMAS VERBAIS EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS

Joelma Pereira Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
joelmahgm@outlook.com

Introdução

Este trabalho analisa as razões pelas quais ocorre, em apódose de orações condicionais, a variação do indicativo e subjuntivo e de tempos verbais na forma perifrástica – Se eu tenho/tivesse dinheiro, eu teria/tinha comprado aquele carro / Se eu tenho/tivesse dinheiro, eu iria/ia comprar aquele carro, em contextos de produção de fala de amostras sociolinguisticamente controladas.

Referencial teórico

Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), buscamos elaborar reflexões e contribuir com a descrição de um fenômeno que se encontra há tempos na língua. Recorremos, ainda, a obras que diretamente trazem uma descrição sobre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo no português brasileiro (SOUSA, 2007; TESCH, 2011; SANTOS, 2015; 2020) no que se refere principalmente à sua formação morfossintática, sua expressão de tempo e modo.

Metodologia

Tomamos como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1985). Os procedimentos incluíram: (i) a delimitação da amostra a ser estudada; (ii) a coleta de dados e a identificação dos contextos variáveis; (iii) a definição de grupos de fatores que poderiam influenciar a variação; (iv) a análise e codificação dos dados segundo os grupos de fatores definidos; (v) a quantificação das informações resultantes da análise, com o auxílio do programa GolvarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005); e (vi) a interpretação dos resultados da quantificação à luz das hipóteses e da base teórica.

Resultados e discussões

Tabela 1- Graus de hipoteticidade

	FP	PI	TOTAL

	N	%	N	%	N	%
HABITUAL	0	0	42	100	42	19%
CONTRAFACTUAL	27	33%	54	67%	81	28%
POSSÍVEL	32	34%	61	65%	93	43%

Ao dividirmos os graus de hipoteticidade entre habitual, contrafactual e possível, percebemos que o mais recorrente no corpus diz respeito às asserções possíveis, ou seja, aquelas que indicam algo pontual que pode vir a se realizar dependendo de certas condições. Além disso, constatamos que quando a hipótese se refere a algo que acontecia sempre que determinada condição era preenchida, portanto voltando-se ao passado.

Tabela 2 – Formas verbais da prótase

	FP		PI	
	N	%	N	%
INDICATIVO	0	0	26/26	100
SUBJUNTIVO	59/190	31%	131/190	69%
TOTAL	59/216	27%	157/216	73%

Em relação às formas verbais da prótase, observamos que o PI ocorre em maior escala quando na prótase o verbo se realiza no subjuntivo (69%), forma mais comumente utilizada, enquanto que o FP ocorreu apenas em 31% dos casos. Entretanto, embora o FP tenha ocorrido em menor escala que o PI no subjuntivo, a presença de uma forma verbal desse modo na prótase favoreceu o FP na apódose, visto que o indicativo desfavoreceu categoricamente a ocorrência deste.

Conclusões

O resultado mostra que, quando tínhamos nas prótases construções como “Se tinha dinheiro...” (verbo flexionado no imperfeito do indicativo), necessariamente, na apódose, a forma vinha no imperfeito (se tinha dinheiro, comprava/tinha comprado/ ia comprar aquele carro). Já, quando a forma da prótase estava no imperfeito do subjuntivo, havia possibilidade de variação

entre formas de FP e de PI (Se tivesse dinheiro... iria comprar/ia comprar/ tinha comprado/ teria comprado/ compraria/ comprava aquele carro) e entre indicativo e subjuntivo (Se eu tinha dinheiro... ia comprar/tinha comprado/comprava aquele carro).

Referências Bibliográficas

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

SOUSA, Fernanda Cunha. **A variação de usos entre pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo na expressão de hipótese**. Gatilho. Vol. 6, 2007. p. 1-16. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFJF

TESCH, Leila Maria. **A Variação entre as formas do Futuro do Pretérito e Pretérito Imperfeito do Indicativo na Fala Capixaba**. PERcursos Linguísticos. Vitória – ES. V.2, n.1, p.89-109, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH – USP, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas em São Luís e São Paulo**: 241 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH – USP, São Paulo, 2020.

PROPOSTA DE DESENHO DE EXPERIMENTO PARA O ESTUDO DA PERCEPÇÃO DE ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS SEMÂNTICOS A ARGUMENTOS SENTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Isaque do Nascimento Fernandes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
isaque.fernandes@discente.ufma.br

Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
wendel.silva@ufma.br

Introdução

A partir da compreensão da teoria sobre variação e mudança linguística e, mais atualmente, da percepção linguística, de que tanto a produção quanto a percepção sociolinguísticas são variáveis, mas sistemáticas também (OUSHIRO, 2021), este trabalho objetiva apresentar o desenho de um experimento que busca acessar a percepção linguística de falantes do português brasileiro quanto à atribuição de papéis semânticos (CAMACHO, 1999; CANÇADO, 2008), especialmente aqueles posicionados à esquerda do núcleo verbal, funcionando como argumento externo do sintagma verbal. Argumenta-se, com esse experimento, o fato de que, apesar de estudos (cf. CAMACHO, 1999; SOUZA, 2015) comprovarem a variabilidade na atribuição de papéis temáticos pelos falantes, tal abordagem não foi feita, de maneira exaustiva, pelo viés da teoria da variação e da mudança linguística (LABOV, 2008[1972]). Este trabalho é, portanto, uma contribuição para que se diminua um pouco mais essa distância, ao buscar observar se informações sociais (sexo, faixa etária, escolaridade) se correlacionam à consciência linguística dos falantes na tarefa de atribuição de papéis semânticos. Essa contribuição baseia-se na observação de que tal fenômeno vem sendo amplamente estudado pelo viés gerativista, mas pouco discutido pela via da sociolinguística, aos moldes do que argumenta Oushiro (2011).

Referencial teórico

Para melhor compreensão e embasamento desta pesquisa, parte-se da proposta de Camacho (1999) e Cançado (2008, p. 70) para trabalhar o conceito de papéis semânticos. Essa autora propõe que os papéis semânticos se definem “(...) a partir da relação de sentido que o verbo estabelece com seu sujeito e com seu complemento, seus argumentos”, atribuindo “uma função semântica, um papel dentro da sentença, a esses argumentos”, além de que pode haver certa ambiguidade quando atribuímos diferentes papéis temáticos para a mesma sentença. Essa proposição de Cançado (2008) importa aqui porque embasa o interesse deste estudo em verificar se há diferenças na compreensão e atribuição de papéis semânticos por diferentes falantes/ouvintes, a exemplo de:

- (1) João cortou o cabelo¹.
- (2) Dr. João operou o nariz.

Em ambas as sentenças, Cançado (2008) explica que o mesmo verbo pode atribuir diferentes papéis semânticos para o mesmo argumento, em diferentes interpretações, graças à carga semântica de certos predicados, que atribuem esses diferentes papéis semânticos aos argumentos. Nos excertos acima, por exemplo, o mesmo argumento, *João*, pode funcionar tanto como *agente* [ele pegou a máquina e cortou o cabelo de um cliente; ele, médico, operou o nariz de algum paciente] quanto como *paciente* [pode ter tido o cabelo cortado por um profissional; pode ter tido o nariz operado por um médico].

O que se pretende é acessar quais papéis semânticos os falantes atribuem a sentenças como essas. Outros possíveis papéis semânticos, como *experienciador*, *tema*, *instrumento*, entre outros, também são operacionalizados neste estudo.

Metodologia

Para que sejam alcançados os objetivos deste estudo, propõe-se o seguinte desenho de percepção: Uma única pessoa gravará *clips* de áudios, com sentenças que levarão em consideração os tipos de papéis temáticos apontadas por Camacho (1999) e Cançado (2008), como *agente*, *experienciador*, *tema*, *instrumento*, entre outros. Serão gravadas 22 sentenças, que serão submetidas aos ouvintes para que eles façam a avaliação. Em seguida, os participantes responderão a um questionário on-line, em que escolherão o papel semântico que melhor acham que se correlaciona à sentença ouvida, o que permitirá verificar se as respostas coincidem ou divergem entre si em relação à atribuição de papéis temáticos, considerando as informações sociolinguísticas desses participantes, como sexo/gênero, idade e escolaridade. A análise estatística possibilitará verificar se essas variáveis são estatisticamente relevantes para a análise que aqui se propõe, e, por isso mesmo, serão submetidas à linguagem de programação do R (R CORE TEAM, 2023).

Considerações Finais

Como este trabalho está em seu início, ainda não há resultados conclusivos. Além de verificar se a atribuição de papéis semânticos é condicionada por categorias sociais, como sexo, idade e escolaridade dos participantes, esta pesquisa contribuirá, sobremaneira, para a diminuição da lacuna dos estudos dessa temática, pela luz da sociolinguística variacionista. Associado a isso, está o fato de que, a exemplo de Oushiro (2011), que analisou a realização variável de interrogativas-*Q*, a exemplo de *onde que você mora?*, *onde você mora?* e *onde é que você mora?*, este experimento vai permitir discutir a análise de variáveis sintáticas por meio da teoria da variação e da mudança linguística (LABOV,

¹ Os exemplos aqui citados foram extraídos de Cançado (2008).

2008[1972]), além de descrever a capacidade inata, e variável, da atribuição de papéis temáticos por ouvintes da variedade maranhense do português brasileiro.

Referências Bibliográficas

CAMACHO, Roberto Gomes. 'Estrutura argumental e funções semânticas'. In: **Alfa**, São Paulo, 43: 145-170, 1999.

CANÇADO, Marcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

OUSHIRO, Livia. **Uma análise variacionista para as interrogativas –Q**. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OUSHIRO, Livia 'Avaliações e percepções sociolinguísticas'. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. 50(1), pp: 318–336, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>. Último acesso em: 09 abril 2023.

R Team, Development Core. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. URL: <https://cran.r-project.org/bin/windows/base/>. Último acesso em: 08 abril de 2023.

SOUZA, Cristiane Ramos de. **Animacidade e papéis temáticos: um estudo experimental**. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, 2015.

POSIÇÃO ADVERBIAL PRÉ E PÓS-VERBAL EM TEXTOS MARANHENSES DO SÉCULO XIX

Helen Pessoa de Sousa Miranda
Universidade Federal do Maranhão
pessoa.helen@discente.ufma.br

Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
wendel.silva@ufma.br

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar dados de advérbios terminados em -mente, em casos como:

- 1) “O sr. Theophilo Machado: - O Inspector naturalmente entendeu que o exame era annual como faz no seu relatório.”
- 2) “o governo lhes dava credito, rebateo vitoriosamente os argumentos de Cicero Maranhenses; mas por que não lhe disse S. Senhoria para ver com que cara ficava o frango empapado”.

O corpus de análise são textos antigos, escritos ao longo do século XIX, no Maranhão. Esses textos estão disponibilizados no site do Arquivo Público de São Luís e no site da Biblioteca Pública Benedito Leite. Mais especificamente, pretende-se analisar a mudança na posição desses advérbios, uma vez que, como bem observa Martelotta (2006), há uma diferença entre a sincronia atual, que tende a preferir a posição pós-verbal para esses tipos de advérbios, enquanto a análise de dados de períodos pretéritos da língua, por esse autor. Os exemplos em 1 e 2, acima, revelam, no entanto, a variação na posição em que esses advérbios podem aparecer. Os dados extraídos dos documentos foram analisados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), e, de maneira mais específica, pela denominada Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 2009[1982]).

Estatisticamente, utilizou-se o programa R (R CORE TEAM, 2023) para análise dos seguintes grupos de fatores: posição do advérbio em relação ao verbo, pré-verbal ou pós-verbal, e a característica semântica do advérbio, se qualitativo, ou se modalizador.

Referencial teórico

A sociolinguística é a área dos estudos linguísticos que se ocupa em analisar a relação língua e sociedade. Consolida-se com os estudos de Labov (2008[1972]), sobre a realização de ditongos, como *life* 'vida' e *house* 'casa', na ilha de Martha's Vineyard, e a realização de -r em coda silábica, como em *car* 'carro' e *fourth* 'quarto', em lojas de departamentos de Nova Iorque. O desafio imposto a essa área era o de lidar com dados históricos. É com Romaine (2009[1982]) que se estabelece o interesse em padrões de usos, a partir da análise de dados históricos,

ou, dizendo de outro modo, que se consolida a chamada Sociolinguística Histórica, área que, segundo a autora, "tem interesse em descrever e analisar fenômenos linguísticos em variação, considerando seus aspectos sociais, culturais e históricos, com base em textos antigos escritos" (SANTOS, LOPES, MIRANDA, 2022, p. 173). A partir de então, a proposta metodológica de Romaine (2009[1982]) foi amplamente replicada por linguistas, incluindo-se a sociolinguística brasileira (cf. DUARTE, 1993; MATTOS E SILVA, 2004; CAVALCANTE; MARCOTULIO, 2012 entre outros), dentre as quais, a pesquisa que aqui se desenha.

Metodologia

Os dados de advérbios em *-mente* foram extraídos dos documentos históricos e transcritos em planilha do excel, em que se codificaram as variáveis apresentadas na introdução deste texto (posição do advérbio em relação ao verbo e característica semântica do advérbio). Essas variáveis foram estatisticamente analisadas com o programa R (R CORE TEAM, 2023), a fim de que fossem verificados se os grupos de fatores (estruturais e discursivos) focalizados se correlacionam ao fenômeno linguístico em análise.

Resultados e discussões

As porcentagens apresentadas na tabela 1, a seguir, evidenciam o fato de que há uma tendência maior de realização de advérbios terminado em *-mente* em posição pós-verbal, independentemente da característica semântica dos advérbios, se qualificadores ou quantificadores, variável que não mostrou relevância estatística para a análise realizada no R (R CORE TEAM, 2023).

Tabela 1: Tendências de usos de advérbios terminados em *-mente*

Característica semântica do advérbio	Posição do Advérbio em relação ao verbo			N / %
	se- Pré-verbal N/%	Pós-verbal N/%		
Modalizador	1 / 7,1%	13 / 92,9		14 / 0,12%
Qualitativo	10 / 10%	90 / 90%		100 / 0,88%
	N%: 11 / 9,65		N/Total: 103 / 90,4	114

Fonte: Santos; Lopes; Miranda (2022)

Dos dados descritos, 88% desses advérbios em *-mente* funcionam como qualitativos, enquanto os advérbios que funcionam como modalizadores dizem respeito a 12% da amostra. Dos advérbios qualitativos, 90% está em posição pós-verbal, enquanto os modalizadores correspondem a quase 93% das ocorrências, o que revela que a característica semântica do advérbio não se correlaciona estatisticamente com o fenômeno analisado neste estudo.

Conclusões

De um modo geral, a hipótese de que os dados de advérbios em -mente seriam mais recorrentes em posição pré-verbal, tal como nos estudos que se ocuparam do mesmo fenômeno, não se confirma, já que a posição pós-verbal é a mais recorrente na amostra analisada.

Entende-se que, para uma melhor e mais detalhada análise, é necessário que essa amostra seja ampliada, já que a maior parte dos dados são da segunda metade do século XIX. Logo, parece importar incluir mais dados da primeira metade desse século, além de caminhar alguns séculos para trás, a fim de que se observe como tal fenômeno se comporta, ampliando-se o escopo da esfera temporal, para a análise desse recorrente fenômeno.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. 'Novo olhar sobre as construções com se: para além da questão da concordância'. In: DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. **O sujeito em peças de teatro** (1833-1992): estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Editorial; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. 'Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil'. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorail, 2008[1972].

MARTELOTTA, Mario Eduardo. 'Ordenação dos advérbios qualitativos em -mente no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX'. **Gragoatá**, Niterói, n, 21, p. 11-26, 2º sem de 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois...: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.

R TEAM, Development Core. R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2023. URL: <https://cran.r-project.org/bin/windows/base/>.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York, 2009[1982].

SANTOS, Wendel Silva dos. LOPES, João Vitor Cunha; MIRANDA, Helen Pessoa de Sousa. 2022, p. 169-184. Posição de Advérbios Terminados em -Mente em Textos Maranhenses Escritos no Século XIX. In: FRANÇA, Glória; OLIVEIRA, Fábio. (Org.). **Linguagem, Discurso e Cultura**. São Paulo: Pontes Editora Ltda.

PROPOSTA DE ESTUDO DO USO DE *TU* E *VOCÊ* NA CIDADE DE OLHO D'ÁGUA DAS CUNHÃS E A PERCEPÇÃO DE GÊNERO

Maria Paula Vieira Soares
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
mpv.soares@discente.ufma.br

Wendel Silva dos Santos
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
wendel.silva@ufma.br

Introdução

A realização variável do pronome de referência à segunda pessoa do discurso já vem sendo amplamente estudado pela sociolinguística maranhense (cf. RAMOS, 1996, ALVES, 2011; 2015; RODRIGUES, 2022; LOPES, 2023), justificados pela compreensão de se tratar de uma variável que, fortemente, caracteriza a variedade maranhense do português.

O trabalho que aqui se propõe, coaduna-se a esse conjunto de pesquisas, ao objetivar apresentar um desenho de experimento que possibilitará o acesso aos significados sociais que ouvintes que se associam às formas pronominais que morfologicamente referem-se à segunda pessoa do discurso, a saber, **tu + concordância**, como em *tu fazes, tu fizeste, tu + Ø*, a exemplo de *tu faz* e *tu fez*, e **você**, como em *você faz* e *você fez*.

Especificamente, vai-se procurar observar se diferentes perfis sociais dos ouvintes atribuem diferentes significados sociais às formas linguísticas em foco, e se, ao uso dessas formas linguísticas, podem-se associar significados sociais relacionados a informações de gênero dos falantes.

Justifica-se tal proposta baseado no fato de que metacomentários acerca dos usos dessas formas verbais não apenas se relacionam à ideia de correção gramatical, como também se relacionam à de pessoas mais escolarizadas, especialmente mulheres (SANTOS, 2015).

Referencial teórico

A pesquisa sociolinguística que busca acessar significados sociais possivelmente associados a formas linguísticas têm recebido bastante atenção da sociolinguística brasileira. Nos últimos anos, muitas pesquisas se dedicaram ao estudo da percepção de variáveis linguísticas em todos os níveis de análise (cf. OUSHIRO, 2015; SORIANO, 2016; MENDES, 2018; SANTOS, 2020, entre outros).

No contexto maranhense, destaca-se a pesquisa que vem sendo desenvolvida por Rodrigues (2022), que vem se dedicando ao estudo da percepção dos usos de *tu* e *você* por ouvintes caxienses, e Lopes (2023), que vem se dedicando ao estudo dos metacomentários de ludovicenses e bacabalenses quanto ao uso desses mesmos pronomes. O primeiro desses trabalhos pretende ser o primeiro a discutir, de maneira mais contundente, os possíveis significados sociais associados aos pronomes de referência à segunda pessoa do discurso, enquanto

o segundo pretende discutir a construção de uma identidade linguística nas duas cidades citadas, a partir de metacomentários elaborados pelos falantes dessas localidades. O trabalho que aqui se propõe, pretende se alinhar aos estudos de Rodrigues e Lopes, ao buscar discutir se ouvintes da cidade de Olho D'água das Cunhãs associam ao uso dos pronomes *tu* e *você* marcas de correção gramatical, mas, além disso, se questões de gêneros emergem a partir da audição de trechos de fala de homens e mulheres dessa cidade.

Todos os trabalhos aqui elencados, incluindo-se o que aqui se desenha, são elaborados com base nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]; ECKERT, 2008; 2012), que entende que a variação linguística é sistemática, explicada, especialmente, por informações sociais dos falantes/ouvintes, que atribuem valores sociais às formas linguísticas disponíveis para uso.

Metodologia

Para o estudo que pretende acessar os significados sociais associados ao uso de *tu* e *você*, em Olho D'água das Cunhãs, esta proposta de trabalho seguirá o desenho de experimento que se detalha a seguir.

Serão realizadas entrevistas sociolinguísticas quatro homens e quatro mulheres nascidos e criados em Olho D'água das Cunhãs. O objetivo da realização dessas entrevistas é, além de se fazer uma análise de produção dos usos dos pronomes *tu* e *você* na localidade em questão, extrair trecho de entrevistas que possam servir de base para a elaboração dos estímulos do experimento.

De cada uma dessas entrevistas, pretende-se extrair trechos de falas que contenham, pelo menos, dois trechos com os pronomes *tu* ou *você*. Esses trechos com os pronomes serão manipulados, no sentido de que será pedido a esses mesmos falantes que repitam os trechos selecionados, substituindo-se o pronome originalmente produzido pelas formas coocorrentes. Assim, se, em um trecho, o pronome original é *tu*, seguido de verbo com concordância [tu fazes, por exemplo], vai-se pedir que esse mesmo falante repita o trecho destacado, agora substituindo-a por *tu*, seguido de verbo sem a concordância [tu faz Ø], e uma versão do mesmo trecho com o pronome *você* [você faz], seguindo-se, aqui, as orientações propostas por Oushiro (2015), que objetivou elaborar o campo indicial da percepção sociolinguística do /r/ em coda silábica (carta, porta) e do -*ên* ditongado (fazenda ~ fazêjnda), na cidade de São Paulo.

Uma vez manipulados, esses estímulos serão organizados em grupos de estímulos, iguais em todos os aspectos sonoros, diferenciando-se apenas as formas linguísticas em foco.

Esses grupos de estímulos serão apresentados a ouvintes de Olho D'água das Cunhãs, que avaliarão os trechos de acordo com as escalas de escolarização, correção gramatical, mas também se os falantes parecem menos ou mais masculinos quando ouvidos diferentemente, a depender do pronome realizado.

Tal experimento trará luz para a discussão de se essas formas linguísticas indiciam marcas de orientação sexual, para além de percepções associadas à escolarização dos falantes.

Conclusão

Ainda que não se tenham resultados consistentes que possam ser aqui elencados, dado ao fato de que a pesquisa encontra-se em sua fase de formatação, pretende-se discutir o fato de que significados sociais estão disponíveis para caracterizar a inclusão dos falantes na comunidade em que estão inseridos e se reconhecem.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2010.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ECKERT, Penelope. 'Variation and the indexical field'. *In: Journal of Sociolinguistics*, nº 12, vol. 4, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, Penelope. 'Three Waves of Variation Study: the emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation'. *Annual Review of Anthropology*, vol. 41. p. 87-100, 2012.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- LOPES, João Vitor Cunha. **Avaliações (socio)linguísticas sobre o uso do tu na fala de maranhenses**. Relatório de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.
- MENDES, Ronald Beline. **Percepção e Performance de Masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. Tese (Livre Docência) – FFLCH-USP. São Paulo, 225f, 2018.
- OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo**. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH-USP, 390f, 2015.
- RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. **O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito**. 1996 (mimeo).
- RODRIGUES, Rayane de Andrade. **Percepções Sociolinguística sobre tu e você no Maranhão**. Qualificação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2022.
- SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 50f, 2015.
- SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. **Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo**. 137f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH, USP, São Paulo, 2016.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

O MARANHÃO ENTRE O NORTE E O NORDESTE: O QUE DIZEM OS DADOS DO ALiB

Conceição de Maria de Araujo Ramos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
conciufma@gmail.com

Introdução

Os caminhos abertos pela Dialetoлогия, com o uso de dados orais de natureza geolinguística, ampliam sensivelmente a análise de fatos linguísticos, sejam eles decorrentes de diferenças regionais e/ou sociais, e examinados em quaisquer dos níveis de abordagem da língua. Acresce-se a essa realidade a ideia de que o léxico traz consigo evidências históricas, que podem contribuir para aclarar questões concernentes à sócio-história da língua (CARDOSO, 2016), por constituir esse componente da língua um espaço privilegiado que melhor torna manifestos os sistemas de valores, a visão de mundo e as práticas sociais/culturais de uma comunidade. Seguindo esses caminhos e essa ideia, propõe-se apresentar uma reflexão sobre o falar maranhense, no nível semântico-lexical, objetivando oferecer subsídios para uma possível definição areal, entendendo-se o Maranhão como uma área de integração entre o Norte e o Nordeste.

Referencial teórico

O trabalho pauta-se pelos fundamentos teórico-metodológicos da Dialetoлогия (CARDOSO, 2010 e 2016a), da Geolinguística (CARDOSO, 2010 e 2016b; GARCÍA MOUTON, 1990) e da Lexicologia (BIDERMAN, 2001). Parte-se, portanto, da ideia de que:

A variação de que se reveste toda e qualquer língua leva, inexoravelmente, à distribuição peculiar de usos que finda por especificar áreas, regiões, com características próprias, definidoras de sua identidade, demarcadoras do seu espaço linguístico-geográfico. (CARDOSO, 2016b, p. 33)

Subjaz a essa fundamentação o reconhecimento do lugar que o léxico ocupa em se tratando de um trabalho inicial cujo foco é a arealidade.

Metodologia

Para investigar essa posição do Maranhão, examinou-se um *corpus* constituído pelas respostas fornecidas por 88 informantes à pergunta 88 do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) – “Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?”. Esses informantes são oriundos de 19 pontos de inquérito do ALiB, sendo nove pontos no Maranhão, espaço geográfico alvo deste estudo, e 10 distribuídos entre três estados circunvizinhos – no Norte, o Pará, com quatro pontos, e o Tocantins, com um ponto, e, no Nordeste, o Piauí, com cinco pontos.

Resultados e discussões

Buscou-se catalogar, descrever e analisar as designações para ‘pernilongo’, com vistas a verificar sua distribuição diatópica e a propor um possível traçado de área dialetal. Foram catalogadas sete denominações para ‘pernilongo’ – *muriçoca*, *pernilongo*, *carapanã*, *praga*, *mosquito*, *jatium* e *maruim* –, que se encontram distribuídas pelos quatro estados investigados. Os resultados preliminares obtidos apontam que o falar maranhense apresenta peculiaridades, como a variante *praga*, que o diferenciam do que já se conhece acerca do Norte e do restante do Nordeste, e que se alinha ora com o Norte, com a presença da variante *carapanã*, ora com o Nordeste, com o uso expressivo da forma *muriçoca*.

Conclusões

Espera-se que estes resultados possam contribuir para que se atinja a meta almejada no que concerne a uma melhor compreensão da posição do Maranhão como área de transição.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetoлогия. In: MOLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016a, p. 13-22.

CARDOSO, Suzana Alice. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa (org.). **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016b, p. 33-47.

GARCÍA MOUTON, Pilar. El estudio del léxico en los mapas lingüísticos. In: MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (recop.). **Estudios sobre variación lingüística**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1990, p. 27-75.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO	Caderno de resumos expandidos do I Encontro de Sociolinguístas do Maranhão
ORGANIZADORES	Luís Henrique Serra Cibelle Corrêa Béliche Alves Wendel Silva dos Santos (Orgs)
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Radiley Suelma
PÁGINAS	107
FORMATO	155 x 220 mm
TIPOGRAFIA	Georgia CORPO Georgia TÍTULOS